

VERÃO



Os produtores continuam à espera dos recursos prometidos pelo governo

O dinheiro para o custeio da lavoura de verão continua saindo pingado, embora o governo anuncie a imediata liberação de NCz\$ 1,1 bilhão para o Estado. Apesar de insuficiente e atrasado, ele chega numa hora oportuna, principalmente para aquelas cooperativas que, para bancarem o plantio, tiveram de recorrer a empréstimos junto ao mercado financeiro

4. 5 e 6

DINHEIRO EM CONTA-GOTAS

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

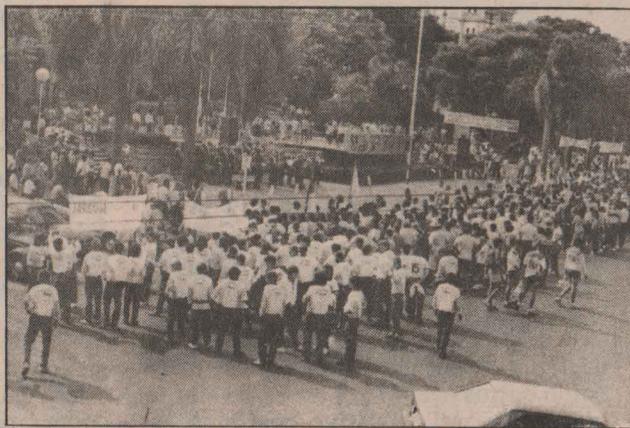
É hora de decidir os rumos do Brasil

Collor ou Lula. Um deles será eleito presidente do Brasil no próximo dia 17 — 10 e 11

LEITE

Jóia incentiva a organização

8



O ato solene de abertura dos jogos aconteceu na Praça da República

Cotrijuí sediou XIX Enescoop

Mais de 2.100 atletas, representando 46 cooperativas gaúchas participaram do XIX Enescoop, fortalecendo os laços de cooperação e integração existentes no sistema — Centrais

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Insc. INCRA nº 248/73
CGC.MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolivar Sperotto

Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

Superintendente/Dom Pedrito:

Eduardo Augusto Pereira de Menezes

Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

Superintendente/MS:

Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Amário Becker, José Dalzizo R. Marchese e Ivo Vicente Basso

Suplentes:

Ervin Egon Preissler, e Arthêmio Agostini

Diretores contratados:

Vilmar Hendges e Léo José Goi.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

A região Centro-Sul está concluindo o plantio de mais uma safra de verão. Até aí, nada de novo. Plantar soja, milho, arroz e feijão todos os anos, é uma prática corriqueira para quem já se tornou um especialista na arte de produzir alimentos. O novo, que na verdade nem chega a ser novo, mas este ano ganhou proporções mais graves, é o fato de que, embora a lavoura esteja pronta, muito pouco dinheiro do custeio chegou às mãos dos agricultores que recorreram ao Banco do Brasil atrás de financiamento. As poucas parcelas liberadas, beneficiaram apenas alguns produtores. Quem não teve recursos próprios para bancar a lavoura, só teve uma saída: bater às portas da cooperativa em busca de ajuda. E assim, de responsável pela organização, recebimento e comercialização da produção de seus associados, as cooperativas, de repente, se viram na condição de terem que bancar as lavouras, sob pena, caso não tomassem a peito a situação, de terem de fechar suas portas por falta de produto. Também não se pode dizer que foi fácil assumir o plantio das lavouras de verão, pois as cooperativas, na verdade, não deixam de ser a extensão das propriedades e, como os próprios agricultores, enfrentam escassez de recursos.

Para adiantar os insumos necessários, elas comprometeram o produto dos próprios agricultores que ingressaram no programa na troca de favores. Os insumos adiantados deverão ser pagos em produto físico, no final da colheita. É um negócio arriscado para os dois lados, que tem mais, já que a situação não tem volta e o governo Sarni nem está esquentando a cabeça, é que apostar numa safra boa e num mercado que comporte bons preços. A situação da lavoura de verão, a falta de recursos, o programa troca-troca, estão nas páginas 4, 5 e 6.

Chegou a hora de decidir os rumos do Brasil. No próximo dia 17, cerca de 80 milhões de brasileiros voltarão às urnas para eleger um dos dois finalistas: Fernando Collor de Mello ou Luís Inácio Lula da Silva, que apresentam hoje dois programas distintos. De um lado, um programa de governo baseado na reconstrução moral do país, e de outro, o desenvolvimento econômico com distribuição de renda. O resumo dessas propostas e as perspectivas sobre cada uma das vitórias estão nas páginas 10 e 11.

DO LEITOR

O Cooperativismo e as Leis Orgânicas

Luiz Fernando Konzen

O cooperativismo gaúcho nos últimos dois meses voltou a discutir e a debater, a exemplo do trabalho desenvolvido durante a Assembléia Nacional Constituinte e a Constituição Estadual, as Leis Orgânicas. A Lei Orgânica existe em todos os municípios do Rio Grande do Sul e nas cidades de Curitiba e Salvador, inexistindo nos demais estados e municípios, os quais terão a tarefa de criar e elaborar a Lei Orgânica para seus municípios. A referida lei tem a finalidade de fixar parâmetros e normas para reger os municípios, adaptando-se às novas Constituições, Federal e Estadual, que se referem aos municípios em mais de 150 artigos. Partindo de que é nos municípios que os associados e funcionários das cooperativas residem e começam a exercer a cidadania, recebem o ensino fundamental e os serviços iniciais de assistência à saúde, a participação através da apresentação de sugestões e propostas por parte dos associados e funcionários das cooperativas é fundamental para a elaboração da Lei Orgânica.

Considerando todo este contexto descrito no parágrafo acima, e pelos avanços conseguidos com a Constituinte Cooperativa, o I Encontro Gaúcho dos Vereadores Comprometidos com o Cooperativismo e o Associativismo, que se realizou no final do mês de outubro em Nova Petrópolis, marcou o entrosamento e a busca da sintonia do Poder Legislativo com a causa cooperativista. Contando com a participação de vereadores, associados e funcionários de cooperativas, deputados estaduais e federais, representantes de entidades ligadas ao cooperativismo e ao associativismo, após vários painéis sobre a Constituição Federal e a Estadual e as Leis Orgânicas, aconteceram trabalhos de grupo que trataram de temas como a educação, a cultura e ensino, a saúde, a agricultura, a habitação e o meio ambiente. O encontro concluiu que as escolas deverão desenvolver práticas educativas e pedagógicas visando o fomento do cooperativismo. Através desta prática, a escola vai buscar a promoção da idéia de coopera-



A Associação dos Vereadores ligados ao Cooperativismo e Associativismo do Estado apresenta-se como um novo desafio para o cooperativismo no campo da sua representação política.

ção deixando de lado o individualismo que só quer a competição entre as pessoas. Também chegou à conclusão da necessidade da participação das cooperativas nos Conselhos Municipais de Educação e da criação de escolas técnicas visando o atendimento das necessidades locais ou a vocação do município.

Na agricultura, cabe a Lei Orgânica o planejamento agrícola. Para isso o encontro reforçou a proposta das cooperativas no anteprojeto de "Lei Agrícola," que é a criação do Conselho Nacional de Política Agrícola, existindo no município o Conselho Municipal de Política Agrícola, com poder de decisão, e havendo paridade na participação das entidades governamentais ou representativas da agricultura e cooperativismo. Na parte da habitação, a opção pelo sistema de mutirão habitacional, que também é uma forma de cooperação e a designação e garantia na Lei Orgânica de recursos para a habitação rural.

Na área de saúde, a regulamentação e funcionamento dos Conselhos de Saúde - Comissões Interinstitucionais de Saúde -, integrando as coope-

rativas, sindicatos e outras associações existentes.

Na parte do meio ambiente, a principal conclusão, é que nos municípios deve haver um trabalho de conscientização, buscando o desenvolvimento da cultura preservacionista de meio ambiente e conservação de solo.

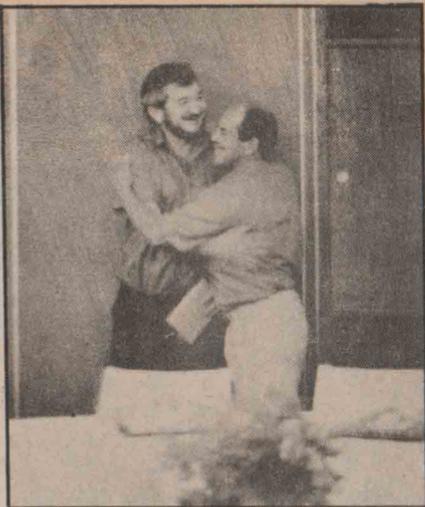
Outra questão muito debatida no encontro e que a Lei Orgânica não poderá ignorar, é o problema da evasão de riqueza do interior para a cidade, não havendo uma compensação em termos de serviços prestados ao meio rural. Outro ponto reforçado nas conclusões do encontro é o que diz respeito ao estímulo ao cooperativismo e ao associativismo, não somente na adoção desses temas nos currículos escolares, mas especialmente no apoio ao desenvolvimento da agroindústria cooperativa nos municípios do Rio Grande do Sul.

O cooperativismo brasileiro, além de seus órgãos representativos como organizações, Centrais e Federações de Cooperativas, vem tendo um respaldo político no Congresso Nacional através da Frente Parlamentar Cooperativista. Essa Frente Parlamentar também aparece na Assembléia Legislativa Estadual. No encontro de Nova Petrópolis, um momento de extrema importância para o sistema cooperativista gaúcho foi o lançamento da idéia da criação da Associação dos Vereadores Ligados ao Cooperativismo e Associativismo do Rio Grande do Sul, que teve a aprovação unânime de todos os presentes no encontro e apresenta-se como o mais novo desafio para o cooperativismo no campo de sua representação política. Essa idéia é lançada também aos demais vereadores que não estiveram no encontro, mas que se identificam com os ideais cooperativistas e que acreditam na cooperação como alternativa de organização, para a superação dos principais problemas e dificuldades enfrentadas pelas pessoas.

Luiz Fernando Konzen é coordenador da Área de Educação Cooperativa na Cotrijuí, Regional Pioneira

Meotti, 25 anos de Cotrijuí

O grande patrimônio que se cobra na vida, são as amizades, o respeito que se consegue carrear na comunidade", disse o ex-presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva na homenagem prestada ao atual diretor presidente do Grupo, Oswaldo Olmiro Meotti, pelos seus 25 anos de Cotrijuí comemorado no dia 10 de novembro. Ao associar a história da Cotrijuí com a história de sua gente, Ilgenfritz disse que Meotti poderia se considerar com 10 e não com 25 anos de Cotrijuí. "A história da Cotrijuí é a história de quem começa pela porta da frente e sai pela mesma porta. Sempre haverá novas tarefas, novas etapas, novos conhecimentos, muitas vezes num processo de alta superação para poder entender e atender às necessidades da conjuntura," observou ainda Ilgenfritz, para quem o momento não era só de homenagens, mas também de reflexão. Disse ainda que, como associado, sentia-se orgulhoso de ter Oswaldo



Oswaldo Meotti
A homenagem do ex-presidente
Ruben Ilgenfritz

Meotti não apenas como diretor presidente da Cotrijuí, mas também como um membro da cooperativa.

Ao agradecer a homenagem prestada pela direção e quadro funcional da cooperativa, Meotti lembrou o dia em que entrou para a Cotrijuí como um simples auxiliar de escritório. Associou o seu crescimento e permanência na Cotrijuí, ao fato de ter encontrado na cooperativa critérios e filosofia de trabalho, "de termos encontrado pessoas que se propunham a desenvolver seus objetivos com muita seriedade." Recordou os momentos difíceis, mas disse que o cooperativismo "é como cachaça" e sempre procuramos buscar o melhor para a organização cooperativista."

FRASES

"Se o sistema cooperativista não tivesse assumido a lavoura de verão deste ano, através do sistema troca de insumos por produto indústria, certamente hoje não teríamos nem soja e nem milho."

"Sabíamos que 1990 seria um ano difícil, mas não precisava ser tão ruim."

As duas frases acima são do diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti. Na primeira ele refere-se aos descasos do governo em relação a agricultura e a descapitalização do produtor que, sem recursos para poder plantar, foi obrigado a comprometer, na troca de insumos, parte da sua produção. Na segunda, ele comenta as previsões feitas no final do ano passado.

Gabbi preside STRI



Júlio Cezar

Júlio Cezar Gabbi, um agricultor de pouco mais de 30 anos e com ampla participação no movimento dos agricultores sem terras, é o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, em substituição a Carlos Karlinski, eleito vice-presidente. Júlio Cezar disputou a eleição com chapa única, recebendo cerca de 93 por cento dos votos. Dos 2.466 associados aptos a votar, 1.530 participaram da eleição e 1.418 votaram na chapa única. Houve 77 votos em branco e 35 nulos. A posse da nova diretoria do STRI acontece no dia 16 de janeiro. Além de Júlio Cezar e Carlos Karlinski, ainda foram eleitos Elaine Bigolin, como secretária e Léo Piccoli, como tesoureira. Na suplência ficaram Irineu Eloy Vettorato, Vera Regina Czichéski, Valmor Luís Krysczun e Zeno Lauro Heck. O Conselho fiscal da nova diretoria está constituído pelos agricultores Igênio Vicente Gabbi, Gerson Luiz Dalla Rosa e Waldir Foletto. Na suplência, Adilson Hintz, Darci Martin Scalco e Lourenço Francisconi.

A Comissão Interinstitucional de Saúde de Ijuí está com nova coordenação, eleita em assembléia geral realizada no dia 31 de outubro. Os cargos foram definidos em reunião realizada no dia 9 de novembro e que apontou Gustavo Drews, da Cotrijuí, como coordenador geral da Cims. Fioravante Balin, do Centro Social Urbano, foi escolhido vice-coordenador; Martin Agnoletto, secretário titular da Secretaria Municipal de Saúde, Trabalho e Ação Social, secretário e Eloisa Koph, da Unijuí, vice-secretária. Germano Gazolla, do Hospital de Caridade de Ijuí, é o tesoureiro titular e Arno Feigel, do Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação é o segundo tesoureiro. Como conselheiros efetivos, foram escolhidos Pedro Sanfelice, do Inamps; Darci Zwirtes, do Centro de Saúde; Célia Mahl, do Sesi; Marise K. Domingues, da Associação dos Odontólogos de Ijuí; Noemi Huth, da União de Mulheres de Ijuí; Vilmar Schu, da Sociedade Hospitalar Beneficentes de Ijuí - ex-Bom Pastor -; Carlos Karlinski, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí; Amilton Pereira Batista do Sindicato dos Metalúrgicos de Ijuí e Maria Lufza Lucchese, representando a Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

CURTAS

O cooperativismo vem sendo apontado como a "menina dos olhos" da Frente Brasil Popular. E, para pontear essa área, o nome que vem sendo apontado, é o do ex-presidente da Cotrijuí e ex-secretário geral do Ministério da Agricultura, o agropecuarista Ruben Ilgenfritz da Silva.

A inflação de novembro ficou em 41,42 por cento, dados divulgados pelo IBGE, saltando 3,8 pontos percentuais acima do índice registrado durante o mês de outubro. A previsão dos analistas é de que, em dezembro, ela encoste em 47 por cento. O IBGE disse ainda que são os produtos não alimentícios, cujos preços cresceram 44,85 por cento que continuam pressionando a inflação para cima. Os produtos alimentícios subiram, em relação a outubro, 35,26 por cento. Com este índice, o acumulado do ano já chega em 1.114,50 por cento.

Cria em dose dupla

O pequeno rebanho de gado leiteiro na propriedade de Eurides e Maria Andriollo, na Linha 6 Leste, em Ijuí, ganhou um reforço pouco comum no dia 17 de outubro. Uma das vacas, de raça Holandesa, conseguiu o feito de dar luz a um par de gêmeos - um casal -, fato nunca presenciado pelos produtores, mas que não chega a ser inédito, já que em outras regiões do País foi registrado a cria de trigêmeos.



Maria Andriollo
E o casal de gêmeos da Holandesa

Responsáveis por todo o consumo de leite produzido pela mãe, cerca de 10 litros diários, os terneiros se desenvolvem bem, segundo Dona Maria, que chegou até pensar em criá-los guaxos, mas não acabou fazendo porque "daria muito serviço." Daqui a um mês eles já estarão se alimentando apenas de pastagens e ração, o que, de acordo com a produtora deve fazer com que os animais ganhem peso com maior rapidez.

Surpresos com a segunda cria da Holandesa, os Andriollo, que são proprietários de 15 hectares em Alto da União, mas trabalham ainda em parte dos 25 hectares na Linha 6 Leste, só não contabilizam os gêmeos como um grande lucro, porque a área de pastagens da propriedade não chega a ser suficiente para as seis vacas em lactação, que rendem atualmente 50 litros diários, dos quais 30 são comercializados, ficando o restante para o consumo dos terneiros.



Conselho de Representantes da Pioneira
Reunião para avaliar o desempenho da Cotrijuí no ano

Reunião de avaliação

Fazer uma avaliação do ano. Esta foi a razão da reunião entre Conselho de Representantes da Cotrijuí na Regional Pioneira e direção da cooperativa. Com a participação do diretor presidente do Grupo, Oswaldo Meotti, do vice-presidente e do superintendente, Celso Sperotto e Walter Frantz, respectivamente, os associados analisaram a situação das três regionais, da produção recebida durante o ano, falaram da reforma administrativa, do desempenho do frigorífico São Luiz e puxaram um assunto que volta e meia vem à tona: o do desmembramento, uma proposta levantada pelo Mato Grosso, mas que, por falta de respaldo dos próprios conselheiros da regional matogrossense, voltou para a gaveta e a discussão, mais uma vez, foi adiada. De concreto, ficou estabelecido que, até o final do ano, serão organizadas reuniões nas unidades, com a participação de representantes e conselheiros, para discutir melhor a questão da reforma administrativa na Cotrijuí.

Bancando a lavoura

Atraso na liberação dos recursos para custeio, fez com que as cooperativas tomassem a peito o plantio da safra de verão

As lavouras de soja, milho, arroz e feijão deste verão só foram plantadas, porque as cooperativas bancaram o fornecimento dos insumos, "numa atitude até certo ponto arriscada já que, de nenhum dos lados existe qualquer tipo de segurança para o caso de alguma frustração ou do mercado não comportar preços", diz o diretor presidente do Grupo Cotrijuf, Oswaldo Meotti ciente de que o risco é grande, capaz, em situação adversa, de colocar em xeque a própria estrutura patrimonial da cooperativa. O dinheiro tão prometido pelo governo para bancar a lavoura e tão esperado pelos agricultores, além de minguado e caro, vem chegando a conta-gotas. A maioria dos agricultores que solicitaram financiamento de custeio, ainda estão na espera da liberação do dinheiro, mas a planta já está pronta, graças a sustentação dada pelas cooperativas.

Se não fosse essa atitude das cooperativas, a redução na área plantada que hoje vem sendo apontada pela Companhia de Financiamento à Produção como de 12,7 por cento para o arroz e que significa menos de 412,7 mil hectares de planta e 7,8 por cento para a soja, representando menos 928,9 mil hectares de lavoura, seria ainda mais acentuada. Dos 3,2 milhões de hectares cultivados com arroz na safra anterior, estão sendo plantados 2,7 mil hectares. A lavoura de soja do ano passado chegou a 11.768 milhões de hectares, mas a área desta safra não deverá passar dos 10.600 milhões. No Rio Grande do Sul, segundo informações levantadas pelo Departamento Técnico da Fecotrigo, a lavoura de soja terá uma redução na ordem de 5,9 por cento em relação aos 3.669.457 hectares cultivados no ano anterior.

TROCA-TROCA — Historicamente, costuma dizer Meotti, "as lavouras, tanto de verão como de inverno, só têm saldo em tempo hábil, graças a ação, ao apoio e ao trabalho do cooperativismo como um todo," não poupando críticas ao descaso do governo em relação as atividades agropecuárias. Para poderem pontear a implantação das lavouras, as cooperativas criaram um sistema de troca-troca, adiantando o fornecimento da semente e do adubo, por conta de produto físico a ser entregue, como pagamento, no final da colheita. "Isso vem demonstrar a fragilidade da política agrícola em favor da produção", critica o diretor superintendente da Cotrijuf na Pioneira, Walter Frantz. Reconhece o risco que as cooperativas estão correndo, mas garante que pior "seria se não houvesse lavouras e nem produção", adianta Frantz, entendendo que, no final das contas, o cooperativismo como um todo optou por jogar com o menor risco.

A despreocupação do governo com relação a liberação dos recursos para o custeio das lavouras de verão desta safra — até 1983 o governo colocava à disposição dos produtores rurais entre 7 a 9 bilhões de dólares para o financiamento da safra — que mal chegava a 1,5 bilhões de dólares, tem muito a ver com a escassez de recursos e também com a falsa idéia de que o pro-



Lavoura de soja
A maioria está plantada, graças ao apoio das cooperativas. Ao lado, Oswaldo Meotti

dutor está capitalizado. "Essas afirmações das autoridades econômicas e financeiras, de que o produtor está capitalizado e que tem por fim afastar a interferência do governo das regras da safra, não passam de um grande equívoco", rebate Meotti. A grande realidade, como faz questão de frisar, é que as cooperativas vêm sustentando a situação e liberando os insumos necessários para a formação das lavouras em

E, neste ano, segundo o diretor presidente da Cotrijuf, a situação foi ainda mais crítica. O dinheiro liberado



por parte do governo para financiar as lavouras foi insignificante. Na agência do Banco do Brasil de Ijuí, por exemplo, até o final de novembro, apenas 30 por cento dos contratos encaminhados haviam sido liberados. Outros poucos produtores tiveram condições de plantar com recursos próprios, "mas a grande maioria se utilizou de recursos

que a Cotrijuf buscou no mercado, dando produto antecipadamente, abertura de câmbio para a aquisição dos insumos repassados aos agricultores. O troca-troca feito com os produtores de soja, associados da Cotrijuf Pioneira, representa um volume de produto indústria, a ser devolvido na safra, de 6.146 toneladas. O programa de milho está comprometendo 51 toneladas de soja e o feijão uma tonelada também de soja.

QUALIDADE — A preocupação do diretor agrotécnico da Cotrijuf na Pioneira, o Léo Góti, é com a qualidade das lavouras que estão sendo formadas nesta safra de pouco dinheiro. "Mas os produtores estão plantando sem adubo ou então, utilizando pequenas quantidades, afirma Góti, garantindo que a situação deverá refletir na qualidade das lavouras, o que, certamente, comprometerá a produtividade. "O descuido na lavoura, prossegue ainda, não por culpa do produtor. Ele até que gostaria de fazer uma lavoura melhor, dentro das recomendações técnicas", acreditando o menor uso de adubo e de sementes não fiscalizadas às condições impostas pelo governo que desde o início da formação das lavouras mandando recursos em conta-gotas. "Não é por falta de vontade que os produtores estão plantando com risco reforçando lembrando que o programa troca-troca da Cotrijuf serviu para amenizar um pouco a situação.

Produção comprometida

Nunca foi tão difícil plantar como neste ano. O dinheiro para os financiamentos, além de escassos e caros, tem saído a conta-gotas, levando os agricultores a pipocarem para todos os lados, em busca de recursos para a lavoura. Essa situação, promovida pelo próprio governo que hoje não dá a menor atenção a agricultura, também está sendo vivida pelo seu Silvino Pettenon, proprietário de 60 hectares de terra em Pedro Paiva, interior de Santo Augusto e arrendatário de mais 83 em Paineiras, Coronel Bicaco.

O seu Silvino planta em sociedade com mais três filhos e, este ano resolveu dar um "chega pra lá" no banco e plantar por conta. Não foi fácil "e tivemos de esgrimir para todos os lados", diz ele, se recusando, no entanto, a pagar "as taxas de juro exorbitantes cobradas pelo banco". Para plantar os 140 hectares de soja, seu Silvino usou recursos da suinocultura, um pouco do dinheiro do trigo — e segunda parcela ainda não havia saído — e algum recurso, "mas escasso", da olaria de um dos filhos. Parte da semente ele tinha em casa. O resto pegou na Cotrijuf, através do programa troca-troca.

Já tinha um pouco de adubo em casa e comprou mais um tanto, mas não o suficiente para adubar toda a área. Como o dinheiro já está terminando e o seu Silvino não quer se endividar demais, decidiu que 30 hectares calcariados ano passado através do programa troca-troca da Cotrijuf, não serão adubados nesta safra. "Nesta área só vou usar esterco de porco", confiante na produção

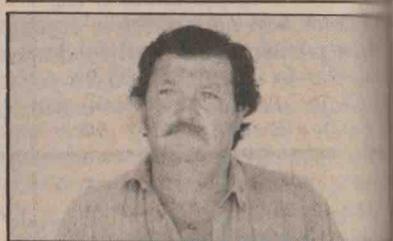
alcançada ano passado e que chegou a 53 sacos por hectare.

METADE — "Se fosse depender dos recursos do Banco do Brasil, ainda não tinha plantado soja", reclama José Valmir Stival, proprietário de 25 hectares e arrendatário de mais 100 hectares em Ponte Seca, Santo Augusto. Ele ainda arrenda mais 26 hectares em Campo Santo, Coronel Bicaco. O Valmir financiou metade da lavoura e o resto está plantando com "muito sacrifício".

Mesmo sem os recursos do financiamento, Valmir já plantou 80 por cento da lavoura. Conseguiu um pouco de semente na Cotrijuf, através do sistema troca-troca e o resto comprou com o dinheiro do trigo, que se resumiu num saldo de NCz\$ 14 mil. A aquisição do adubo, está mais difícil. "Estou querendo pegar um pouco com a Cotrijuf, dentro do mesmo programa da semente", diz o Valmir que nem pensa em usar herbicida na lavoura. "Chega o adubo que já vou usar em menor quantidade, fazendo uma lavoura fora do padrão técnico exigido por causa dos custos elevados. Mesmo sabendo dos riscos de fazer uma lavoura tecnicamente mal conduzida, o Valmir não vê outra saída e cita, como exemplo de aperto vivido pelos agricultores, o fato de terem de comprar óleo diesel "fiado", a juro de dois por cento ao dia. "Isso dá 60 por cento de juro ao mês", observa. "Estou fazendo uma lavoura totalmente endividada. A



Silvino Pettenon, acima; Valmir Stival e ao lado Armindo Bender



minha produção e muitos agricultores na mesma condição, já está quase toda comprometida".

TROCA-TROCA — O seu Armindo Bender, proprietário de 59 hectares localizados em São Valério, onde pretende plantar soja e milho, é mais um dos tantos agricultores associados da Cotrijuf que, nesta safra não teve outra saída, senão recorrer aos programas de troca-troca da cooperativa. Não planta financiado há dois anos, "pois se recusa a pagar juros violentos, enquanto a produção vale pouco mais de nada".

"É uma lavoura difícil e de muitos riscos", assinala seu Armindo referindo-se a falta de segurança e ao comprometimento da produção. "O sistema troca-troca feito pela Cotrijuf, foi a saída encontrada. Se ele não existisse, a situação ainda seria pior, só que ele não nos oferece nenhuma segurança. Se der azar da lavoura produzir mal, e a safra quebrar, não tenho de onde tirar dinheiro para pagar as contas, senão vender os bens", diz o agricultor, prevendo, caso o governo não encontre uma solução para a situação, uma debandada geral do campo. "Muito agricultor vai quebrar nesta safra", diz ainda.

A safra do troca-troca

A lavoura nem bem está plantada, mas já está comprometida. Ela está valendo o adubo, a semente, o óleo.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos agricultores, como a falta de recursos para o Crédito Rural e a descapitalização do meio rural, o plantio da safra de verão anda em ritmo acelerado no Estado e mais da metade das lavouras já foram plantadas. Uma grande redução da área de soja ainda não se concretizou como eram as previsões iniciais, pois o produtor teve ou está tentando optar pelo plantio porque essa é a sua única safra para continuar na atividade.

Diante de um cenário difícil como esse, onde grande parte dos agricultores não possuía recursos sequer para fazer lavoura, um fator novo entrou no mercado e a prática do mercantilismo foi a melhor solução. A situação foi mais notória onde a proporção dos problemas era maior, mas de um modo geral em todas as regiões produtoras as cooperativas e empresas do setor agropecuário promoveram a permuta e a troca de insumos pela moeda do produtor que é o seu produto agrícola. Isso sem dúvida facilitou a vida de muita gente mas ainda assim a situação de alguns é bastante crítica, seja porque não quitaram seu financiamento junto ao banco, seja porque tiveram que se desfazer de parte de seu patrimônio para saldar as dívidas.

Outra preocupação diz respeito a queda de produtividade das lavouras de soja, que se efetivará na hora da colheita, mas mesmo assim já se espera uma significativa redução, pois muitos agricultores para evitar gastos maiores, reduziram a aplicação de adubo e de outros insumos. Em todo país a diminuição de adubo deve ficar em torno de 30 a 40 por cento, e a redução de inseticidas e herbicidas deve representar de 10 a 20 por cento na ava-

liação de um representante de uma empresa de insumos.

Conscientes de que no final das contas essa atitude vai resultar num menor rendimento da lavoura, muitos produtores optaram por fazer um plantio com técnicas corretas e apostando num aumento de produtividade. Esse é o caso do associado de Maracaju, Sebastião Queiroz de Souza, que vai plantar os mesmos 1.100 hectares (500 são seus e o restante arrendados) do ano passado só que com mais adubo. Nesta safra ele vai diversificar um pouco sua produção plantando 850 hectares de soja e 250 de milho, uma vez que na anterior havia plantado somente soja.

O associado pode ser tomado como exemplo de uma



Sebastião de Souza

situação bastante comum atualmente porque ainda não liquidou a metade do seu financiamento junto ao Banco do Brasil, não recebeu novo empréstimo mas mesmo assim já plantou 70 por cento da sua lavoura graças ao sistema de permuta que lhe permitiu tomar emprestado todos os insumos necessários. Ele diz que está esperando a liberação do novo financiamento, solicita-



Lavoura de milho
Aumentando de área em algumas propriedades

do há dois meses, para quitar o saldo do anterior e equilibrar as contas, porque essa é a

única safra, descartando a idéia de vender alguma área ou maquinário, uma vez que o preço da terra está defasado e ninguém tem dinheiro sobrando. Sebastião Queiroz de Souza trabalha há 15 anos na lavoura e não se lembra de alguma situação tão difícil como está passando agora. Ele acha que se não mudar a política agrícola do governo, muita gente vai a falência, principalmente o grande produtor tem a mesma opinião e diz que nunca viu uma crise na agricultura tão grande com os juros tão altos e os produtos agrícolas com os preços tão defasados. Para ele hoje o produtor não pode ir ao banco buscar financiamento porque está arriscando a trabalhar só para pagar o empréstimo. O associado diz que há quatro anos não financia sua safra de soja e vai repetir a dose esse ano, pois seus 80 hectares serão plantados com recursos próprios.

Numa época em que o dinheiro anda escasso e os juros pela hora da morte, a situação do associado é privilegiada, assim como também é a da maioria dos produtores de Montese. Na região, caracterizada como de pequenos agricultores, serão plantados esta safra cerca de 35 mil hectares de soja e 300 de milho e estima-se que 90 por cento dos associados da cooperativa na localidade cultivem sua safra de verão com recursos próprios.

Poucos recursos

Além de serem poucos os recursos para a agricultura esse ano, o governo Federal, alegando controle da inflação, resolveu restringi-los ainda mais, aumentando assim as dificuldades do setor rural que padece com a falta de dinheiro, paga juros extorsivos e vê o seu produto com preços cada vez mais defasados. A agricultura não é um caso isolado mas sem dúvidas é uma das atividades mais sacrificadas nesse momento pela política econômica do ministro Mallson da Nóbrega.

Para o gerente adjunto do Banco do Brasil de Dourados, Evódio Carneiro da Cunha, a situação faz parte de um contexto que além dos problemas econômicos está sendo afetado também pelo processo político que atravessa o país. Ele não arrisca uma previsão sobre os recursos a serem liberados para o Crédito Rural na região, mas acredita que apesar dos atrasos, todo o dinheiro necessário deva ser liberado. Até o final de novembro o Banco do Brasil de Dourados havia liberado 117 contratos entre pequenos, médios e grandes produtores e estavam à espera de aprovação 285 propostas de financiamento. Cunha lembra ainda que na mesma época no ano passado, cerca de 90 por cento já estava liberado, mas até agora foram liberados apenas 25 por cento dos financiamentos. Quanto a inadimplência junto a agência local, o gerente adjunto considera que não seja muito expressiva uma vez que está entre 15 a 20 por cento.

Já no município de Maracaju a situa-

ção é mais grave porque a metade dos agricultores ainda não liquidaram os seus débitos junto ao Banco do Brasil. O gerente local, José Carlos Gabas atribui isso ao fato de que lá existem entidades de classe muito fortes, que iniciaram um movimento para que os produtores suspendessem o pagamento das dívidas.

No final de novembro a agência havia liberado cerca de 20 milhões de cruzados novos mas para atender a todos, seriam necessários mais 80 milhões, mesmo assim todos os pequenos ou mini produtores haviam conseguido recursos. Esses entretanto, representam uma minoria pois a maior parte dos agricultores do município são médios ou grandes.

O gerente do Banco do Brasil afirma que estão à espera de aprovação cerca de 200 propostas e lembra que a prioridade será para aqueles que já quitaram o financiamento anterior. O Gabas estima que os recursos necessários não sejam liberados até o final do ano devido a lentidão do governo, mas calcula que até o final de janeiro isso aconteça.



José Gabas

Aplicando Fusilade no cedo, ganha o agricultor, ganha a soja.

Vantagens de Fusilade

- Fusilade controla as gramíneas antes da competição com a soja, mesmo com chuvas 1 hora após a aplicação.
- Fusilade, além das gramíneas anuais, controla também as gramíneas perenes.
- Fusilade tem o menor custo/ha.



ELIMINA A COMPETIÇÃO NO CEDO.



Agroquímicos

ICI Brasil S.A.

São Paulo SP Tel.: (011) 525 2322

Seca atrasa lavoura

Em Dom Pedrito técnicos consideram que orizicultura será reduzida em 85 por cento da área. Opção poderá ser a soja, o sorgo e o milho

A região da campanha gaúcha vive neste momento uma expectativa de apreensão e medo generalizados, em face da seca que, até aqui, vésperas dos prazos fatais de plantio, não permite o preparo das lavouras para as culturas do verão. No município de Dom Pedrito, que nos toca em particular, devido a Regional Cotrijuí ali localizada, a situação pode ser considerada crítica.

O que já se pode dizer quase que com certeza, é que a redução das áreas de cultivo deverá chegar, em alguns casos, aos 85 por cento. O agrônomo Eloy João Cordero, chefe do escritório do Irga, calcula que será esse o percentual de redução da lavoura do arroz, no município. Se essa previsão realmente vier a se confirmar, continua prevendo o técnico, o município deixará de arrecadar 44 por cento de impostos, o que se constituirá em verdadeiro desastre para a administração. O desemprego será inevitável, já que a maior parte da mão-de-obra ocupada em Dom Pedrito dedica-se ao arroz, em seus diversos estágios.

BANCO DO BRASIL CONFIRMA QUEDA — O setor de crédito agrícola do Banco do Brasil no município confirma a preocupação manifestada pelo técnico do Irga. Até os últimos dias de novembro, apenas 2.945 hectares de arroz haviam sido contratados junto ao setor. E o gerente da agência, Waldemar Trevisan, disse que à mesma época, no ano passado, tinham sido feitos contratos para 20.294 hectares. É verdade, diz ele, que ainda há tempo para mais alguns contratos, mas dificilmente se alcançará cinco mil hectares de lavoura de arroz, o que viria se constituir em 25 por cento do que foi cultivado na safra de 1988/89.

OPÇÃO DEVE SER PLANTAR A SOJA — A Cotrijuí vem orientando os produtores a direcionarem suas atenções para outras culturas, não irrigáveis, como o milho, o sorgo, e principalmente a soja.

O coordenador agrotécnico, agrônomo Jorge Peres, vem sugerindo a diversificação dessas culturas, nas terras de várzea, espaços tradicionalmente ocupados pela lavoura arrozeira. Reconhece não ser fácil a opção, até mesmo pela incerteza de bons resultados, no caso de um verão que pode ser chuvoso em excesso, o que poderia prejudicar essas culturas.

Ele calcula que poderá ser cultivada até 15 mil hectares com soja. Mesmo assim, inferior ao espaço que foi cultivado em 1988, que foi superior a 18 mil hectares, segundo o cadastro do Banco do Brasil. Até 28 de novembro, o mesmo Banco do Brasil tinha registrado pedidos de empréstimo que totalizavam 9.362 hectares. É verdade que a soja tem prazo até 31 de dezembro para ser financiada. Por isso, a expectativa é de que aumente bastante a lavoura com essa leguminosa.

Por outro lado, há os que plantam com recursos próprios. E esse controle escapa ao Banco do Brasil. Gabriel da Cás, presidente da Associação dos Agricultores, orizicultor e beneficiador de arroz, está decidido a plantar 5.000 hectares com soja.

UMA BARRAGEM QUE FICOU INÚTIL — Há um produtor que tem razões de sobra para estar desesperado e até revoltado com a presente situação. É que, precisamente neste ano, resolveu aumentar a capacidade de reserva de água em suas lavouras. Construiu uma barragem de captação para mais 50 quadras de arroz. Pelo visto, vai ficar só na despesa. O produtor é Gentil Pozzebon, que planta e cria na região de Ponche Verde.

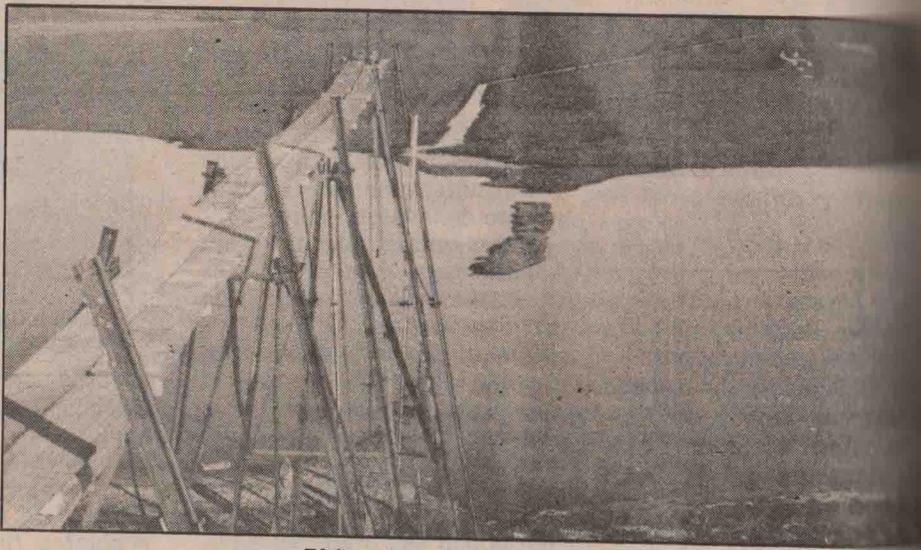
A esta altura, já completamente desesperado de plantar arroz, vai ficar atento



Oscar Silva



Gentil Pozzebon



Efeitos da seca na fronteira
Barragens continuam sem água

na soja. Assim mesmo — adverte ele — conforme o comportamento do clima, daqui para diante.

Até fim de dezembro resolve a quantidade de soja que irá cultivar.

PROBLEMAS PARA OFUTURO — Segundo o vice-presidente da Regional Dom Pedrito, Oscar Vicente e Silva, es-

tá demonstrado que precisamos nos preparar para enfrentar problemas muito sérios, num futuro próximo. Ele afirma ser evidente que a Cotrijuí Regional, de maneira particular, e o município, em geral, viverão dias difíceis talvez já a partir dos primeiros meses do próximo ano.

O mesmo ponto de vista é manifestado pelo presidente do Sindicato Rural do município, José Roberto Pires Weber, que aconselha o máximo de cautela e prudência nos

gastos, a partir deste momento. Considera da maior importância que os produtores administrem com o melhor desempenho, evitando gastos que, mesmo urgentes e indispensáveis, sejam passíveis de adiamento por mais algum tempo. É preciso esperar o saneamento dos horizontes, tendo em vista o clima como da economia do país, para que os produtores possam prosseguir, sem maiores traumas, seu caminho para o futuro, adverte o líder agropecuarista.

Agora Tudo Sob Controle.

RINITE - COLI - DISENTERIA - PNEUMONIA - SALMONELLA

DINAMAX

NOVO

Melhora a produtividade dos suínos e aumenta os lucros.

- Revolucionária Associação: Potente Antibiótico + Sulfadimidina + Furazolidona.
- Efetivo controle e prevenção das principais doenças suínas.
- Comprovado aumento no ganho de peso e excelente melhoria da conversão alimentar.
- Pode ser utilizado em reprodutores, matrizes e leitões.
- Fácil de usar - dosagem única.
- Pode ser misturado às rações fareladas e peletizadas.

DINAMAX
Tudo Sob Controle.

Belo Horizonte (031) 201-1991 • Curitiba (041) 223-8128 • Porto Alegre (0512) 42-6956
Recife (081) 221-2651 • São Paulo (011) 241-8513

SQUIBB VETERINARIA

QUALIDADE
SERVIÇO
CONFIANÇA



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

- 5º andar - Fone 33-50-32

CITRICULTURA

O começo em 1990

Os acordos já estão prontos. Falta apenas o governo do Estado assinar o convênio com as prefeituras municipais da região para a citricultura tornar-se mais uma alternativa econômica para as pequenas propriedades.

Todas as dúvidas que persistiam em relação ao projeto de citricultura a ser implantado na região em meados de 1990, foram desfeitas durante a reunião entre prefeitos, presidentes de Câmaras de Vereadores e produtores dos municípios da área de atuação da Cotrijuí na região e o diretor do Departamento de Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura, o agrônomo Júlio Feldens. A reunião aconteceu no dia 18 de novembro, em Chiapetta, marcando um ponto final nas dúvidas existentes. A assinatura do convênio entre prefeituras municipais e governo do Estado, deve acontecer no mês de dezembro, em Porto Alegre. O projeto envolve toda a Cotrijuí e Emater.

"Não restam dúvidas de que a citricultura representa uma alternativa econômica para a pequena propriedade," observa o coordenador da área de Hortigranjeiros da Cotrijuí na Pioneira, o agrônomo Agostinho Boaro, entendendo ainda existirem boas perspectivas de mercado para o produto, que a partir de 1990 passa a disputar com as demais culturas praticadas na região, a atenção dos produtores. Inicialmente, o projeto prevê a implantação de 150 mil mudas, o que vai representar, num primeiro momento, uma área de 300 hectares situada nos municípios onde a Cotrijuí atua. Mas a implantação do projeto em municípios da área de abrangência da Cotrijuí, não significa que apenas a cooperativa tenha de se envolver com a atividade. Também vão estar envolvidos as prefeituras municipais, Emater e a própria Secretaria da Agricultura.

INCUMBÊNCIAS — Cada uma das partes envolvidas no projeto, terá uma in-

cumbência a desempenhar e que deverá, se feito com a eficiência esperada, resultar em crescimento da atividade na região. A Cotrijuí, por exemplo, tem a seu encargo a seleção e organização dos produtores, a assistência técnica e a comercialização ou industrialização da produção. Já a Secretaria da Agricultura terá de garantir, pelo menos nesta primeira fase do projeto, as 150 mil mudas a serem implantadas. A continuidade do projeto vai depender de mudas produzidas por viveiristas, "a partir de material genético de qualidade fornecido pela própria Secretaria," esclarece Boaro.

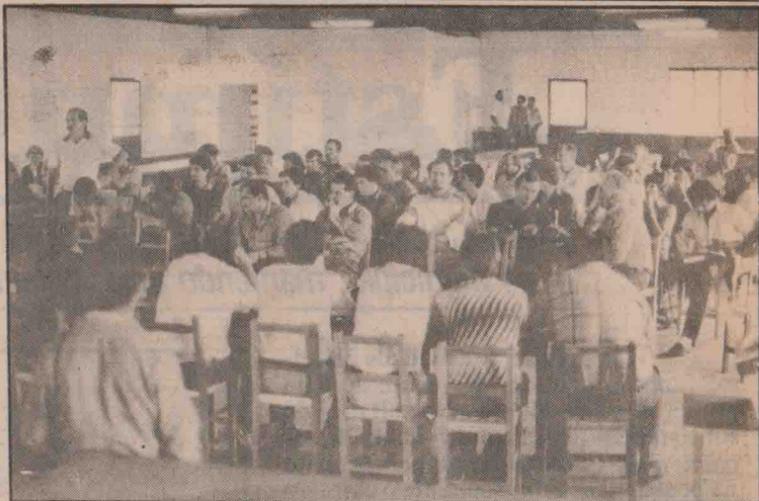
Para as prefeituras municipais, fica a tarefa de implantar uma lei regulamentando a comercialização de mudas. Essa medida, segundo alertou o próprio Júlio Feldens durante a reunião, vai evitar que mudas sem fiscalização e com problemas de sanidade, sejam adquiridas pelos produtores. As prefeituras também vão ajudar na distri-



Júlio Feldens

buição das mudas. A Emater vai ajudar na seleção dos produtores, dispensando, no entanto, maior atenção a elaboração de projeto de financiamento a ser encaminhado para o Feaper — Fundo Estadual de Apoio a Pequena Propriedade. Pelo projeto a ser elaborado pela Emater, os produtores vão poder financiar a implantação de seus pomares através do sistema troca de mudas por produto.

ÁREA MÍNIMA — Para este primeiro ano, ficou estabelecido que a área mínima por produtor que quiser ingressar no programa, é de um hectare. A área máxima não pode pas-



Reunião entre prefeitos municipais e representantes da Secretaria. Os acordos finais para a implantação do programa na região.

sar de dois hectares. "O que se pretende com a citricultura na região, é que ela se torne mais uma opção de diversificação dentro da pequena propriedade," explica o agrônomo, afastando a idéia de que a citricultura possa representar uma ameaça ao processo de diversificação. "Ela vem integrar-se às demais atividades desenvolvidas na propriedade, como leite, suínos, peixes, entre outras, observa citando o limite de área por produtor como um critério capaz de impedir qualquer outra intenção. Também deverá ser levado em consideração a situação do solo, a exposição do terreno, o tamanho da propriedade, a capacidade de produção, a mão-de-obra disponível na propriedade, o conhecimento da cultura, entre outros critérios que vão definir mais claramente qual produtor poderá participar do projeto de citricultura. É claro, segundo Boaro, que os municípios lo-

calizados mais próximos ao rio Uruguai e beneficiados com micro climas apropriados, deverão ser os mais favorecidos.

A partir da implantação do projeto, marcado para junho/julho de 1990, se contaria três anos para tirar a primeira colheita que deverá render em torno de seis toneladas por hectare, "se estabelecendo a partir do 10º ano, com uma produtividade média de 70 toneladas por hectare," esclarece Boaro. Para o segundo ano está definida a implantação de 70 mil mudas, que já estão sendo produzidas pelos viveiristas. Como existe necessidade de se esticar a época de produção — o citros produzidos atualmente são de maio a agosto — a intenção é plantar variedades como a Valência, por exemplo, que produz de agosto a novembro. "Essa é uma época ainda não explorada na região e que precisa ser avaliada."

A Cotrijuí em Formosa

O projeto de intercâmbio econômico firmado entre Ijuí e a Província de Formosa, na Argentina, começa a deixar o campo dos reconhecimentos e discussões e se encaminha para o lado prático. Esse passo, decisivo para a solidificação da tão falada integração e que, futuramente, deverá dispensar as barreiras fronteiriças entre os dois países, está sendo dado a partir da instalação, de parte da Cotrijuí, de áreas experimentais de soja na região chaquenha. A ida de um agricultor associado, Pedro Guiotto, de

Augusto Pestana para Formosa, que já se prepara para plantar, em terras argentinas, 120 hectares de soja, é mais um avanço dentro do projeto. Pedro Guiotto, a princípio, pretende plantar soja em terras arrendadas.

De parte da Cotrijuí, que faz uma espécie de mediadora entre o governo da Província de Formosa e os agricultores da região, estão sendo instalados alguns experimentos de soja, variedades cultivadas no Estado e levadas, cerca de 15 dias atrás,

pelo agrônomo da unidade de Ijuí, Airton de Jesus. Os experimentos, que terão acompanhamento dos técnicos da Cotrijuí e do pessoal do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária, na responsabilidade do agrônomo e especialista em soja, Eduardo Ocampo, estão sendo implantados em quatro regiões diferentes: Colorado, Espinilho, General Belgrano e General Guenes. "A Cotrijuí, informa o gerente da Área de Produção Vegetal da Cooperativa, Pioneira, o pesquisador João Miguel de Souza, está tendo

todo o apoio do Inta, através de seu diretor, o agrônomo Salvador Avell Barbona.

Além de definir, em conjunto com o Inta, as áreas de implantação dos experimentos da Cotrijuí, Airton de Jesus aproveitou a estadia de quatro dias em Formosa, para visitar propriedades e lavouras de soja. "Os experimentos estão sendo implantados em parcelas, com quatro repetições no mesmo local e ainda repetidas em quatro áreas diferentes", explica Airton de Jesus que espera, para o dia 19, a visita do agrônomo Eduardo Ocampo acompanhado de mais quatro pesquisadores do Inta e de cinco produtores

ANTES DE QUALQUER DECISÃO, FAÇA UMA REFLEXÃO.

Quem planta soja tem uma série de opções de herbicidas pré e pós-emergentes.

Então, por que escolher FLEX? Quem reflete e analisa todas as vantagens de FLEX sabe a resposta. FLEX é seletivo para a cultura de soja em qualquer estágio.

Controla um amplo espectro de ervas de folhas largas. Resiste à chuva, mesmo 1 hora após a aplicação.

Com FLEX, as ervas vão e a soja fica.



Agroquímicos

ICI Brasil S.A. São Paulo SP. Tel.: (011) 525 2322

Estímulo a produção

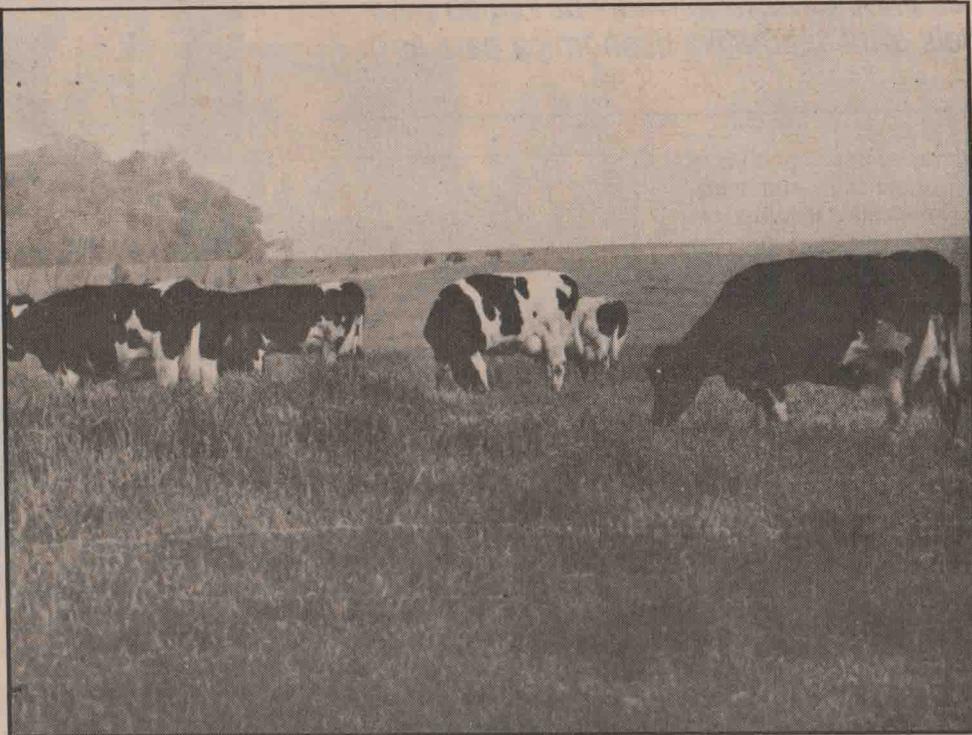
Produtores e técnicos da Unidade da Cotrijuí em Jóia preparam-se para a instalação do Posto de Leite no município, mantendo uma expectativa de aumentar a produção de forma organizada.

Transformar a atividade leiteira, fazendo com que ela passe de uma produção secundária com resultados de subsistência para uma atividade de receita mais expressiva, principalmente na pequena propriedade. Este o objetivo do departamento técnico na Unidade da Cotrijuí em Jóia, onde vários produtores que estão inseridos na proposta, aos poucos vêm contabilizando médias de produção mais elevadas, como fruto de uma organização racional da atividade.

“O que se pretende é aprofundar um trabalho de organização da produção”, afirma o responsável pelo setor leiteiro da Unidade, o veterinário Gilberto Kozloski, ao explicar o aproveitamento de uma série de práticas básicas já existentes, integradas pela formação de áreas de pastagens, conservação de forrageiras, melhoramento genético através de inseminação e suplementação alimentar balanceada.

A expressão desse trabalho que é dirigido a 267 produtores hoje responsáveis pelo fornecimento de 240 mil litros mensais, pode ser medido pela estrutura que está sendo montada, gradativamente, em função dos poucos recursos disponíveis. Exemplo disso, é a formação de quatro grupos de produtores com ensiladeiras, além da discussão periódica sobre administração das técnicas recomendadas e da importância da atividade para a pequena propriedade.

AMPLIAÇÃO — “Já estamos registrando os resultados dessa empreitada”, fala Gilberto ao apontar médias individuais de algumas propriedades e do interesse de produtores em ampliar a atividade. Ainda assim, o veterinário não deixa de salientar “que há muito para fazer neste setor”, pois parte dos produtores não se conscientizou da possibilidade de utilizar melhor a proteína produzida na lavoura, das vantagens de plantar o milho para consumo e também das condições favoráveis de solo e clima para produzir forrageiras.



Jóia

Expectativa de crescimento na produção com a instalação do Posto

Mas a demora de alguns produtores em buscar uma estruturação da atividade não pode ser atribuída somente ao desinteresse voluntário, já que, como afirma o próprio Gilberto, o setor encontra ainda algumas dificuldades geradas pela distância de 150 quilômetros entre as linhas de leite até a plataforma. Por causa disso, o produtor acumula perdas por acidez maiores do que as normalmente registradas em outras regiões, assim como fica mais distante do destino do seu produto.

POSTO DE LEITE — Para reverter estes inconvenientes e possivelmente trazer uma maior credibilidade para o setor junto ao produtor, a Unidade tem em mãos um projeto de construção de Posto de Leite, a ser realizado com a colaboração da Cotrijuí, da Prefeitura

Municipal, da CCGL e recursos do Banco do Brasil, via Fundec. Com a previsão de liberação de recursos, após apresentação do projeto ao Banco em janeiro, o Posto de Leite representa, segundo Gilberto, a aproximação necessária entre produtor e agroindústria, diminuindo com isso os problemas de higiene no recolhimento de leite e a médio prazo uma inserção maior dos produtores por área no fornecimento do produto.

Dessa opinião também compartilha Pedro Solano de Moura, representante da Unidade na Comissão Regional do Leite. Para ele, a instalação do Posto é um grande passo para o município e para os produtores que há dois anos vem comentando o projeto. “Com ele fica mais fácil resolver os proble-



Pedro Solano de Moura, representante da Unidade na Comissão Regional do Leite.

mas de freteiros e até incentiva a produção na pequena propriedade onde a soja ocupa todo o espaço e onde o leite é produzido num sistema tradicional com poucos investimentos”.

ORGANIZAÇÃO — Também representante da localidade do Cará, em julho passado, quando a comissão do município foi reestruturada, Pedro Moura fala sobre este sistema tradicional, em que o leite, mesmo não trazendo uma grande remuneração “ajuda a cesta básica de 80 por cento dos produtores. Os 20 por cento restantes são uma sobra”, diz o produtor, lembrando a falta de recursos para investir, da necessidade de diminuir as despesas de pagamento do produto, e também da superação de barreiras individuais para organizar a propriedade.

Proprietário de 21 hectares, mantendo um rebanho de 20 animais com nove em lactação, Pedro Moura diz que a falta de organização é expressiva em algumas localidades do município, principalmente porque, ao contrário de outras, alguns produtores conseguiram ainda planejar a produção, produzindo mais na entressafra armazenando mais alimento no inverno e aumentando o plantio de forrageiras no verão. Por outro lado aqueles que não estão cientes dessas práticas, apresentam resultados melhores a cada trimestre, diz ele, confirmando ao mesmo tempo a importância do trabalho da comissão, em que se procura identificar e encaminhar as reivindicações do produtor de leite.

Bons resultados da organização

Entre os produtores que vêm dedicando maior atenção a atividade leiteira em Jóia, aparece Valdir Sarturi, da localidade de São Pedro. Proprietário de 18 hectares, ocupados quase que totalmente por pastagens ou por forrageiras para semente e silagem, o produtor obtém das suas nove vacas em lactação, uma produção de 100 litros diários, resultantes de uma alimentação baseada em aveia e azevém no inverno e milho, capim elefante e camerum no verão, além de tratamentos obtidos pelas sobras de tudo que é produzido na propriedade.

Para manter esta produção, Sarturi até nem conta com muita estrutura. A ordenha, por exemplo, ainda é manual, assim como os estábulos são precários, o que de certa forma torna a atividade mais trabalhosa. Mesmo as-

sim, na outra ponta o produtor não se descuidou. Adepto da idéia de que “quem produz pouco é porque não está dando nada para a vaca”, Sarturi não faz por menos. Além do silo de aveia já está abrindo um outro para o milho e conta com um triturador do produto, que segundo ele “é utilizado mesmo”, e ainda se prepara para aplicar alimentação balanceada.

LEITE POR SOJA — Receoso em gastar algo mais que a lavoura ou o leite não cobre, o produtor, contudo, não deixa de planejar uma ampliação na atividade que hoje segura mais do que a despesa da casa. Para isso pensa em aproveitar toda a área da propriedade somente para o gado leiteiro, enquanto o pouco de soja que produz ali passa para a terra arrendada. Nos planos de Sarturi faz parte a aquisição de



Valdir Sarturi

Pensando em diminuir a área de soja para ampliar a pecuária leiteira

novos animais, o que exige, como ele mesmo sabe, uma reserva maior de alimentação, a construção de piquetes e possivelmente instalações de ordenha mais práticas que possibilitem um maior aproveitamento dos animais e até facilite o fornecimento da ração. Tudo isso no entanto, como salienta o

produtor, vai ser feito aos poucos. “É muito cálculo preciso, já que eu tenho uma parte da propriedade que é a outra mas também desequilibra se vender uma vaca para pagar o novo equipamento”, afirma Sarturi ao justificar a sua decisão.

Uma aposta que deu certo

Com todos os percalços da comercialização e falta de crédito, o trigo conseguiu atingir uma média significativa, num ano em que o clima não foi dos melhores, e a área, por desestímulo governamental, foi reduzida.



Trigo

Em condições adequadas, uma média de produção de pesquisa

enquanto aqueles que já vêm adotando as recomendações da pesquisa atingiram médias de até mais de quatro mil quilos por hectare. De qualquer forma, diz Cassol, para a próxima safra, a oportunidade de alcançar estas médias vai ser ainda maior já que, do volume de semente recebido pela Cooperativa, 85 por cento é constituído de materiais novos, com desempenho e grande produtividade comprovados.

Um destes produtores que conseguiram atingir as médias de produção já alcançadas pelas lavouras experimentais é o Adão Ciotti, proprietário de 10 hectares em Santo Augusto e arrendatário de mais 45 na localidade de São Pedro, em Santo Augusto. Grande apostador da cultura, Ciotti já em reportagem publicada no Cotrijornal de abril, abriu defesa em favor do trigo, dizendo que ele "além de uma opção de inverno, é uma cultura rentável e que sempre deu certo."

MÉDIA DA PESQUISA — Junto a esta declaração, Ciotti ainda fazia um convite a tantos outros produtores que como ele haviam se dado mal com o atraso e a defasagem do preço do trigo no ano anterior, afirmando que a política de desestímulo do governo era um fato secundário diante da expectativa de mudança trazida pelas eleições presidenciais. Guardando esta mesma expectativa, Ciotti pode certamente dizer que a sua análise não foi em vão. Ele fez uma das melhores colheitas da região, chegando aos 66,9 sacos por hectare com a variedade CEP-19 plantada em pouco mais de sete hectares.

Para atingir estes números, Ciotti faz questão de salientar que a sua lavoura foi toda feita com alta tecnologia, não dispensando um bom manejo, com rotação de culturas seguida à risca. A área cultivada esteve um ano desco-

berta e depois ocupada por aveia e azevém, e recebeu 200 quilos de adubo por hectare, o que levou o produtor a acreditar que faria uma boa safra, mas colhendo algo ao redor de 40 sacos por hectare.

Os resultados, como se viu, foram bem melhores, mesmo com a chuvarada ocorrida quando o trigo, todo plantado para semente, estava florescendo. Os índices de umidade também não foram prejudiciais, mas pelo contrário, como afirma Ciotti ficaram na maioria da lavoura entre 81 e 82. Todos estes aspectos fazem o produtor refe-

rendar mais uma vez a cultura, destacando que "em condições de plantar sementes novas, fazendo rotação de culturas e usando tecnologia orientada, somente dando geada para não dar trigo."

Mas, se a lavoura conseguiu trazer uma resposta além da expectativa do produtor, o pagamento do trigo ainda ficou devendo muito. Ciotti, que estava se preparando para fazer alguns investimentos se decepcionou um pouco. "Pensei que ia ser uma bolada," lamenta ele que ainda está à espera da última parcela



Adão Ciotti

Confirmando previsões

para ver se o dinheiro pode cobrir os gastos em equipamentos para a lavoura de soja.

Leite: novos preços

A Sunab estabeleceu um novo reajuste de 8,6 por cento para os preços do leite, vigorando desde o dia 20 de novembro. Novo reajuste, de 41,49 por cento entra em vigor dia 1º de dezembro, determinando os seguintes valores por litro de leite a nível de produtor:

- Leite tipo Consumo..... NCz\$ 1,51 — NCz\$ 2,13
- Leite tipo Indústria..... NCz\$ 1,50 — NCz\$ 2,12
- Leite excesso até 20 por cento..... NCz\$ 0,99 — NCz\$ 1,92
- Leite excesso acima de 20 por cento..... Livre Neg. — Livre Neg.
- Leite ácido..... Livre Neg. — Livre Neg.

De acordo com a última reunião da CCGL, realizada em Porto Alegre no dia 21 de novembro ficou decidido a aplicação do leite excesso, durante o mês de dezembro, nos mesmos moldes aplicados em novembro.



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342
- 5º andar - Fone 33-50-32

CURACRON

Para conter o avanço da Lagarta da Soja.



ATENÇÃO

Este produto, como todo defensivo, pode ser perigoso para a saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Use-o corretamente, seguindo sempre as recomendações do rótulo. Consulte um Engenheiro Agrônomo.



CIBA-GEIGY

A hora decisiva

Há poucos dias da etapa final da eleição que vai eleger o novo presidente do Brasil, o Cotriornal, através de uma análise realizada pelos professores Dinarte Belato e Argemiro Jacob Brum, da Unijuí, traz considerações históricas sobre este pleito e as perspectivas que representam as duas candidaturas finalistas. Na página seguinte o programa de governo dos candidatos

Lula ou Collor? Um dos dois será o novo presidente do Brasil, através da escolha de cerca de 80 milhões de brasileiros no próximo dia 17 de dezembro. Para chegar até ao 2º turno, que é uma das características principais desta eleição presidencial realizada após uma lacuna de 30 anos, e em que pela primeira vez na história republicana do País, o conjunto da população escolhe o poder executivo, os dois candidatos — Fernando Collor de Mello e Luis Inácio Lula da Silva — superaram os demais 21 candidatos no primeiro turno, elegendo-se com mais de 20 milhões de votos e mais de 11 milhões de votos.

Defensores de projetos de governo antagônicos, os dois candidatos finalistas chegam à reta final da campanha, canalizando um processo político vivido pela sociedade brasileira, que se inicia com a elaboração da nova Constituição e atinge o seu apogeu no segundo turno da eleição, representado pelo embate maduro entre forças de esquerda e de direita. Como cenário dessa manifestação que se expressa por um lado como o aperfeiçoamento de uma estratégia de governo situacionista e de outro pela mudança dessa mesma estratégia, está o espectro de uma sociedade com um nível de concentração de renda expresso pelos 43 por cento da riqueza controlado por cinco por cento da população. Em números, esta relação alcança os 100 milhões de pessoas com praticamente nenhum acesso à terra, a indústria, circuito comercial, controle bancário, saúde e educação.

PLEITO SEM EXCLUSÃO — É a partir desse contexto social e político, que dois pesquisadores do Centro de Ciências Sociais e Humanas e ligados ao Departamento de Sociologia Política e História da Universidade de Ijuí, Dinarte Belato e Argemiro Jacob Brum, analisam a natureza da eleição presidencial e as perspectivas políticas e econômicas que ela insere no País.

Caracterizando o momento atual como sendo de grande vitalidade para a politização da sociedade brasileira, o professor Dinarte Belato chama atenção para um primeiro aspecto desta eleição que é a sua diferença histórica em relação as demais ocorridas em todo o período republicano. "Da exclusão absoluta presente no período colonial e imperial, passou-se para a era republicana, sem que uma das suas aspirações democráticas, que era a integração política das camadas populares, fosse

concretizada. Os grandes proprietários de terra se apropriaram da República, e criaram mecanismos de exclusão seguros," lembra Belato ao destacar a proibição de voto aos estrangeiros, aos analfabetos e às mulheres, fazendo com que o percentual de votantes ficasse em apenas 2,5 por cento, de 1889 a 1930.

De 30 em diante, no entanto, a cidadania dos excluídos começou a ser ampliada, embora de forma muito lenta. As mulheres foram as primeiras, conquistando o direito ao voto em 31, e sendo seguidas pelos analfabetos somente em 82 e pelos jovens maiores de 16, apenas na recente Constituição de 87. Mas se houve reconhecimento da cidadania como fruto de uma luta tenaz, por outro lado, como afirma Belato, praticamente, essa camada no seu conjunto nunca chegou a eleger o Poder Executivo, pois de 30 a 37, que deveria ser um período de transição com eleições, nelas não ocorreram, permanecendo Getúlio Vargas no poder até 45."

A trégua democrática somente aconteceu a partir de 46, com a eleição de Eurico Gaspar Dutra, seguido por Getúlio em 50, mas deposto sob um manto de turbulências golpistas, que apesar da força desestabilizadora não impediram a realização da eleição de Juscelino Kubitschek em 56. A lacuna democrática continua com Jânio Quadros em 60, que possibilitou um agravamento da crise gerada pela sua renúncia e que não pode ser segurada pela posse de João Goulart.

AS DIFERENÇAS — O contexto da crise em 60, que marca a última eleição presidencial ocorrida no País, e a de agora, está no equacionamento da crise. Naquela época as propostas passavam por uma única alternativa conservadora, que não conseguia visualizar problemas fundamentais deixados pelo governo JK, o qual preconizava uma intervenção na economia brasileira, em cima de capitais de curtíssimo prazo. O problema se agravou com a posse de Jango, quando a sociedade exige reformas por parte da sociedade e pressão das forças de apoio ao capital internacional.

A análise desse período também é enfocada pelo professor Argemiro Jacob Brum, que vê o governo Jango inviabilizado pela falta de recursos para financiar novos e antigos projetos iniciados na fase expansionista de JK. Agora, segundo ele, "estamos saindo de um período de 20 anos de regime autoritário, finalizado por uma continuação transitória de José Sarney, e vivendo ao contrário de 60, mais de 10 anos de crise profunda à qual tentamos sair por meio de uma eleição solteira, em que as inclinações de voto se voltam para nomes e não para as máquinas partidárias.

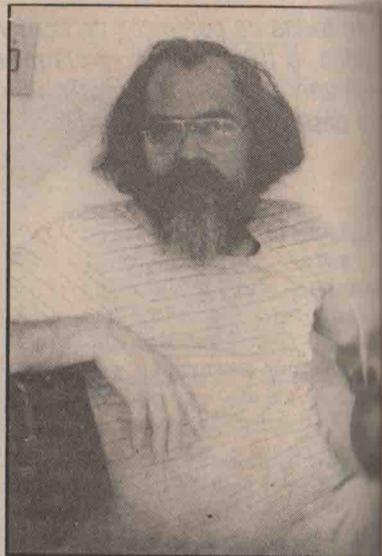
Para Belato, a situação de hoje é aparentemente parecida com a de 60, pois a discussão sobre integralização do capitalismo internacional não acontece de forma taxativa, mas sim dentro de uma visão de economia mundializada, onde existem duas tendências bem definidas: uma conservadora, totalmente integrada a readequação aos grupos internacionais e nacionais ligados a ele, e outra que se norteia por um projeto político, assentado na soberania nacional, a partir de uma relação de

parceria ou de igualdade com os grupos financeiros internacionais, onde o fulcro do projeto passa pela integração da grande massa de excluídos, resultante de mais de 400 anos e agravado em 64.

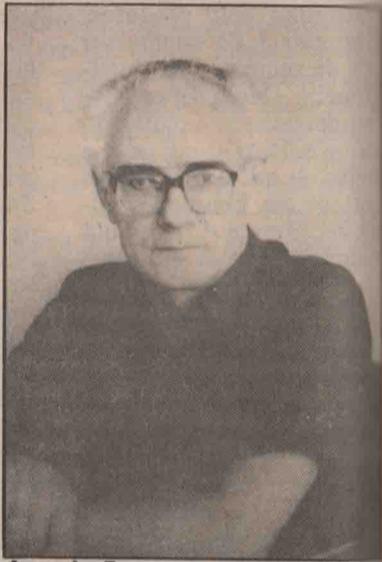
REAFIRMAÇÃO PARTIDÁRIA — A nível partidário, as diferenças são muitas, segundo Belato, que vê já na escolha do primeiro turno e nos desdobramentos do segundo, um fato importante, que é um grande questionamento ideológico por parte dos vários partidos que estão participando da costura tanto de esquerda como de direita, e percebido pela massa popular, fazendo com que a sociedade brasileira saiba como vai ser o projeto de governo do futuro presidente.

É em meio a esta discussão que Argemiro Brum, analisa as perspectivas políticas para os próximos anos, dependendo de quem for eleito. De um lado, afirma o professor, tem-se a candidatura Collor, que insiste na tecla de descaracterização dos partidos e deslocando o seu discurso para a população de forma abstrata, já que ignora a efetiva representação popular, configurada pelos grupos sociais, entidades, associações, etc. "É uma perspectiva perigosa para a governabilidade do País, pois se traduz por uma fachada democrática que oculta a verdadeira organização dos grandes grupos econômicos nacionais e internacionais."

De outro lado, Argemiro Brum analisa em Lula, uma candidatura originada na organização partidária, que hoje se apresenta como a mais estruturada do País. "É uma candidatura que está embasada na articulação com as entidades que hoje defendem os interesses da sociedade e que pretende prestigiar os partidos políticos."



Dinarte Belato



Argemiro Brum

Os candidatos

Através de um resumo, estamos publicando as propostas de governo dos candidatos que concorrem ao 2º turno da eleição presidencial, que será confirmada pela metade dos votos mais um, dados a Collor ou Lula. Para quem ainda desconhece a origem dos dois candidatos, aí vai a síntese da sua história política: Collor de Mello, alagoano de 40 anos, nascido no Rio de Janeiro, foi eleito governador do Estado de Alagoas, em 1986, pelo PMDB, quando montou uma imagem de "paladino da moralidade política e do poder público," tomando-se conhecido a nível nacional pelo apoio irrestrito de setores da imprensa, especialmente o da Rede Globo.

Administrador de todas as empresas da família, proprietária de um canal de televisão, um jornal e várias emissoras de rádio, Collor que é formado em economia e em jornalismo, só fez sua opção política após a morte do pai, Arnon de Mello, senador da UDN e ex-governador de Alagoas. Em 79 filiado a Arena, foi nomeado prefeito de Maceió. Em 82, disputou sua primeira eleição, elegendo-se deputado federal pelo PDS, tendo uma passagem pouca expressiva na Câmara, com exceção do seu voto favorável a Emenda Dante de Oliveira, que previa eleição direta para presidente da República, em 84.

Luis Inácio Lula da Silva, pernambucano de 44 anos, foi eleito deputado federal por São Paulo, em 86, sendo o mais votado do País. Filho de agricultores de Garanhuns, Lula trabalhou junto com a família em 1952, para São Paulo, onde já na infância trabalhou como vendedor ambulante de laranja e tapioca. Mais tarde, contando com o segundo grau incompleto, conseguiu se diplomar como torneiro-mecânico, passando a atuar em indústrias metalúrgicas. Em 69 integra a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de São Bernardo do Campo, e, mais tarde, torna-se presidente.

Em 1978, após ter liderado a primeira grande greve dos trabalhadores em pleno regime militar, é eleito presidente do Sindicato. Sua atuação decisiva e intransigente na defesa dos trabalhadores fez com que fosse aprisionado pelo regime militar, cassado e enquadrado na Lei de Segurança Nacional em 1980, e preso por 30 dias. Em meio a este cenário político, Lula e seus companheiros entenderam que para remover os entraves que mantêm a exploração dos trabalhadores era preciso a existência de um partido. Criaram, então o PT, pelo qual Lula foi eleito deputado constituinte, e defendendo importantes direitos reivindicados pelos trabalhadores.

Propostas de governo

Lançado à presidência com o apoio do Partido da Juventude, transformado depois em PRN, Collor se valeu posteriormente de partidos pequenos e sem expressão eleitoral, que possibilitaram o seu acesso a programas de televisão em cadeia nacional. São eles: o Partido Trabalhista Renovador, PTR, o Partido Social Cristão, PSC e o Partido Social Trabalhista, PST, que formam a Coligação Brasil Novo, vinculada ao Movimento pela Reconstrução Nacional.

Candidato pela Frente Brasil Popular, integrada pelo PT, PSB e PCdoB, Lula sempre teve sua proposta de governo norteada pela "distribuição de renda apoiada num projeto político de decisão popular," representando uma candidatura inédita na história política do País e rara em todo o mundo. Nesse 2º turno, tem o apoio ainda do PCB, PDT e PSDB.

LULA

ESTADO E SOCIEDADE — O Governo FBP, se propõe a estimular a mais ampla participação popular nas decisões do governo; promover a plena soberania do poder civil; fortalecer a democracia eleitoral e o sistema de representação parlamentar; a respeitar a liberdade sindical e o direito de greve; a desmilitarizar o Judiciário e os meios de comunicação de massa e garantir o pleno exercício dos direitos e da cidadania, além de combater as formas de arbítrio e prepotência contra o povo.

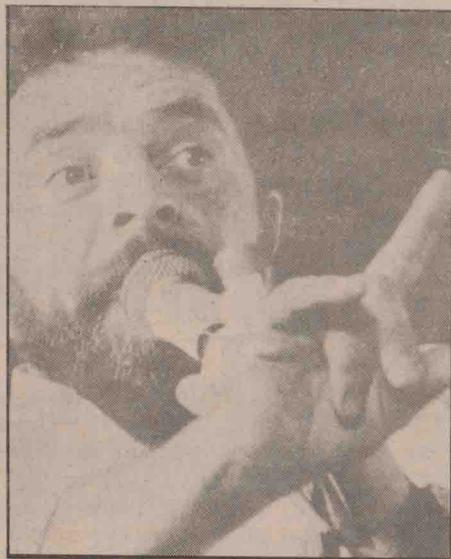
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA — Prioridade política de distribuição de renda através de medidas de elevação progressiva do salário real garantindo a reposição do seu poder aquisitivo; tributação direta e progressiva sobre os altos rendimentos e ganhos de capital; controle de preços e ampliação das políticas sociais de educação, saúde, transporte, habitação e saneamento.

DÍVIDA EXTERNA — Suspensão imediata da dívida, por considerá-la ilegítima e impagável. A proposta é de rompimento com o FMI e de instalação de uma auditoria para verificação dos débitos existentes, além do incentivo a uma estratégia comum de atuação dos países devedores para negociações em conjunto.

REFORMA AGRÁRIA — Modificação do atual modelo de produção agrícola com um plano antilatifúndio e comprometido com a reforma agrária. Essa é a proposta básica da Frente que pretende ainda revisar, através de dispositivos legais, a proibição constitucional de reforma agrária nos latifúndios considerados produtivos. A aplicação da reforma agrária deve servir basicamente de 165 milhões de hectares aproveitáveis e mantidos ociosos pelos grandes proprietários, mas seguindo, de acordo com o programa, o padrão agrícola de cada região, o qual deve determinar o estatuto das novas unidades produtivas, aparecendo a propriedade familiar, a multifamiliar e a cooperativa como alternativas viáveis. Como complemento da política de reforma agrária e visando a de distribuição de renda, a Frente pretende ainda priorizar um novo modelo agrícola com uma produção voltada ao mercado interno, e priorizando o pequeno e médio produtor na garantia de preços, crédito, investimentos e infraestrutura, assistência técnica, comercialização e seguro agrícola. Faz parte do programa de governo de Lula ainda o estímulo a descentralização da agroindústria, financiando a criação de unidades de beneficiamento, armazenamento e transformação próximas a áreas desvalorizadas e sob o controle de associações de pequenos e médios produtores. O modelo agrícola da Frente prevê também o incentivo a agricultura, reflorestamento e controle biológico das pragas.

ESTATAIS — A posição da FBP é "desprivatizar o Estado e moralizar a administração pública" retirando o controle estatal dos grandes grupos econômicos. O Estado deve crescer e promover o desenvolvimento econômico em setores estratégicos e a articulação do conjunto da política econômica. É proposta da Frente ainda a "revisão profunda de todo o sistema de subsídios e isenções ao setor privado" mantendo apenas aqueles que se inserem nos objetivos da nova política econômica. A corrupção, o marajalismo, os funcionários fanáticos e o acúmulo de cargos serão alvos principais de uma política de moralização do setor público que será aplicada junto a valorização do servidor que trabalha.

SISTEMA FINANCEIRO — O governo propõe para enquadrar o sistema financeiro brasileiro no plano econômico que cobre o conjunto do desenvolvimento nacional, visando a



Lula — pela soberania popular

grama da Frente, que promete ainda aumentar os mecanismos de fiscalização da atuação dos bancos privados e, ao mesmo tempo, ampliar a ação dos bancos estatais federais e estaduais, com estímulo a criação de bancos regionais. Meta principal: redução das taxas de juros, o financiamento de investimentos produtivos, aliados ao combate e a punição de todas as formas de sonegação e evasão fiscal.

CAPITAL ESTRANGEIRO — Para o governo da FBP, a presença do capital estrangeiro nas atividades produtivas deve subordinar-se às prioridades de política econômica nacional. A fuga de capitais e a remessa de lucros ao exterior de forma disfarçada será vigiada e contida, segundo o programa da Frente.

FORÇAS ARMADAS — O programa da Frente defende a subordinação das Forças Armadas ao poder civil, com extinção da tutela militar sobre o governo. Os militares em todos os níveis de hierarquia terão igual direito de voto e elegibilidade. Os investimentos no setor militar serão redirecionados para a área social e setores economicamente prioritários.

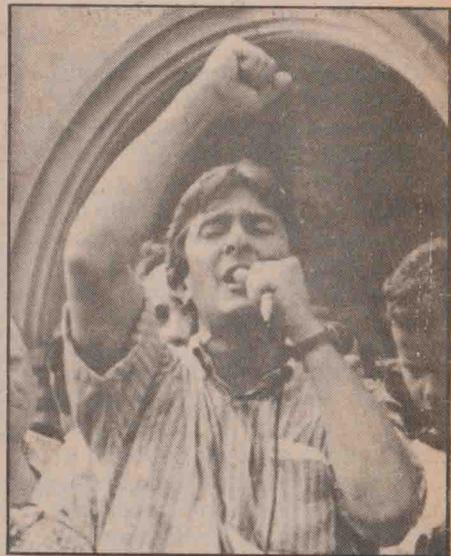
MEIO AMBIENTE — Revisão do modelo de desenvolvimento da Amazônia com preservação das comunidades indígenas e exploração racional das riquezas vegetais e minerais. Por meio de um Pacto Amazônico, a Frente propõe desenvolver com países vizinhos, políticas comuns para a região. Pretende ainda desenvolver uma ampla política de preservação e recuperação do ambiente natural.

ENERGIA — O governo de Lula se orientará por uma política energética alternativa, que leve em conta as necessidades do desenvolvimento nacional e que seja voltada para a preservação da segurança e da qualidade de vida dos brasileiros. A utilização de energia atômica não será incentivada, assim como os acordos nucleares firmados pelos governos militares serão cancelados e substituídos por uma nova política no setor. Paralelo a um programa de conservação energética, a Frente priorizará a construção de hidrelétricas de pequeno e médio portes e deve rever o programa energético baseado na construção de grandes hidrelétricas na Amazônia.

HABITAÇÃO — Prioridade para uma urgente reforma urbana e a definição de uma política habitacional. Os investimentos na construção de conjuntos, casas populares e saneamento básico serão maciços, ao mesmo tempo que se privilegiará o transporte de massa urbano e suburbano. A Frente prevê também a desconcentração geográfica da riqueza e da produção, valorizando as pequenas e médias cidades, com investimentos, infraestrutura e estímulo a geração de empregos com o objetivo de combater a evasão para os grandes centros. 18 ms

TRABALHADORES — "O compromisso fundamental é com a classe trabalhadora, com seus direitos e suas conquistas", salienta o programa da FBP, que se propõe a defender a liberdade sindical e a participação dos trabalhadores na administração de fundos sociais e serviços como o FGTS, o Inamps e também na definição das prioridades econômicas e sociais do País.

POLÍTICA EXTERNA — Respeito a autodeterminação dos povos com a não ingerência em assuntos internos de outros países e ao mesmo tempo estabelecer relações com governos e nações em favor da cooperação à base de plena igualdade de direitos e benefícios mútuos. Junto a estas determinações, o Governo de Lula propõe a intensificação da integração com os demais países da América Latina e a viabilização de um Parlamento latino-americano. Prestará ainda solidariedade aos povos do Chile, Nicarágua, El Salvador, e do Caribe. Defenderá a criação do Estado palestino e não reconhecerá governos que pratiquem políticas racistas e nem admitirá política intervencionista.



Collor — o caçador de marajás

AGRICULTURA — Para acabar com o crescimento heterogêneo da agricultura (exportação e consumo interno), a baixa produtividade, a desarticulação com a política ambiental e a violência no campo, o candidato pretende impor regras simples, claras e estáveis. Quais sejam, nunca chegou a precisar detalhadamente. Prega também a liberdade de comercialização, a disseminação de tecnologia e o apoio ao pequeno produtor.

DÍVIDA EXTERNA — A posição de Collor de Mello é direcionar a questão da dívida externa pela redução da remessa a nível compatível com o crescimento, libertando a política econômica e fiscal dos encargos da dívida. Ele distingue o papel do Governo e do Banco do Brasil na negociação da dívida. Atribui ao primeiro o estabelecimento de parâmetros e a coordenação de soluções individuais, com a disponibilidade de remessas e, ao segundo, a renegociação da dívida já depositada, visando a redução do seu valor.

SALÁRIOS — Uma política salarial eficiente que garanta o crescimento real do salário mínimo. Esta é a promessa básica de Fernando Collor. A elevação dos gastos mínimos será via negociações dos mercados em que a força de trabalho não esteja organizada, pela atualização do valor mínimo, pela melhoria da qualificação da força de trabalho, pelo incentivo à formalização do emprego e pela coordenação do Sistema Nacional de Emprego conforme a Constituição.

EDUCAÇÃO — A idéia é fazer da educação uma prioridade realista, tratando-a no plano geral e informal por regiões, buscando a redução do analfabetismo e a capacitação física, social e intelectual das crianças em idade escolar. Estímulo ao ensino médio desatrelado do vestibular e nível superior, incrementar o ensino, a pesquisa e a extensão. Promete ainda valorizar os profissionais da área e dar atenção aos deficientes físicos superdotados.

TRANSPORTE — Collor propõe reconhecimento do caráter social do transporte coletivo urbano e o estímulo ao transporte ferroviário e hidroviário. Para ele, o país precisa recuperar a modernidade e coordenar a área de transporte, tornando-a mais eficaz.

HABITAÇÃO — A prioridade — promete o candidato do PRN — é a construção para a população de renda baixa através de recursos orçamentários, distinguir o segmento de mercado de segmento social e, ainda, sanear o Sistema Financeiro de Habitação e obter novos recursos para o setor. Diz também que vai acabar com a instabilidade das regras de financiamento do SFH, os subsídios indiscriminados e os custos elevados da construção. Pretende complementar estas medidas, pretende ainda elevar os salários.

COLLOR

Moralização. Esta é a palavra de ordem expressa pelo programa de governo do Partido de Reconstrução Nacional — PRN —, do candidato Collor de Mello, que caso seja eleito, pretende "convocar a sociedade brasileira a uma decidida e profunda reconstrução moral de nosso País". Para Collor, a causa de todos os problemas nacionais que vão desde a corrupção nos altos escalões políticos e sociais, à morte por inanição de milhares de crianças todo o ano no Brasil, tem explicação na imoralidade que permeia o Estado e setores da sociedade brasileira.

Diante desse entendimento, o PRN, segundo seu manifesto, diz que "assume sem medo a missão de promover, por todos os meios a seu alcance, o saneamento moral da política e do poder público no Brasil". Comprometendo-se com o resgate de "valores republicanos básicos", os quais aponta como sendo a honra, o caráter e a honestidade, consideradas não como palavras de cunho reacionário, mas de "conteúdo transformador".

Baseado neste discurso de moralização, Collor de Mello apresenta suas propostas de governo, sem detalhar muito, no entanto, quais são elas em determinados setores.

REFORMA ADMINISTRATIVA — Esta é uma das propostas mais detalhadas do programa de Collor. Para realizar este projeto, o programa do PRN propõe as seguintes metas: recuperar a dignidade da administração pública; adequar a estrutura do serviço público às funções de coordenação econômica pela realização de políticas sociais eficazes; racionalizar e aumentar a produtividade e recuperar a capacidade de planejamento. Para implementar estas medidas pretende recadastrar todo o pessoal e os órgãos públicos, fazendo em seguida uma profunda revisão em suas estruturas, cargos e salários. Este procedimento levaria à fusão, extinção e reformulação de órgãos, a racionalização de funções e a reciclagem de pessoal. Com isso, o Governo do PRN pretende a desregulamentação e a desburocratização do setor que seria aperfeiçoado ainda com a instituição de um código de ética do serviço público.

SAÚDE — No governo de Fernando Collor, o papel do Estado na área de saúde será o de regulamentar, fiscalizar, executar ações básicas, promover o acesso de todos ao sistema e garantir a eficiência do gasto no setor. O programa do PRN propõe a aplicação de recursos em saúde pública, num prazo de cinco anos.

A experiência com hortigranjeiros

Produtores analisam o programa cooperado de hortigranjeiros da Cotrijuí, implantado no início do ano. A organização da produção e o mercado garantido, são destacados como vantagens para quem trabalha com um produto de comercialização difícil

Valmir Vicente Copetti é produtor de hortigranjeiros já há vários anos, sempre entregando toda a sua produção na cooperativa. Sua lavoura, de pouco mais de um hectare, dotada de irrigação e toda a tecnologia necessária para se alcançar bons rendimentos, está localizada em Rincão dos Góis, interior de Ijuí, onde planta alface, repolho, pepino e um pouco de chicória. Não planta mais cenoura e beterraba porque a terra não é apropriada. No início deste ano, quando a cooperativa começou a falar em programa cooperado de hortigranjeiros, o Valmir foi um dos primeiros a se inscrever, assumindo, por conta e risco, não apenas a entrega da sua produção, mas também o plantio escalonado destas culturas, conforme estabelece o programa.

Horticultor experiente, tanto de lavoura como de comercialização, o Valmir só tem elogios para o programa cooperado, o qual considera como uma garantia para quem trabalha nessa área difícil e complicada. "Se não fosse o programa cooperado, talvez nem estivesse entregando metade da produção que já comercializei neste ano, diz o produtor que, em anos anteriores amargou, por falta de mercado, muitas perdas na lavoura, principalmente nesta época do ano, quando a produção é sempre maior que a procura. "É um programa com vantagens para os dois lados. Ganha o produtor, que tem mercado garantido e ganha a cooperativa que vai poder contar com uma produção programada", reforça.

A PRODUÇÃO — O compromisso de Valmir dentro do cooperado se resume na entrega de 40 sacos de repolho, três mil pés de alface, 40 caixas de pepino e um mil pés de chicória durante o mês de dezembro. Para os meses de janeiro e fevereiro, o seu compromisso é de entregar na cooperativa a mesma quantidade de repolho e dois mil pés de alface. Em março, terá de entregar, em vez dos dois mil, três mil pés de alface.

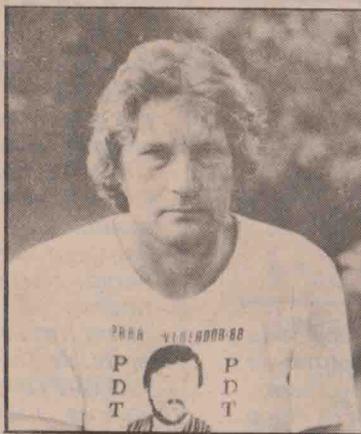
Quase toda a planta do Valmir é feita por conta. Financiou apenas uma parte da lavoura de repolho, "porque é a vantagem," diz referindo-

se a alguns benefícios oferecidos inicialmente pelo programa. Mas reclama do preço. "O repolho é uma cultura que, por não exigir irrigação, é cultivada por todo o agricultor que trabalha com hortigranjeiros. Essa facilidade de cultivo do repolho faz com que, nesta época do ano, o mercado fique abarrotado de produto. O preço desce, desequilibrando com os custos de produção que "no caso dos hortigranjeiros, são elevadíssimos," diz, citando como exemplo a semente de repolho que até dias atrás, estava sendo vendida a NCz\$ 200,00 o 100 gramas. "Nestes últimos anos não tenho tirado o dinheiro investido no repolho," ressalta Valmir, para quem o repolho, na verdade, só tem representado prejuízos. Mas vê o programa cooperado como uma saída para amenizar os prejuízos nestas horas de excesso de produção. "O preço é ruim, mas pelo menos o mercado está garantido," assinala o horticultor que, antes do cooperado, chegou a perder dois mil pés de repolho na lavoura por falta de colocação.

O caso da alface já é um pouco diferente. Os NCz\$ 0,60 pagos pelo pé não chega a ser um excelente preço, mas deixa uma margem de lucro razoável, segundo Valmir. Discorda do preço pago pelo quilo do pepino e diz que ele só não é pior, porque é reajustado toda a semana. Mas como a safra está sendo ruim — o excesso de chuvas atrapalhou o desenvolvimento da planta —, os preços podem melhorar ainda mais.

MAIS UM — Plantar cenouras, beterraba, repolho, alface, cebola, entre outras hortaliças, é com os Seibert. A horticultura é uma atividade que envolve, além do seu Lucídio e a dona Marlene, também os filhos e noras. Toda a mão-de-obra familiar é absorvida na atividade.

O seu Lucídio passou a fazer parte do cooperado mais ou menos na mesma época do Valmir, mas é mais cauteloso nas suas avaliações. Não ignora os benefícios do programa, mas acha que, por enquanto o cooperado ainda é uma experiência. "É verdade que a cooperativa vem assumindo a sua parte, colocando



Valmir Copetti
Só elogios

toda a produção pela qual se comprometera a comercializar." O que deixa o seu Lucídio e a dona Marlene meio cabreros são os preços praticados nesta época, "principalmente o do repolho que, de tão ruim, nem quase dando é negócio," diz o horticultor referindo-se aos NCz\$ 7,00 pagos pelo saco de repolho. Todo o ano; segundo a dona Marlene, é a mesma ladainha. Tem produção, mas o preço é ruim. Para o seu Lucídio, esta é uma época que existe todo o tipo de hortigranjeiro e, "o consumidor de melhor poder aquisitivo, prefere comprar tomate em vez do repolho", reclama, esperando poder descontar todos os prejuízos da safra a partir de março, quando a produção escasseia e só ficam na atividade aqueles produtores mais especializados.

Negócio bom mesmo, os Seibert estão fazendo é com a cebola. Plantaram duas variedades — a Petrolina e a Aurora — e estão colhendo em torno de 600 sacos. "O que se apronta, se vende na hora," conta o seu Lucídio, aproveitando uma tarde quente e mormacenta de final de novembro, para limpar cebola. "Ainda não conseguimos armazenar produto, como se faz todos os anos," reforça a dona Marlene, para quem o preço poderia ser um pouco melhor. "A gente que trabalha e enfrenta uma servidão danada, sempre quer ganhar um pouco mais."

O compromisso dos Seibert com a cooperativa está sendo cumprido com a entrega de cinco caixas por semana de beterraba "ou 250 sacos com palha bonita e vistosa," observa a dona Marlene.



Lucídio Góis
Preço tem que melhorar



Lucídio Seibert
Muito cedo para avaliar

O compromisso com a cenoura deu para trás. O rio alagou com a chuva e levou a planta. Eles só vão entregar cenoura a partir de abril. Começam a entregar repolho dentro de dias, na base de 10 sacos por semana. Também tiveram prejuízos com a primeira semeadura de repolho e recém agora estão aprontando a segunda.

MELHOR PREÇO — "Para o programa ficar melhor, falta o preço ajudar," resume o seu Lucídio Antônio Góis, de Rincão dos Góis, que já vem entregando repolho, beterraba, cenoura, alface e pepino. Da cenoura e da beterraba, não tem muito o que reclamar. Só no mês passado, entregou na cooperativa 100 caixas, "superando a cota estipulada. O compromisso com a alface era de 1.200 pés, mas como a oferta é grande, está entregando na cooperativa 600 pés

e vendendo o resto por fora. "Tenho 3.500 pés de alface plantados que não posso deixar estragar na lavoura."

Os preços até que não incomodam muito o seu Lucídio. O seu desgosto maior é pela classificação feita na hora de entrega do produto. Não sou contra a classificação feita pela cooperativa," deixa bem claro, sugerindo o mesmo sistema para o consumidor. "Por que a alface, por exemplo, não aparece no mercado com dois preços? Se eu entregar uma alface de segunda, por exemplo, vou receber um preço menor. O consumidor, no entanto, continua pagando apenas um valor pelo mesmo produto," reclama. Também sugere mais atenção, por parte da cooperativa, para aqueles produtores que trabalham no ano inteiro. "Produzir hortigranjeiros só no final do ano é muito fácil", observa.



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

- 5º andar - Fone 33-50-32

Garantindo volume e qualidade

Ao longo dos anos, a produção de hortigranjeiros vem se organizando na região, por iniciativa dos próprios produtores e da Cotrijuf. Mas apesar do esforço, muitos problemas ainda persistem. Na safra, é alface, repolho, cenoura e beterraba soando e apodrecendo por todos os cantos. Na entressafra, estes mesmos produtos viajam quilômetros para chegar à mesa do consumidor da região, vindos, inclusive, de outros Estados. Essa desorganização da produção implica, não só em volume de produção, como também em frequência e qualidade, três pontos fundamentais e de peso na hora de assegurar mercado. Pois foi tentando atacar estes pontos críticos da produção de hortigranjeiros da região e, ao mesmo tempo buscando traçar um novo perfil para o horticultor que seguramente terá de deixar de ser um produtor eventual, para transformar-se num especialista, que a Cotrijuf deu início, em abril deste ano, na implantação de mais um programa cooperado: o de hortigranjeiros.

O início foi modesto, envolvendo um programa piloto de pouco mais de 20 produtores e apenas três produtos: a cenoura, o repolho e a beterraba. Em quase 10 meses o programa cresceu e está chegando ao fim do ano com mais de 60 produtores associados da Cotrijuf na região integrados e outros produtos como a alface, a moranga cabutiá e o pepino.

"O que conseguimos constatar com este novo programa, já em prática através da entrega da produção que está sendo colhida, é que estamos conseguindo alcançar nossos propósitos de garantir a frequência da produção, volume e qualidade," afirma o agrônomo e coordenador da Área de Hortigranjeiros da Cotrijuf na Pioneira, João Agostinho Boaro. A qualidade do produto, tão importante na conquista do mercado, vem sendo alcançada via escalonamento da sementeira, progra-



Cooperado de hortigranjeiros

Produtores de repolho, cenoura, beterraba, pepino e alface que integram o cooperado, tem garantido a comercialização da sua produção

mada de tal forma que possa ir de encontro da demanda da época. Quer dizer: nem excesso e nem falta de produto. Dentro desta perspectiva, Boaro acredita que o programa vai levar o produtor a aproveitar melhor os períodos de entressafra, obtendo consequentemente, melhor eficiência no mercado.

Boaro também associa a qualidade do produto, o fator segurança de mercado. Sabendo, já de antemão que a sua produção está com venda garantida e que não vai plantar para deixar o produto estragar na lavoura, o horticultor está, também, buscando maior eficiência na atividade. Essa eficiência vai desde o emprego da tecnologia recomendada, do uso de sementes de variedades apropriadas, da construção de canteiros, das bastas das plantas até cuidados com irrigação. É justamente essa organização e conscientização da necessidade de se buscar a especialização na atividade, que está levando a Cotrijuf, já neste ano, a poder investir na ampliação e conquistas de novos mercados na região. Hoje, ela já abastece, além de seus mercados distribuídos nos vários municípios de sua área de atuação e pequenos comer-

ciantes, redes de mercados de Santa Rosa, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, São Borja, Tupaciretã, entre outros.

NÓVOS MERCADOS — O cooperado está dando resultados, destaca o agrônomo, para quem o objetivo agora é buscar novos mercados na região através da ampliação do volume de produção. "São duas coisas que precisam andar juntas," diz, garantindo que o programa cooperado permite esse avanço na medida em que a cooperativa consegue ter a exata dimensão da sua produção, diretamente relacionada com o escalonamento da sementeira e colheita.

Para o Boaro, o produtor horticultor precisa entender que, mesmo que continuem existindo períodos de excesso de produção, seguido de períodos de escassez, o mercado consumidor é constante. "É para este mercado que temos de nos organizar," ressalta, lembrando que já não existe mais espaço para aquele produtor eventual, cobrando, de certa forma, a especialização do horticultor. Entende ser impossível levar adiante uma proposta de atacado na região, através de uma produção eventual, "como vinha ocorrendo até antes do cooperado."



ESPECIALIZAÇÃO — Ao atacar pontos críticos da produção na região, como volume, frequência e qualidade, Boaro está insistindo numa mudança do perfil do horticultor e que vai parar na questão da especialização. E esse, segundo destaca o agrônomo, é até, um caminho natural que vai passar a acontecer através do cooperado. "Ao ter de investir na qualidade, para chegar à frequência e volume, o produtor vai ter que buscar o domínio da tecnologia de produção das diferentes culturas. Essa especialização, em síntese, representa que, na época da sementeira da soja, por exemplo, ele não vai poder abandonar a horta, pois sabe de certeza que essa atitude vai resultar em prejuízos. "Essa exclusão do produtor eventual da atividade olerícola, não vai acontecer porque a cooperativa assim o quer, mas porque faz parte de uma situação conjuntural.

O dimensionamento da produção em volumes diferenciados para determinadas épocas do ano, em função da possibilidade maior ou menor de comercialização, vai levar a

uma melhor remuneração do produtor, no entendimento de Boaro. "É importante entender que o preço do produto não é influenciado pelo volume de produção, mas sim pela oferta colocada a nível estadual e até nacional," diz, sugerindo o conhecimento dos principais períodos de entressafra. Neste sentido, o produtor terá de aproveitar melhor estes períodos de pouca produção, como acontece de fevereiro a maio, quando os produtos são melhor remunerados e a comercialização é mais favorável. Mas Boaro faz um alerta: essa exploração das melhores épocas para comercializar a produção, não deve, jamais, implicar em retirada do mercado nas épocas difíceis, quando o ganho se torna menor, estaremos colocando em risco um mercado já garantido e que pode, simplesmente, ser absorvido por outros que ofereçam garantia de frequência, volume e qualidade," observa, chamando a atenção dos produtores para a necessidade de uma produção constante.

CONHEÇA VOCÊ TAMBÉM A FORÇA DOS HÍBRIDOS BRASKALB



Braskalb[®]
TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

Sugestões para a Carta Municipal

Após dois dias de debates, várias categorias profissionais de Santo Augusto elaboraram as sugestões para a Lei Orgânica do município

Discutir questões ligadas a área de agricultura, associativismo, cooperativismo e meio ambiente, com o objetivo de elaborar propostas a serem utilizadas pelos vereadores na organização da lei orgânica municipal. Esta a intenção do Seminário de Agricultura e Meio Ambiente, realizado em Santo Augusto nos dias 23 e 24 de novembro, promovido pela Associação Pérola de Engenheiros Agrônomos - APEA, pela Cotrijuf no município e Emater, com o apoio da Prefeitura Municipal, Coopersa, Câmara de Vereadores, Sindicato de Trabalhadores e Patronal Rural, Secretaria de Educação e Cultura, ACI, Cimis, entre outras entidades.

A abertura do Seminário foi feita pelo coordenador Ivo Santos de Oliveira, que resumiu a proposta do encontro destacando a importância de ser assegurado através da Lei Orgânica o incentivo a várias indústrias locais, que estiverem preocupadas com a geração de empregos a massa crescente de mão-de-obra desocupada, mas levando em conta os cuidados necessários de proteção ao meio ambiente. Logo após a abertura, iniciou uma rodada de painéis e debates, onde o primeiro assunto foi agricultura e meio ambiente, apresentada pelo engenheiro agrônomo da Cotrirosa, Sérgio Luiz Feltraco, com a participação de Aldo Valmor Schimit, da Emater e Eduardo Fatore da APEA. À tarde o coordenador do setor de Educação da Cotrijuf Pioneira, Luiz Fernando Konzen apresentou um panorama econômico do Estado, enquanto o engenheiro bioquímico da Cotrijuf, Robin Bahr falou sobre o processo de agroindustrialização, sua importância empresarial e o potencial de transformação de todos os produtos cultivados na região.

POLÍTICA AGRÍCOLA — No segundo dia do encontro

foram abordados a política agrícola, agrária e associativismo, tendo como painelistas o vice-presidente da Fecotriro, Rui Polidoro Pinto e o assessor Vergílius Perius. Como debatedores, Hugo Eduardo Paz, pela Farsul e Carlos Karlinski, pela Fetag. Na parte da tarde, os participantes do Seminário realizaram trabalhos em grupo, onde foram registradas todas as sugestões de propostas populares entregues aos vereadores no mesmo dia.

Entre estas sugestões que foram apresentadas em forma de 20 artigos ficou estabelecido que o município deve estabelecer suas ações nas áreas de agricultura, meio ambiente e abastecimento fixadas a partir de planos plurianuais de desenvolvimentos, contemplando: apoio ao cooperativismo, proteção ao meio ambiente, execução de programas integrados de conservação do solo, reflorestamento e aproveitamento de recursos hídricos, incentivo a agroindústria associativa; incentivo a pesquisa e a diversificação de culturas, assistência técnica e extensão rural, irrigação, aproveitamento de resíduos orgânicos, comercialização direta entre produtores e consumidores e armazenagem comunitária.

Tanto os recursos destinados a esses programas como a sua execução ficam a cargo de um Conselho Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, que tem como membros todas as entidades representativas dos agricultores, mais um representante da Prefeitura Municipal, um da Indústria e Comércio, um da APEA, um das associações de classes afins e um da Câmara de Vereadores. Na seção do meio ambiente, seis artigos especificam a atuação do poder público municipal, através de ações permanentes de proteção, restauração e fiscalização do setor.



Seminário: participação de produtores, técnicos e vereadores em painéis variados sobre agricultura, meio ambiente e agroindustrialização.

Por fim, na parte que diz respeito a agroindustrialização, o documento entregue aos vereadores sugere que ao município compete promover e incentivar a industrialização de sua produção primária e recursos naturais, priorizando produtos básicos e proteção ao meio ambiente, visando com isso: ativar a economia municipal; gerar novas fontes de emprego e aumentar a arrecadação de impostos.

Participaram do Seminário em Santo Augusto, produtores, sindicalistas, vereadores, profissionais de diferentes áreas, inclusive de municípios vizinhos que poderão aproveitar as sugestões para a

elaboração de suas cartas municipais.



elaboração de suas cartas municipais.

VERDICT.* O HERBICIDA PÓS-EFICIENTE.

EM QUALQUER ESTÁGIO.

VERDICT* controla as gramíneas em qualquer estágio, desde os iniciais até os mais avançados, o que proporciona muito mais segurança e tranquilidade ao sojicultor, tanto no Plantio Direto como no Convencional. Podendo ainda ser aplicado em áreas menores e somente quando necessário.

NA SELETIVIDADE E RÁPIDA ABSORÇÃO.

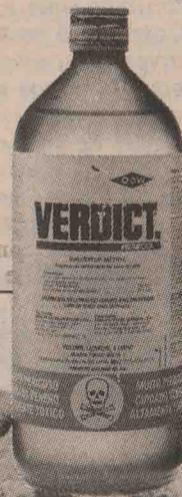
VERDICT* é totalmente seletivo à soja, o que o torna altamente seguro. E graças a sua Rápida Absorção, pode ser aplicado até uma hora antes de chuvas pesadas sem afetar a sua comprovada eficiência.

NA AÇÃO RESIDUAL

Por possuir Ação Residual, que controla as gramíneas por até 40 dias, e por ser compatível com herbicidas para folhas largas, VERDICT* pode ser aplicado entre o 15º e 20º dia após o plantio, juntamente com o herbicida para folhas largas, evitando assim a competição com o mato e uma segunda entrada de maquinário na lavoura, o que proporciona maior produtividade e economia ao sojicultor.

NA EFETIVIDADE E AÇÃO SISTÊMICA.

VERDICT* é altamente efetivo, ou seja, age com menor quantidade de princípio ativo por hectare e graças a sua Ação Sistêmica elimina a parte aérea e raízes das gramíneas.



VERDICT.
HERBICIDA
O HERBICIDA PÓS-EFICIENTE



Dow
Agroquímicos

DOW PRODUTOS QUÍMICOS LTDA - Escritório Central: São Paulo (509) Rua Alexandre Dumas, 1671 - 4º andar, Jd. C. CEP 04717

Chác. São Antônio - Fone: PABX (011) 546-9122 - Telex: 044 22109 - DOW BR

Indústria (BR) - Av. Presidente 30 - 11 andar - CEP 06066 - Fone: (0432) 27-6768 Telex: (43) 3005

SINDICATO RURAL DE JÓIA

EDITAL

O Sindicato Rural de Jóia, em conformidade com o Artigo 550 da C.L.T. (Lei nº 8.356 de 9 de dezembro de 1976), torna público o resumo de sua PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA para o exercício de 1990 devidamente aprovada em Assembleia Geral Extraordinária realizada em data de 30 de novembro de 1989.

RECEITA

11 - Receita Tributária.....	48.600,00
12 - Renda Social.....	9.450,00
13 - Renda Patrimonial.....	8.100,00
14 - Renda Extraordinária.....	9.900,00

Total..... 76.050,00

DESPESA

21 - Administração Geral.....	24.780,00
23 - Assistência Social.....	9.980,00
25 - Assistência Técnica.....	29.650,00
31 - Aplicação Capitais.....	11.640,00

Total..... 76.050,00

Jóia (RS), 06 de dezembro de 1989

RENALETO FONTANA - Tesoureiro

PEDRO OLINTO DA SILVA - Presidente

Programa pioneiro no MS

A expectativa da Regional de Mato Grosso do Sul, com o lançamento do programa de incentivo a ovinocultura na região, é de que o recebimento de lã deste ano, chegue a 40 mil quilos.

Implantado em caráter pioneiro pela Cotrijuí no ano passado, o programa de incentivo a ovinocultura em Mato Grosso do Sul tem se constituído numa opção a mais para o produtor rural do Estado que agora tem onde comercializar a lã do seu rebanho e receber orientação para a melhoria do plantel. A partir deste mês, a cooperativa estará novamente recebendo lã em todas as suas Unidades, em Campo Grande e também no município de Amambai que, apesar de não fazer parte da área de atuação da Cotrijuí, foi incluída no programa devido a grande concentração de ovinocultura.

O médico veterinário Elton Bock Correa, coordenador do programa na Regional lembra que a classificação de lã será feita na primeira quinzena de dezembro, na unidade de Rio Brillante, onde ficará concentrado o recebimento e o pagamento será automático após a classificação que será feita por um técnico proveniente de Dom Pedrito. Os preços variam e são baseados na cotação do dólar oficial, de acordo com a finura da lã.

A expectativa é que o recebimento deste ano chegue aos 40 mil quilos, diz o veterinário, o que significa o dobro do recebido no ano passado. Além disso, a qualidade da lã deve ser superior, pois em 88 muitos produtores tinham grandes quantidades guardadas em tosquiadas anteriores, e a maioria deles investiu na atividade através do melhoramento de raças e de um controle sanitário mais efetivo.

Quanto ao manejo, Elton destaca que alguns pontos devem ser observados e lembra que em locais com boas pastagens podem ser colocados até seis ovinos por hectare. Quando associados com bovinos, a proporção deve ser de um bovino e no máximo três ovinos por hectare. As melhores pastagens são a *Brachiaria Humidicula*, a *Estrela Africana*, a *Coast-Cross*, o *Gramão*, o *Colômbio*, o *Brachiarão*, a *Bermuda*, a *Pensacola*, e o *Quiquiu*, não sendo recomendadas a *Brachiaria Decumbens* e a *Brachiaria Ruziziensis*. As cercas, continua o veterinário,

devem ser bem feitas com palanques de 10 em 10 metros, com quatro ou cinco balancins em cada vão, e sete fios de arame liso, sendo que de baixo para cima, o primeiro fio deve estar a 10 centímetros do solo.

Para a cobertura, o ideal é manter uma época definida, pois assim os cordeirinhos irão nascer em um período bem determinado, facilitando o manejo. As pesquisas mostram que os meses de março e abril são os mais propícios para a cobertura, pois os cordeiros irão nascer após o inverno, diminuindo a mortalidade pelo frio e as pastagens estarão em fase de rebrote, resultando em maior quantidade de alimento para os animais.

O período de gestação dura de 143 a 156 dias e é importante que seja reservado um pasto para as gestantes que precisam de tranquilidade e de boa alimentação para parirem cordeiros vigorosos e saudáveis, sustentando-os com boa produção de leite. No último mês de gestação, não são aconselhados banhos de samicidas, pancadas e apertos de mangueira, pois podem causar o aborto na fêmea. Um mês antes do parto deve ser feita a tosquia da lã na região em torno da vulva, coxas e calda para retirar a sujeira e tornar o parto mais higiênico. A mesma operação deve ser feita ao redor das mamas para evitar que os cordeiros chupem uma mecha de lã, o que pode provocar sua morte por inanição.

Após o nascimento, o veterinário ressalta que é preciso fazer a desinfecção do umbigo com uma solução de iodo e orientar a primeira mamada, se necessário. Depois de alguns dias, deve-se proceder o descole e a castração dos machos. O desmame deve acontecer aos quatro meses. No terceiro mês, começam as vermifugações que devem prosseguir de mês em mês na época das chuvas e de 45 a 60 dias na época da seca.

O uso de vacinas é

fundamental para se evitar o aparecimento de doenças. O animal precisa ser vacinado, sempre, contra a febre aftosa, o carbúnculo sintomático e a enterotoxemia e contra ectima, carbúnculo hemático e footrot, quando necessário.

QUALIDADE — Para o industrial Jaltir Festa, a ovinocultura representa apenas um passatempo que vem cultivando há oito anos, quando começou a trabalhar com ovelhas. Hoje ele já pode se considerar um produtor, pois tem investido pra valer na atividade e, através do melhoramento do seu rebanho espera obter um bom retorno financeiro.

Na propriedade que possui em Dourados, Festa conta com 180 animais, principalmente das raças Corriedale, Suffolk e Hampshire Down, mas pretende se ater a estas duas últimas, melhorando o plantel através da aquisição de animais puros. Seu objetivo é ter um rebanho em torno de 800 cabeças e por isso o produtor tem se preparado, construindo piquetes e formando área de pastagens. Atualmente, além do pastejo, seu plantel é alimentado com silagem de milho e de aveia.

Festa acredita que a atividade, se bem estruturada, pode ser mais lucrativa do que a criação de bovinos e, por isso, está investindo, pois num futuro próximo pretende comercializar animais selecionados. Este ano ele vai vender toda a sua produção de lã — em torno de 200 quilos — para a Cotrijuí e elogia a iniciativa da cooperativa, que através do seu programa tem dado grande incremento a ovinocultura no Estado de Mato Grosso do Sul.



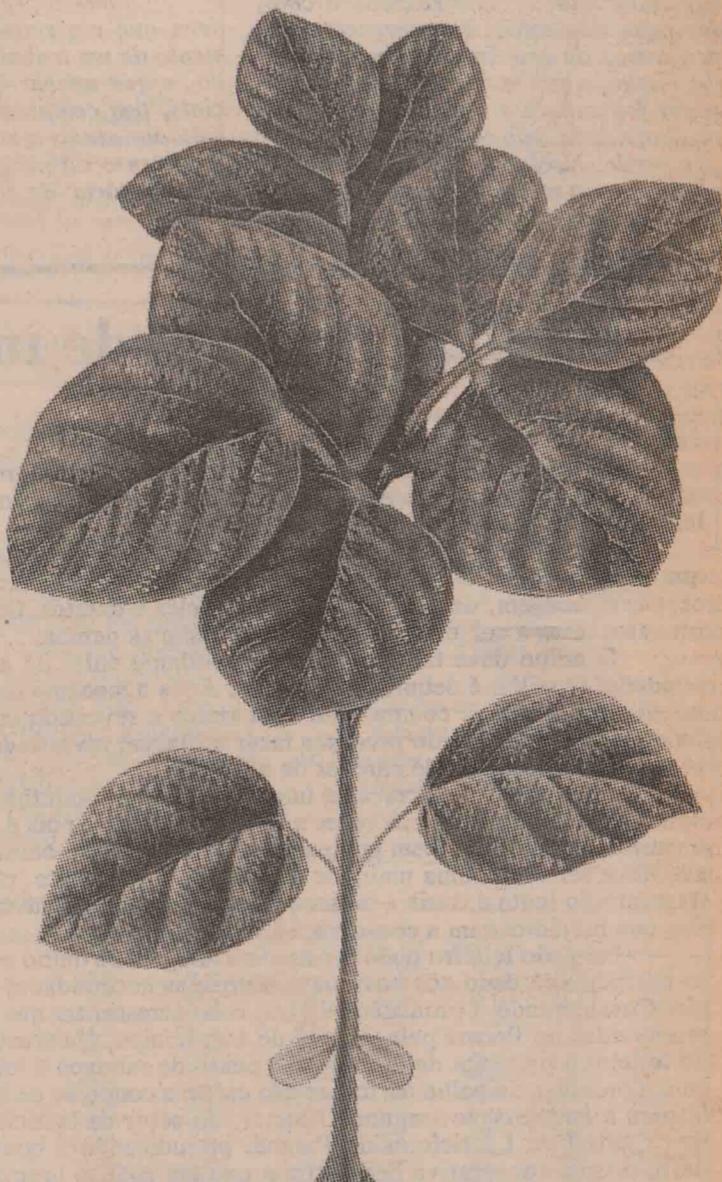
Jaltir Festa
Investindo no
melhoramento
do rebanho

PRINCIPAIS RAÇAS DE OVINOS

Raças Propósito	Lã	Lã e Carne	Carne	Leite	Pele e Carne	Pele
Merino		Romney	Suffolk,	Bergamacia	Somalis e	Morada
Australiano		Marsh	Hampshire	e Lacaune	Rabo Largo	Nova,
e Ideal ou			Down, Texel,			Santa Inês
Polwarth			Ile de France			e Karakul
			e Border			
			Leicester			

DUAL[®]

A BOA COMPANHIA DA SOJA.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

* Marca Registrada de Ciba-Geigy S.A. - Suíça
Produção e distribuição sob licença da CIBA-GEIGY S.A. - 012987

Reconhecimento a um trabalho pioneiro

O engenheiro agrônomo Carlos Pitol, da Cotrijuí de Maracaju, foi eleito na escolha anual da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Mato Grosso do Sul, como o agrônomo do ano, graças ao seu trabalho pioneiro desenvolvido nos últimos anos na área de manejo de solos e adubação verde.

Natural do município de Palmeira das Missões, Pitol se formou em 81 na Universidade Federal de Santa Maria e já no ano seguinte começou a trabalhar em Maracaju, sendo responsável na época pelo laboratório de sementes da Unidade. Dois anos depois ingressou no setor de pesquisa e quando a cooperativa adquiriu um local de 25 hectares específico para esse fim — o CTC, Centro de Treinamento Cotrijuí — ele passou a coordenar o trabalho voltado a área.

Pitol lembra que naquela época, um dos problemas cruciais para a agricultura local dizia respeito a conservação dos solos, que apresentavam problemas de erosão e baixa fertilidade. Assim, o primeiro passo do pesquisador foi trabalhar para incrementar a produtividade via técnicas de adubação verde. No início foi bastante difícil, porque a maioria encarava com ceticismo o trabalho, mas os primeiros a



Carlos Pitol

se utilizarem dela puderam comprovar o resultado, e foi crescente o número de agricultores que passou a adotar a técnica.

No início, conta o agrônomo, a pesquisa se dedicou a adubação verde com aveia, uma cultura de inverno, pois era nesse período que as lavouras apresentavam os maiores problemas, mas hoje há inúmeros experimentos com calopogônio e mucuna preta para adubação verde também em culturas de verão.

Sobre a premiação, Pitol considera que ela representa o reconhecimento de um trabalho pioneiro no estado, e que apesar das dificuldades iniciais, tem comprovado através dos resultados atuais a sua importância para o aumento da produtividade agrícola. "É a vitória de uma idéia", conclui ele.



A Fundação da Cocecrer Lotário Beckert foi eleito presidente da Central

Impulso ao cooperativismo de crédito rural

Com o objetivo de organizar os serviços econômicos-financeiros, assistenciais, integrando e orientando as cooperativas singulares, foi criada em novembro a Cooperativa Central de Crédito Rural do Mato Grosso do Sul — Cocecrer. Atualmente o estado está com nove cooperativas de crédito rural, localizadas nos municípios de Campo Grande, Sindrolândia, Rio Brilhante, Dourados, Itaporã, Caarapó, Bonito e Maracaju. Com a criação da Cocecrer, novas cooperativas deverão surgir, pois também é o objetivo da Central, fomentar a expansão do cooperativismo de crédito rural.

Mato Grosso do Sul é a quinta unidade da federação a ter uma cooperativa central de crédito rural, e o fato adquire maior importância na medida em que a Central significa a união de várias singulares, representando o sistema como um todo na busca de recursos para incrementar a atividade agropecuária através de mais subsídios para a área.

O superintendente da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, Lotário Beckert, associado da Credimara de Maracaju, eleito presidente da Cocecrer, reforça os objetivos da entidade afirman-

do que todos os recursos gerados pelo cooperativismo de crédito rural serão concentrados, objetivando-se a redução de custos e canalização do produto financeiro para proporcionar um volume ao setor rural.

A diretoria da Cocecrer, eleita pelos delegados das cooperativas singulares — cada uma com no mínimo um associado — ficou assim constituída: presidente, Lotário Beckert, Credimara, Maracaju; vice-presidente, Frederico Stefanello, Credidourada, Dourados; secretário, Paulino Stralio, Credilândia, Sidrolândia; conselheiros, Nercy Soares dos Santos, Credibon, Bonito; Darci Valdemiro Bender, Crediiita, Itaporã; Antonio Augusto Rubim, Credirural, Caarapó; Oscar Giuliani, Credirio, Rio Brilhante; Angelo Simão Pavanelo, Credipan, Ponta Porã e Rodolfo Roca Filho, Campo Grande. Conselho Fiscal, efetivos; Telmo Roos, Credimara, Maracaju; Valdeci Martinelli, Credilândia, Sidrolândia; Antonio Batista, Credidourada, Dourados. Conselho Fiscal, suplentes: Germano Belan, Credimara, Maracaju; Darci Alécio, Credirio, Rio Brilhante e Carlos Benjamin da Costa, Credisul, Campo Grande.

Silagem do grão de milho

João Carlos Schiffer

Das técnicas possíveis para baratear custos na propriedade, existe uma que os produtores de nossa região ainda não experimentaram, que é a silagem do grão de milho.

A finalidade dessa silagem é a de baratear os custos de produção, porque não é necessário o frete do milho a cooperativa, não tem despesas de recepção e secagem, os silos são os mais simples e baratos, há possibilidade do produtor fazer a colheita antes e reduzir assim as perdas.

O milho deve ter uma umidade oscilante entre 35 a 40 por cento de umidade. O milho é debulhado e moído. Após a moagem o milho é colocado no silo trinchadeira, compactado com trator e revestido com lona plástica. Existe a possibilidade do produtor fazer a silagem revestindo o silo com lona se este for desprovido de paredes de alvenaria.

Durante a compactação é importante que o produtor observe a largura do silo que deve ser de 1,5 vezes a largura do trator, pois é fundamental que o centro do silo fique bem compactado. É importante observar também que não deve ser usada uma umidade inferior a 35 por cento, pois levaria a uma fermentação lenta e traria a presença de fungos não desejáveis e outras bactérias que prejudicariam a conservação.

No gado leiteiro pode ser usado a silagem de milho como complemento energético e dado aos bovinos conforme as necessidades que a época exigir. Considerando a produção leiteira, cabe acrescentar que experiências desenvolvidas no Paraná pela Central de Laticínios, observou-se que para gado leiteiro a presença de 20 a 40 por cento de sabugos é tolerável, porém já com a presença de palha ou folhas não existe a condição de moagem suficiente para a fermentação, segundo Kramer, do setor de laticínios da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná, prejudicando a conservação. Dados desta mesma cooperativa demonstram que em análise bromotológica, a silagem apresentou os seguintes dados. Umidade, 33 por cento; proteína, 6,5 por cento; extrato eteno, 2,8 por cento; fibra bruta, 3,0 por cento; resíduo mineral, 0,9 por cento; cálcio, 0,030 por cento; fósforo, 0,23 por cento; ph, 4,60 por cento.

Estão aí os dados e a informação, e nossa expectativa é que os nossos produtores sintam as vantagens para que possamos talvez na próxima safra obter resultados desta nova técnica aqui na região.

João Carlos Schiffer

é médico veterinário da Cotrijuí na Regional Pioneira

Visita de cortesia

Conhecer o trabalho que a Cotrijuí vem realizando na área de conservação de solos. Este foi o motivo que trouxe até Ijuí, em visita a Cotrijuí, o ex-deputado Nelson Marchesan.

"Minha visita não tem qualquer conotação política. Estou aqui para aprender, para ampliar meus conhecimentos," deixou claro o ex-deputado acompanhando o crescimento da Cotrijuí desde 1967 e grande admirador do trabalho realizado pela cooperativa na área de pesquisa. "A Cotrijuí serve de modelo para todo o Rio Grande do Sul," destacou. O ex-deputado foi recebido pelo diretor presidente da Cotrijuí, Oswald Meotti, pelo vice-presidente da Regional, Celso Sperotto, pelo diretor Agrotécnico da Pioneira, o agrônomo Léo Goi. Além de visita a sede administrativa da cooperativa em Ijuí, Marchesan se deslocou até o Centro de Treinamento, onde almoçou e conhe-



Nelson Marchesan na Cotrijuí Visita para conhecer trabalho na área de solo

ceu vários trabalhos realizados na área de pesquisa.

Apesar da visita não apresentar caráter político, Nelson Marchesan não pode deixar de fazer algum comentário a respeito do futuro presidente, o qual espera maior atenção para o Rio Grande do Sul. "O nosso Estado não pode continuar sendo pisoteado, como vem acontecendo," disse ele, esperando, por parte do novo presidente, maior atenção às reivindicações dos gaúchos.

Em discussão desde 1952

"A rotação de culturas é amplamente reconhecida e aceita no meio técnico/científico, como prática de manejo de solo, essencial para manutenção da sua fertilidade e consequente produtividade a longo prazo," costuma dizer o engenheiro agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuf, Rivaldo Albino Dhein, sempre que o assunto conservação de solos vem à tona. E foi em meio aos jornais antigos guardados na biblioteca do CTC, que o pesquisador descobriu uma edição do Correio Serrano — um jornal que circulou por quase 70 anos em Ijuí e região — do ano de 1952. Na edição daquele sábado, 14 de junho, um artigo assinado pelo engenheiro agrônomo Hilnon Correia Leite, tratava de um assunto que ainda hoje, passados 37 anos, continua tão atual quanto na época: **a rotação de culturas.**

"Naquela época, quando ainda se praticava uma policultura diversificada na região, quando as graves consequências diretas da monocultura do binômio trigo e soja não podiam sequer ser imaginadas, a consciência já existia e o alerta era dado," assinala Rivaldo, comentando o artigo assinado pelo agrônomo Hilnon Correia Leite e publicado pelo Correio Serrano da época. Lamenta, no entanto, que, como consequência da Revolução Verde que buscou os aumentos rápidos da produtividade através dos insumos químicos, agrotóxicos e da especialização da exploração da propriedade durante três décadas, "as vozes dos defensores da rotação de culturas tenham sido caladas por interesses econômicos maiores e mais poderosos." Diante dos incentivos, o trigo e a soja tomaram conta da região.

A DIVERSIFICAÇÃO — Para o pesquisador, hoje se vive no limite de uma nova década ou era da agricultura. O trigo e a soja, como era previsível, estão perdendo terreno para outras culturas. Com muita ênfase fala-se em diversificação de cultura. "A própria Cotrijuf vem colocando em prática essa idéia já há 13 anos, procurando agregar até mesmo a pecuária ao processo, na chamada integração lavoura/pecuária," diz Rivaldo ressaltando o trabalho da cooperativa no sentido de, através do processo de diversificação da propriedade, buscar não apenas viabilizar, mas também orientar a rotação de culturas como fator indispensável para a continuidade de altas produtividades.

Será que daqui a 35/40 anos,

CORREIO

PROPRIEDADE E DIREÇÃO de ULRICH LÖW | IJUÍ, SÁBADO, 14
 REDATOR: ANTONIO BRESOLIN

Redação: Praça da República n.º 12 | Publica-se às quartas e aos sábados

"A Rotação de Culturas"

HILNON G. C. LEITE — Eng.-Agrônomo

É fato observado na prática que uma determinada planta, sendo cultivada durante muito tempo na mesma terra, vai produzindo colheitas cada vez menores, após certo número de anos.

A diminuição do rendimento devido a esse fato é mais positiva em certas culturas, como a linhaça, do que em outras, como o milho, nas quais não se nota praticamente diferenças na produção de um ano para outro (não havendo outro motivo, e dentro de determinados limites).

As causas do decréscimo da produção de uma cultura, continuamente explorada no

mesmo terreno, ainda não são bem conhecidas. Sabe-se, todavia, como evitar essa queda de produção: basta alternar as culturas, não viciando o solo com uma planta só.

É a isso que se chama rotação de culturas.

Sendo a policultura uma realidade em nosso meio agrícola, fácil se torna ao colono esboçar e pôr em prática um plano de rotação, que pode ser de 2, 3 ou mais anos.

Damos a seguir alguns exemplos de rotação:

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano
2 anos	Milho	Soja	Milho	Soja	Milho
3 anos	Milho	Soja	Batata doce	Milho	Soja
4 anos	Milho	Mandioca	Mandioca	Soja	Milho
5 anos	Milho	Feijão	Milho	Aveia	Trigo
5 anos	Milho	Trigo	Feijão	Milho	Soja

Em terras de campo de barba de bode, são interessantes as seguintes rotações:

1.º ano	2.º ano	3.º ano
Mandioca	Mandioca	Milho
Amendoim	Milho	Trigo
Milho	Soja	Trigo

Além do aumento de rendimento, outras vantagens resultam da execução de um plano de rotação. Assim, torna-se possível o desaparecimento de certas pragas e doenças. Também as "ervas daninhas" ("inço") podem ser controladas dessa maneira.

O dr. A. Boerger, Diretor do famoso Instituto Fitotécnico "La Estanzuela", do Uruguai, após anos de experiências, chegou à conclusão que o aumento de rendimento devido à rotação de culturas, foi maior do que o devido à adubação!

A rotação constitui, portanto, prática altamente econômica e benéfica ao solo.

Pôsto Agro-Pecuário de Ijuí, maio de 1952.

A Missão Educadora Dos Cooperativistas Ingleses

novamente alguém terá de dizer que em 1989, os técnicos da Cotrijuf já falavam da importância da rotação de culturas? indaga o agrônomo do CTC que prefere não acreditar numa resposta afirmativa para a sua pergunta. Garante que se a monocultura perdurar por tanto tempo assim, os solos já estarão demasiadamente comprometidos e pouco produtivos.

Rivaldo aproveita para alertar os agricultores que ainda teimam em continuar queimando a resteva das culturas, como ainda hoje acontece, principalmente com o trigo. "Será possível que estes agricultores não amem seus filhos? Não se queixem, portanto,

quando estes, futuramente, os culparem pelo solo improdutivo que herdaram," avisa.

O pesquisador compara a prática de calcariar, adubar o solo e ao mesmo tempo queimar a resteva, com a situação de um doente do qual foi tirada toda a alimentação, recebendo apenas soro. "Será que esta pessoa sobreviverá?", pergunta, reforçando mais uma vez que a rotação de culturas e a manutenção das restevas são práticas essenciais para manter a fertilidade e a produtividade do solo — Ver artigo do pesquisador, sobre o mesmo assunto, na página 23.

Casa de Carnes também em Dom Pedrito

A população urbana de Dom Pedrito vinha reivindicando há tempos da Cotrijuf, um local mais adequado para abastecer-se de carnes. Principalmente após ter a cooperativa instalado moderna Casa de Carnes em Porto Alegre, onde vende, com sucesso, cortes padronizados de novilhito — o terneiro jovem oriundo do município, os pedritenses passaram a insistir na reivindicação.

Pois agora sai a Casa de Carnes em Dom Pedrito. O local, que já se encontra em reforma, é a loja onde funcionou, até pouco tempo, a farmácia veterinária, deslocada para o complexo de loja e supermercado da cooperativa, que assim centraliza todos esses segmentos comerciais em benefício dos associados e clientes em geral.

A Casa de Carnes, com as mesmas características da outra que existe em Porto Alegre, se localizará no prédio do Sindicato Rural, na praça General Osório. Venderá cortes especiais, tipo novilhito, satisfazendo uma larga parcela de consumidores de gosto mais exigente e apurado.

Os açougues que já funcionam junto aos supermercados da cooperativa continuarão em funcionamento normal, atendendo seu público já tradicional. A Casa de Carnes do centro da cidade é apenas mais um serviço que a Cotrijuf presta aos associados mais exigentes.

COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Para seguros de: 
 INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA -
 ACIDENTES PESSOAIS -
 RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 -
 Fone 332-2400 - ramal 364
 Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 -
 5º andar - Fone 33-50-32

CUSTOS

O uso das máquinas

Programar uma lavoura é sempre uma grande preocupação na cabeça do agricultor. É o dinheiro do financiamento que não chega, a chuva que está atrasada ou as máquinas que ainda não foram para a revisão, entre outras. Mas é nesta hora, mesmo que não traga uma contabilidade na ponta do lápis, que o agricultor tem que ter uma noção mínima de o quanto vai gastar em cada uma das operações a serem realizadas por ocasião da implantação de uma lavoura. A tabela ao lado, com alguns ajustes e valores levantados até 15 de novembro, dá uma idéia de em quanto podem pagar as despesas com o preparo da terra, sementeira, combate aos inços e colheita.

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
001	Trator 62 CV	20,57	0,18	14,52	7,44	42,70	0,00	0,00	42,70	0,00	0,00
002	Trator 77 CV	22,55	0,20	15,92	8,68	47,35	0,00	0,00	47,35	0,00	0,00
003	Trator 82 CV	24,61	0,22	17,37	9,92	52,12	0,00	0,00	52,12	0,00	0,00
004	Trator 95 CV	27,92	0,25	19,71	11,16	59,03	0,00	0,00	59,03	0,00	0,00
005	Trator 110 CV	30,50	0,27	21,53	14,88	67,18	0,00	0,00	67,18	0,00	0,00
006	Trator 118 CV	32,70	0,29	23,09	16,12	72,20	0,00	0,00	72,20	0,00	0,00
020	Automotriz 110 CV	215,76	2,02	161,82	17,36	0,00	396,95	0,00	396,95	0,90	441,06
021	Automotriz 123 CV	236,63	2,22	177,47	18,60	0,00	434,93	0,00	434,93	0,90	483,26
027	Arado 3 discos	3,06	0,01	1,36	0,00	0,00	0,00	4,43	56,55	0,48	117,81
028	Arado 4 discos	4,21	0,02	1,87	0,00	0,00	0,00	6,09	58,21	0,48	121,27
030	Grade aradora 18 discos	13,87	0,05	6,16	0,00	0,00	0,00	20,08	72,21	1,06	68,12
031	Grade aradora 22 discos	15,83	0,06	7,03	0,00	0,00	0,00	22,92	75,04	1,06	70,79
034	Grade niveladora P 5 pés	2,94	0,01	1,31	0,00	0,00	0,00	4,26	56,39	0,76	74,20
033	Grade niveladora 36 discos	11,67	0,05	5,19	0,00	0,00	0,00	16,91	69,03	1,59	43,42
035	Subsolador — T 5 braços	4,98	0,02	2,21	0,00	0,00	0,00	7,21	59,34	0,32	185,44
036	Semeadeira adubadeira 13L	13,07	0,05	7,26	0,00	0,00	0,00	20,39	72,51	1,77	40,97
037	Semeadeira adubadeira 15L	14,28	0,06	7,93	0,00	0,00	0,00	22,27	74,39	1,77	42,03
038	Plantadeira — D 5 sulcos	18,37	0,07	10,21	0,00	0,00	0,00	28,65	80,77	0,93	86,85
039	Plantadeira — D 6 sulcos	20,53	0,08	11,41	0,00	0,00	0,00	32,02	84,14	0,93	90,47
040	Distribuidor calcário 1 T	8,61	0,03	4,78	0,00	0,00	0,00	13,43	65,55	0,93	70,48
041	Distribuidor calcário 5 T	9,86	0,04	5,48	0,00	0,00	0,00	15,38	67,50	1,55	43,55
042	Terraceador B estrita 2 D	5,18	0,02	2,30	0,00	0,00	0,00	7,50	59,62	0,37	161,14
043	Terraceador B larga ITX	8,65	0,03	3,85	0,00	0,00	0,00	12,54	64,66	0,22	293,91
044	Capinadeira mec. 6 Pés	3,54	0,01	1,58	0,00	0,00	0,00	5,13	57,26	1,24	46,18
045	Pulverizador 600 litros	12,21	0,05	5,43	0,00	0,00	0,00	17,68	69,80	1,64	42,56
046	Pulverizador 2000 litros	21,61	0,08	9,60	0,00	0,00	0,00	31,30	83,42	1,64	50,87
047	Atomizador 400 litros	10,96	0,04	4,87	0,00	0,00	0,00	15,87	67,99	1,64	41,46
048	Carreta agrícola 6 Ton.	8,98	0,04	3,17	0,00	0,00	0,00	12,18	64,30	1,33	48,38
049	Ensiladeira	12,00	0,05	5,33	0,00	0,00	0,00	17,38	59,50	0,15	463,99

Cooperativismo debate economia do Cone Sul

Realizou-se na cidade fronteirista de Santana do Livramento, o Encontro Cooperativista do Cone Sul. Foi uma promoção da Ocergs — Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, com as participações do governo do Estado; Coninagro — Confederação Nacional das Cooperativas Agrárias; OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras; OCA — Organização das Cooperativas da América e Cudecoop — Confederação Uruguaia de Cooperativas.

O presidente da Ocergs, Adelar da Cunha, que viajou recentemente à Europa a convite da Fundação Friedrich Neumann, inteirando-se da atualidade do Mercado Comum Europeu, em Bruxelas, falou ao "Cotrijornal", em Porto Alegre, do significado

do encontro cooperativista do Cone Sul, ao qual esteve presente, como observador, um conselheiro do MCE.

O Encontro Cooperativista do Cone Sul, que se desenvolveu no Clube Caixeiral, abordou temas relacionados com todos os segmentos econômicos do setor primário, com destaque para os setores: carnes, lã, grãos, laticínios, vinhos, crédito, energia, saúde rural e consumo.

O presidente da Ocergs destaca o encontro como uma colaboração do cooperativismo nacional ao esforço dos governos do Cone Sul, em sua política de maior aproximação com os países da região. Adelar da Cunha destaca a importância da presença do governador do Estado, Pedro Simon, entre outras autoridades, técnicos e empresá-



Foto: Paulo Soccol

Adelar Cunha

Colaboração do cooperativismo

rios do setor primário. E chama a atenção para a importância da presença do observador do Mercado Comum Europeu, que pode ser fundamental à perspectiva de abertura de negócios na Europa para as cooperativas participantes. Ele considera fundamental para os destinos dos países que constituem o Terceiro Mundo, uma maior aproximação com os países que formam a área de alto consumo do Mercado Comum Europeu.

Setor primário contra o ICMS

"Quando o agricultor compra insumos ou agrotóxicos paga um ICMS que pode variar de 12 a 17 por cento sobre o valor da nota fiscal. E quando o mesmo agricultor vai vender seu produto, o ICMS é diferido, mas acaba sendo descontado na nota de venda". A explicação é de Rui Polidoro Pinto, vice-presidente da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja — Fecotrigo, em reunião realizada no último dia 30 na Farsul, durante reunião com representantes do Conselho de Política Fazendária — Confaz.

Visando reparar isso, que as lideranças da agropecuária consideram uma flagrante injustiça, a Farsul, Federação dos Trabalhadores na Agricultura e Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, com outras entidades setoriais, já organizadas, prometem lutar. O presidente da Farsul, Ary Faria Marimon, qualifica o ICMS como o imposto mais injusto da tributação nacional, "por nivelar a todos, cobrando idêntico tributo do miserável e do milionário".

Na reunião da Farsul, ficou deliberado que as entidades promotoras do encontro criarão uma comissão para aprofundar os estudos da questão para buscar uma solução que venha a satisfazer ambas as partes, já que o fisco estadual se considera impossibilitado de abrir mão do tributo.

Trigo: a boa safra

Apesar do governo ou desgoverno, a triticultura atinge a maioria no Brasil. Mais uma boa safra está sendo colhida, completando-se assim o quarto ano consecutivo de excelente produtividade do cereal, com manutenção do peso hectolítrico. A declaração é do assessor econômico da Fecotrigo, agrônomo Paulo Roberto da Silva, acrescentando que a média desta safra demonstra maior produtividade do que a de 1987/1988.

No ano passado, disse o técnico, a média alcançou 1.597 quilos por hectare. E nesta safra a média já registra 1.667 quilos, com um ganho adicional de 70 quilos o hectare. E isso, apesar do clima, que foi adverso.

No entanto, tem-se a lamentar uma redução de 25 por cento na lavoura, que foi motivada pela excessiva de-

mora do governo em alocar recursos de custeio agrícola. Naturalmente que, em consequência disso, teremos uma safra menor, em volume global, relativamente a anterior. No estado, devemos chegar a 1,2 milhão de toneladas.

E nessa ciranda toda, enfatiza o técnico da Fecotrigo, é preciso dizer ainda que o governo, que estabeleceu o parcelamento no pagamento do trigo, ainda ameaça atrasar os pagamentos na forma que ele próprio se comprometeu. Até o último dia 23 de novembro, não havia certeza se iria ser cumprido o pagamento da parcela correspondente ao mês, segundo Paulo Roberto.

DEFINIÇÃO POLÍTICA — O chefe do Departamento de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil (Ctrin), Nilo Fensterseifer, concorda que a

safrinha tritícola será normal e poderá até superar o volume que vinha sendo previsto. Ele acrescenta estar mais do que comprovado que temos as melhores condições de auto-suficiência em trigo. Mas para que isso se configure, definitivamente, sem os altos e baixos da incerteza e da dúvida que tem marcado as safras do cereal em nosso país, é preciso que o governo fixe normas bem definidas, acabando de vez com as dúvidas que tem caracterizado a ação governamental.

Ele considera inadmissível que se continue protelando a fixação de uma política clara e bem ordenada a respeito do trigo. Diz: se temos terra, tecnologia já definida, variedades criadas em relação ao nosso solo e clima, além de mercado carente de pão, não dá para entender porque não se traça uma polí-



Produção de trigo
Volume deve superar as previsões, segundo Nilo Fensterseifer, foto ao lado

tica firme e definitiva para a triticultura.

Considera que entre as prioridades a serem colocadas pelo futuro presidente da República, o trigo deve ser colocado em lugar de destaque, sob pena de continuarmos de-

pendendo de importação da quantidade que temos todas as possibilidades para produzir.



Procred implantado no MS

Com a presença do secretário da Senacoop, Adair Mazzoti, do diretor de planejamento do BNCC, Francisco Cândido da Silva e do diretor superintendente da OCB, Francisco Alves, foi lançado no final de novembro em Campo Grande, o programa de apoio ao desenvolvimento do cooperativismo de crédito — Procred.

Instituído através da portaria n° 198 de 30 de agosto de 1988, pelo Ministério da Agricultura, o Procred tem como objetivos promover a formação dos recursos humanos que atuam no sistema de crédito cooperativo — instrutores, gerentes, membros do

conselho fiscal, dirigentes — produzir material de apoio e assessoramento técnico às cooperativas de crédito, federação e organizações estaduais, estimular a criação de novas cooperativas de crédito rural ou urbano, singulares ou centrais e promover a integração horizontal e vertical das mesmas.

Coordenado pelo Ministério da Agricultura, pela Senacoop, pelo BNCC e pela OCB, Procred tem uma coordenação nacional, com sede em Brasília, designada para efetivar a gestão técnico-financeira dos recursos do programa, acompanhar e auxiliar o desenvolvimento das ativi-

dades, além de analisar e aprovar os planos propostos por cada comitê estadual.

Mato Grosso do Sul é o 21° a contar com o Procred e durante o lançamento do programa, realizado na Delegacia Federal da Agricultura, compareceram líderes cooperativistas, o secretário estadual da indústria e comércio, Waldir Guerra, da agricultura, Natal Meira Barros, o Delegado Federal da Agricultura, José Alexandre Trannin, o presidente da Ocergs, Rui Barbosa Ferreira e os diretores da Cocecrer de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Celso Ruggiero e Peri Marzullo, respectivamente.

Proteja Seu Lucro.

Sacaria FRESAL de Polipropileno

- Alta resistência e durabilidade;
- Costura lateral com dobra dupla e reforço na boca;
- Impressão nítida em até 3 cores;
- Baixo custo e entrega imediata.



FRESAL EMBALAGENS LTDA.
Fone: (0512) 43-4399

P.A.Z.

Os 109 anos da Gazeta

O jornal "Gazeta Pedritense", primeira edição circulou a 1º de maio de 1880, foi o primeiro órgão de imprensa de Dom Pedrito, que já completou 109 anos de existência. Este jornal pioneiro, que circulou por 38 anos, até 1918, foi fundado por Francisco José Ferreira Camboim, tendo como redatores Rodolpho Gomes e Alípio Cadaval, e administrador, Cândido Puppillo. Numa segunda fase, a partir de 1908, foi dirigido por Gavino Machado da Silveira e Zeferino Cabreira da Rocha. Ainda em ouro período, de 1912 a 1918, teve em seu quadro diretores o nome de Eustáquio Gomes.

O Museu Histórico "Paulo Firpo", está promovendo a amostra "Jornais de Dom Pedrito", que se prolongará até o final das férias escolares do município, em fevereiro. Segundo o diretor do museu, professor Adilson Nunes de Oliveira, a exposição destina-se, especialmente, a aos estudantes do ensino médio, numa fase em que as crianças necessitam de maiores subsídios em seus cursos.

O município já contou, até hoje, com 121 jornais, inclusive com o jornal - Ponche Verde - que já conta com 77 anos de circulação ininterrupta. Foi fundado a 21 de fevereiro de 1932, por João de Deus D'Mutti.

Alguns jornais pedritenses os-

tentaram nomes curiosos. Os mais estranhos foram: "O Times", surgido em 1892. Eram proprietários Carlos Bueno da Silva e Zeferino C. da Rosa. A Tesoura, O Tagarela, O Paladino, Scintilação, O Engrossador, Mexeriqueiro, A Astúcia, A Sereia, O Mosquito, O Rouxinol, O Soco, O Binóculo, O Muque, A Bomba, Coisas, O Filtro, O Espinho, O Gancho, O Enforcado, O Alfinete, O Ferrão, Ai! Pirata, A Pua, A Agulha, O Parafuso, O K.C.T., entre outros.

Um elevado número de jornais foram fundados ou tiveram a colaboração de João de Deus D'Mutti, que se celebrou com sua maior criação, o Ponche Verde, que continua circulando, como único veículo da imprensa escrita do município.

Falecendo o fundador, o Ponche Verde foi levado avante por sua viúva. Hoje o jornal é de propriedade da família Munhoz, sendo dirigido por Bernardo de Miranda Munhoz e seu filho Cláudio Gonçalves Munhoz, tendo como diretor comercial Henrique Nelson C. Borges.

Uma boa iniciativa essa do Museu Paulo Firpo em mostrar à população jovem do município, uma exposição didática dos jornais que foram editados até aqui. Parabéns a seu diretor, o professor Adilson.

Comassetto venceu eleição na SARGS

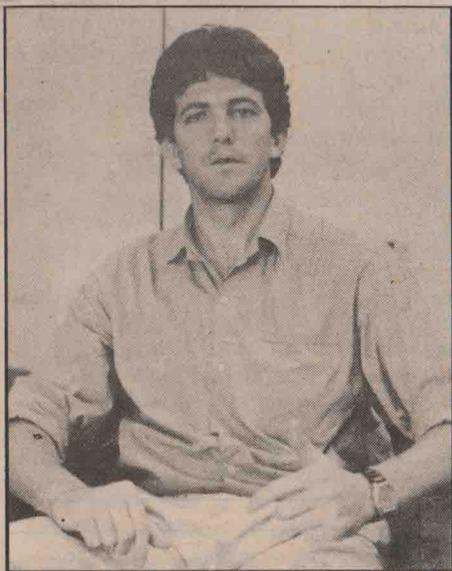
Uma renhida disputa na base do voto, do começo ao fim da eleição, assinalou a troca de diretoria na Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, o dia 14 de novembro, véspera da eleição presidencial do país.

O candidato vitorioso, agrônomo Carlos Roberto Comassetto, da chapa Integração e Independência, somou 364 votos contra 351 do colega Carlos Alberto Romero, defensor da chapa "Renovação". Conforme se vê, a diferença foi de escassos 13 votos, num universo de 715 sufrágios válidos.

Apesar da SARGS, como entidade associativa, se proclamar apolítica, ou apartidária, na verdade os ventos políticos das ideologias andaram soprando forte ao redor das urnas classistas do dia 14. O candidato eleito, Carlos Alberto Comassetto, é militante do Partido dos Trabalhadores. Ainda na última eleição, de caráter municipalista, concorreu a uma vaga na Câmara Municipal de Dom Pedrito, não conseguindo eleger-se pelo fato do seu partido não ter alcançado o quórum exigido pela Justiça Eleitoral.

O candidato derrotado, Carlos Alberto Romero, apesar de proclamar-se apolítico, pende para a direita. Ele é natural de Passo Fundo, sendo pouco conhecido em Porto Alegre, inclusive sua própria SARGS, onde consta que recentemente começou a aparecer às vésperas do pleito.

O municípios de Santo Ângelo, Dona Francisca, São Borja, Porto Alegre e Carazinho, tiveram as urnas anuladas. Pelotas teve uma urna anulada. Uruguaiana não realizou eleição e Dom Pedrito não remeteu as urnas à SARGS no tempo hábil para processamento.



Carlos Comassetto
O novo presidente da SargS

OS VOTOS DOS CANDIDATOS POR MUNICÍPIO

	ROMERO	COMASSETTO
Bagé	24	09
Bento Gonçalves	04	08
Caxias do Sul	zero	24
Cachoeira do Sul	05	12
Camaquã	02	09
Cerro Largo	01	06
Cruz Alta	74	01
Estrela	zero	12
Seberi	01	02
Getúlio Vargas	06	03
Ibirubá	32	02
Ijuí	23	17
Júlio de Castilhos	14	02
Lagoa Vermelha	02	07
Nonoai	02	05
Paráí	01	08
Palmeira das Missões	02	27
Panambi	02	08
Passo Fundo	76	04
Pelotas	05	81
Santa Cruz do Sul	13	03
Santa Maria	25	42
Santa Rosa	14	29
São Luiz Gonzaga	03	19
São Sepé	12	01
Sarandi	02	08
São Lourenço do Sul	zero	09
Em separado	06	06
Totais	351	364

COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário
Alaor José Dalrozo — tecnólogo em cooperativismo

Os problemas com acidez

Com a chegada do verão, aumentam sensivelmente os problemas com leite ácido e leite condensado nas plataformas de recebimento da Cotrijuf. Os problemas ocasionados pelo calor são três vezes maiores que aqueles que normalmente ocorrem durante os meses de inverno. Por maiores que sejam os cuidados do produtor nesta época do ano, dificilmente ele consegue entregar toda a sua produção sem problemas que possam influir na qualidade do produto. Mas a verdade, é que está em suas mãos reduzir a entrega de leite de má qualidade. O leite ácido prejudica todos os setores envolvidos na atividade, desde o produtor, a cooperativa, até o transportador. Como a produtividade e a lucratividade, diante dos altos custos de produção, precisam aumentar a cada dia, o produtor precisa levar a sério alguns cuidados que evitam prejuízos. Precisa dar atenção à alimentação dos animais; ter muito cuidado com os utensílios usados na retirada, conservação e transporte do produto.

Ao sair do úbere da vaca, o leite apresenta uma temperatura ao redor de 37,5 graus centígrados e uma acidez considerada normal situada entre 15 a 18 graus Dornic. Ao chegar até a plataforma de recebimento, o produto deverá apresentar, no máximo, 10 graus centígrados de temperatura. O grau de acidez não deve estar alterado. Se ultrapassar os 19 graus Dornic, chegando até 24, o produto será considerado leite ácido. Acima de 25 graus Dornic o produto será condensado.

Um leite sadio e de boa qualidade, permite melhorar a remuneração do produtor. Mas para que esse produto seja entregue na plataforma, sem qualquer tipo de contaminação que possa influir na qualidade do produto, algumas medidas precisam - e que não são novidades para o produtor - ser lembradas e adotadas:

- **Estábulos sujos** - as moscas, o ar e água contaminada transportam os micróbios responsáveis pela contaminação do produto. Eles também permitem o surgimento de corpos estranhos no leite, como poeira, pelos de animais, torrões de terra, partículas de ração, forragem, folhas, excrementos e urina. A higiene do estábulo influi na qualidade do leite.

- **A ordenha** - as mãos e roupas sujas, a utilização do próprio leite ou saliva como lubrificante das mãos, tosses, espirros, na hora da execução da ordenha, são fontes de micróbios que podem contaminar o leite. O estado de saúde do ordenhador também pode influir na qualidade do produto. Outra recomendação: não fumar durante a realização da ordenha e procurar lavar as mãos, de preferência com desinfetante, entre uma ordenha e outra. A ordenha deve ocorrer em ambiente calmo.

- **Vasilhame** - baldes, tarros, ordenhadeiras mal higienizadas, são causas certas de contaminação. Assim como os tarros, as tampas devem estar limpas e bem conservadas. Tampas sujas, furadas ou enferrujadas prejudicam a qualidade do leite.

- **O resfriamento** - esta é uma operação das mais delicadas e de fundamental importância para a conservação e manutenção da qualidade do produto. Após a coagem, a temperatura do leite deve ser reduzida, porém, com o cuidado de se evitar um "choque térmico." Esse rebaixamento de temperatura deve acontecer de forma lenta e o resfriamento, de modo gradual, de preferência em água corrente e com a homogeneização constante antes do produto ser levado para o armazenamento final. Outra recomendação: fazer com que o leite esfrie e não congele. O tarro só deve ser fechado na hora da entrega do produto.

- **Mamite** - é uma inflamação do úbere das vacas. O número de microrganismos é bastante acentuado e seu desenvolvimento após a ordenha ocorre rapidamente, permitindo que o leite fique ácido em poucos minutos. Por esta razão, o produtor deve ter o cuidado de não enviar leite tirado de vaca com mamite para a indústria.

- **Alimentação** - muito fibrosa, altera o metabolismo dos animais e modifica a composição química do leite, aumentando a possibilidade do surgimento da chamada "acidez metabólica."

- **Tratamento com medicamentos** - procurar respeitar o período de carência determinado pelo medicamento, principalmente quando se trata de antibióticos. Este tipo de medicação é bastante forte e, geralmente, deixa resíduos no leite, baixando a sua qualidade.

- **O colostro** - não mandar para a indústria o leite proveniente dos oito primeiros dias após parto. Além de não ser um leite apropriado para o consumo humano, ele ainda promove a acidificação mais rápida, se misturado ao leite bom. O leite proveniente dos últimos 45 dias antes do parto - período em que a vaca deve ficar seca - também não deve ser enviado para a indústria.

- **A localização dos tarros** - é importante que o tarro, enquanto espera o transportador, fique protegido do sol em abrigo construído especialmente para este fim. Caso contrário, o leite esquenta e facilita a acidez.

- **Transporte** - um atraso no transporte aumenta a possibilidade do leite azedar, principalmente aquele coletado no início da linha ou aqueles que já apresentam problemas. Os atrasos geralmente revertem em prejuízos para o produtor.

- **O Toldo** - o uso do toldo sobre os caminhões transportadores de leite protege o produto do calor do sol e ajuda a evitar a ocorrência de prejuízos maiores, principalmente se ocorrer, porventura, algum imprevisto durante o transporte.

Manejo adequado

Volnei Antônio Weschenfelder

Levando-se em consideração os aspectos de clima, fertilidade do solo, temperatura, luminosidade e umidade, pode-se afirmar que todas as gramíneas tropicais, com altas produções durante o verão, reduzem essa produção no inverno. Em termos gerais, a proporção de produção é de 80 por cento no verão e apenas 20 por cento no inverno — estacionalidade —. A água não é o principal fator limitante da produção de massa verde de uma espécie forrageira de verão no inverno, mas sim a temperatura e luminosidade, devido a grande influência dessas na fotossíntese e consequente armazenamento das reservas nas plantas.

MANEJO — Baseado nesta constatação, é possível afirmar que, somente com as sobras de verão e valor nutritivo, 80 por cento da forragem produzida nos pastos do Brasil são simplesmente perdidos por falta de manejo ou manejo inadequado. Portanto, são perdas que devem ser reduzidas para 15 a 20 por cento das forragens existentes antes de se pensar em formar forragens novas e diferentes das já existentes.

Manejar uma pastagem é buscar o equilíbrio entre dois fatores conflitantes de produção: a exigência nutricional do animal sobre pastejo e a exigência fisiológica da planta forrageira para alcançar e manter a produtividade elevada. Em outras palavras, o animal terá alta produção de leite e rápido ganho de peso quando se alimentar em abundância de folhas com alto valor nutritivo — sempre as mais novas. E as plantas forrageiras dependem justamente dessas folhas mais novas, com alta capacidade de transformar a energia do solo em reservas, para se manter e desenvolver.

ASPECTOS PRINCIPAIS

- O produtor deve adquirir o hábito de observar o que está ocorrendo em seu pasto — não observar somente os animais;

- As reservas das plantas forrageiras de porte ereto, em forma de touceira — Capim Elefante, Setária, Colônião e Jaraguá —, localizam-se na base dos colmos e raízes;

- As reservas das plantas forrageiras de porte baixo e rasteiro — Estoloníferas-hermatrías, Estrelas, Brachiárias, Capim Sempre Verde — localizam-se nos estolões — barracos — e raízes.

- Portanto, em um sistema de produção extensivo, utilizar espécies forrageiras de porte baixo, estoloníferas. Em um sistema de produção intensivo ou semi-intensivo, utilizar espécies forrageiras de

porte alto — mais produtivas.

- Colocar o gado no pasto quando as plantas já se recuperaram e armazenaram certa quantidade de energia capaz de permitir uma rebrota rápida e vigorosa após o corte ou pastejo.

- Retirar o gado do pasto quando as plantas já foram pastejadas ao máximo, sem no entanto comprometer as reservas que permitirão a sua recuperação em curto espaço de tempo;

- Outra forma de definir o momento de entrada e saída de animais em uma pastagem é através de uma altura. Assim, para espécies de porte alto e hábito de crescimento ereto, os animais devem ser colocados quando a planta atingir 80 centímetros de altura, retirando-os, quando a mesma alcançar 40 centímetros.

- Em espécies forrageiras rasteiras, de hábito de crescimento estolonífero, a entrada dos animais acontece quando a planta atingir uma altura de 35 a 40 centímetros. A retirada dos animais deve ocorrer quando a mesma alcançar de 15 a 20 centímetros de altura.

- Sem adubação, o produtor não deve esperar milagres. "Pasto mal nutrido é gado mal nutrido." Deve-se fazer a calagem e corrigir deficiências minerais — análise do solo.

- A lotação dos animais na pastagem deve acontecer de modo que possa evitar a degradação da pastagem ou o seu desperdício.

- Observar áreas super e subpastejadas. Corrigir com uma inteligente distribuição de água, sal mineral e sombra. Dividir o pasto em piquetes ou aumentar a lotação.

- Para diminuir o desperdício, deve-se aproveitar as sobras de verão, conservando, sob forma de silagem ou feno, fornecendo-as no inverno.

- Deferimento: consiste no adiantamento da entrada dos animais em parte da área nos meses próximos do inverno, permitindo as plantas "sementarem," renovando e reformando a pastagem, além de alimentar o rebanho parcialmente no inverno.

- Deve-se ainda fazer a limpeza das pastagens, eliminando-se as plantas indesejadas. Se a eliminação ocorrer através de produtos químicos — herbicidas —, procurar respeitar o período de carência indicado pelo fabricante ou técnico.

Para melhor usufruto de uma pastagem, recomenda-se utilizar um terço da área para conservação da forragem e dois terços para pastejo direto no verão. No outono pode-

se usar a área total em pastejo direto; no inverno o fornecimento da forragem conservada — sobras de verão — e na primavera um terço da área em pastejo direto a dois terços em forragem conservada.

CARACTERÍSTICAS — As forrageiras apresentam várias particularidades e as mais agressivas são a Brachiária, Humidicula, Cost Cross, Estrela Africana, Setparia e a Grama Forquilha — Paspalum Notatum —. As espécies mais resistentes a seca são o Capim Elefante, a Setária e a Estrela, sendo que estas duas últimas, juntamente com o Colônião,

Jaraguá, Brachiária — especialmente o Brizanthão — e o Capim Gordura não suportam geada.

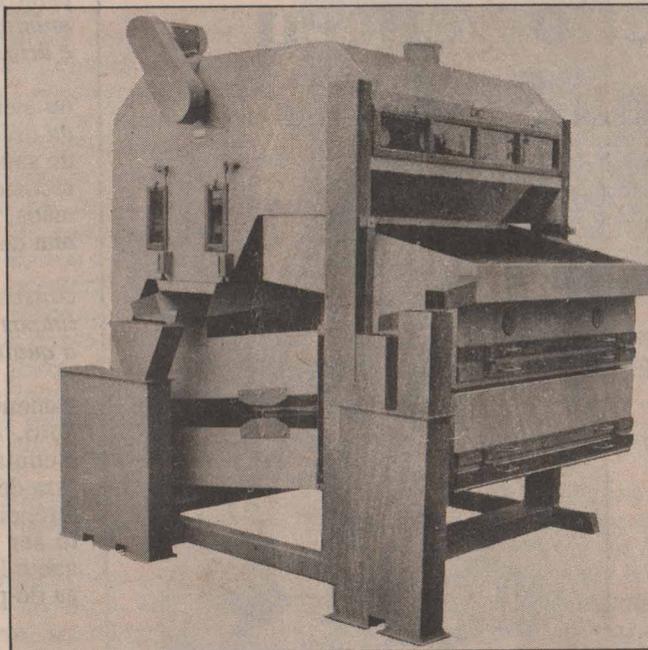
Para solos férteis, as melhores forrageiras são: Colônião, Brachiária, Rhodes e Capim Elefante. Para os de baixa fertilidade, o Capim Gordura, a Grama Forquilha e a Estrela. Para áreas encharcadas, recomenda-se o Jaraguá, o Quiceiro e a Setária. Já para os solos enxutos, as melhores forrageiras são o Colônião, o Gordura e a Brachiária.

Essas são, portanto, algumas sugestões práticas para um melhor manejo de

pastagens disponíveis ou que serão formadas futuramente, tomando-se possível, com isso, aumentar consideravelmente os índices de produtividade do rebanho, quando, naturalmente, associadas com outras práticas de ordenação — vacinas e vermífugos —, reprodutivas e melhoramento racial, de maneira racional e inteligente, de acordo com as peculiaridades de cada propriedade nas mais diferentes regiões.

Volnei Antônio Weschenfelder é médico veterinário da Cotrijuf, unidade de Bonito/MS.

TÁ NA HORA DE LIMPAR O BRASIL.



Aproveite e limpe com a melhor tecnologia.

Esta é a hora. A SUA USADA É ACEITA NO NEGÓCIO.

Máquina de Limpeza LC/SP

A hora de pensar em limpar é agora. Quem está consciente disso, não pensa duas vezes: escolhe a tecnologia

Kepler Weber de máquinas de limpeza e pré-limpeza. E chega de sujeira. Esta é a hora.

Características Técnicas das Máquinas de Limpeza e Pré-Limpeza

CLASSE	LIMPEZA		PRÉ-LIMPEZA	
	LC 160	LC 160/SP	PPLC 160	PPLC 160/SP
Modelo				
Capacidade (t/h)	15	30	30	50
Exaustor (CV)	5	5	5	5
Peneira (CV)	1	3	1	3
Exaustor (R.P.M.)	820/1.100	820/1.100	820/1.100	820/1.100
Peneira (R.P.M.)	400	400	400	400
Peso (kg)	1.350	1.700	1.350	1.700

KEPLERWEBER
SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

SONDER

CALENDÁRIO

ALHO

Produção razoável

A Cotrijuf está recebendo alho de seus produtores associados. A produção está sendo razoável em função dos fatores climáticos — como chuvas em excesso — que provocaram o aparecimento de doenças e também como consequência da baixa tecnologia empregada. O alho Portela, uma variedade mais do tarde, também já foi colhida e está recebimento em pleno andamento.

Todo o alho entregue na Cotrijuf, a isso não representa nenhuma novidade para os produtores envolvidos com a cultura, é classificado em cinco modalidades diferentes, influenciando diretamente na formação dos preços. O alho médio, classificado como 1 e 2 para indústria. O alho pequeno é classificado na modalidade 3; o de tamanho médio, na modalidade 4; o grande leva a classificação 5 e o graúdo, de melhor qualidade no mercado e, obviamente, o que tem condições de melhor remuneração para o produtor.

Os preços, segundo João Agostinho Boaro, Supervisor da Área de Agricultura da Cotrijuf na Pioneira,

variam de acordo com a classificação do produto e a liquidação é feita 15 dias depois da entrega do produto. Ele ainda chama a atenção dos produtores para a necessidade de proceder uma boa cura, a nível de galpão, por uns 30 dias, antes da limpeza do produto.

A Comissão dos Produtores de Hortigranjeiros da Cotrijuf na Pioneira realiza reunião de avaliação no dia 18 de dezembro, em Ijuí. Na pauta dos assuntos, além de uma avaliação do programa cooperado que hoje envolve mais de 60 produtores e meia dúzia de produtos, também está incluída a discussão em cima da organização da produção, das mudanças ocorridas no sistema de comercialização e ainda uma projeção das atividades a serem desenvolvidas no próximo ano.

BOLSA DE NEGÓCIOS

VENDE-SE

* Uma junta de bois, mestiço zebrado, com 5 anos de idade. Tratar com Erani de Jesus, em Mauá, interior de Ijuí.

* Um terneiro charolês para reprodução, com 9 meses de idade e peso aproximado de 450 quilos. Tratar com Sirineo Pavani.

* Uma vaca Jersey/Holandesa, com cria nova. Tratar na recepção da Cotrijuf de Ijuí.

* Uma junta de vacas de leite, um galpão, uma roda d'água de ferro. Tratar com Marciano Wisneske, Linha 2 Norte, Chorão, interior de Ijuí.

* Uma vaca Jersey e duas matrizes Wessex, pesando 80 quilos. Tratar com Ivani Jappe no Parador, Ijuí ou pelo telefone (055) — 332-5769.

* Uma automotriz SLC-1000, ano 1973, com flexíbarra. Tratar com Aleio Schneider, na Cotrijuf em Ijuí.

* Vende-se uma colheitadeira SLC-1000, ano 1975, motor reformado, plataforma flexível, revisado. Tratar pelo fone (055) 332-5759, ramal 7.

* Adubo orgânico — esterco de galinha. Tratar Cotrijuf de Ijuí, pelo ramal 209.

* Uma casa de madeira mista com 6x10 metros quadrados e terreno medindo 10x50, arborizado, cercado com tela, localizado a duas quadras da Cotrijuf. Recebe carro ou caminhão no negócio. Tratar com Nilo Pereira, na rua Emílio Haumann, 390, Bairro Thomé de Souza, em Ijuí.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE SANTO AUGUSTO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto RS, no uso das atribuições dos Estatutos Sociais **CONVOCA** os Senhores associados deste Sindicato, em pleno gozo de seus direitos Sindicais para as

ASSEMBLÉIAS GERAIS ORDINÁRIAS E EXTRAORDINÁRIAS,

a serem realizadas no dia 11 de dezembro de 1989, no Salão Nobre do Colégio Padre Anchieta de Santo Augusto, conforme discriminação abaixo descrita:

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

com início para as 13h30min em primeira convocação com 50 por cento mais um dos associados presentes em condições de votar, ou em segunda convocação uma (1) hora após com qualquer número de associados.

ORDEM DO DIA

- Leitura, discussão e votação da proposta orçamentária para o exercício de 1.990 e, Parecer do Conselho Fiscal.
- Assuntos Gerais.

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

com início logo após ao término da Assembléia Geral Ordinária, em primeira (1) Convocação com 50 por cento mais um dos associados presentes em condições de votar, ou em segunda convocação, uma (1) hora após com qualquer número de associados presentes.

ORDEM DO DIA

- Apresentação, discussão e votação do novo estatuto do Sindicato.
- OBS: Só poderão votar associados que estiverem quites com a tesouraria do Sindicato e a apuração será por escrutínio secreto.

Santo Augusto RS, 29 de novembro de 1989.

JOÃO JUAREZ POSSATTO — PRESIDENTE

S.T.R. — SANTO AUGUSTO RS

Queima da palha: quem pagará por isto?

Rivaldo Dhein

Mais uma vez comprova-se que o agricultor tem memória curta — como aliás, o povo de modo geral — ou será simplesmente teimosia? Quando parecia que a queima da palha estava definitivamente afastada da região, em consequência de um trabalho intensivo de conscientização do produtor e da comunidade como um todo, bastou que tivéssemos uma produtividade razoável de trigo, com bom volume de palha, para que muitos esquecessem tudo e voltassem a queimar as restebas.

Puramente por "comodismo" ou pela falta de vontade — eu diria até pela falta de coragem — de enfrentar o problema, fugiram dele, queimando aquilo que de melhor podiam adicionar ao solo. O maior desejo e satisfação do agricultor realmente consciente e inteligente — e graças a Deus hoje é a grande maioria — é exatamente produzir uma palha abundante para devolvê-la ao solo, melhorando suas propriedades físicas, químicas e biológicas. A palha é o pão do solo.

Quem queima a palha, queima com ela, a vida do solo! Na camada superficial, arável, de 1 hectare de terra, vivem bilhões de minúsculos seres vivos — tão pequenos que não podemos vê-los a olho nu — além de insetos e pequenos animais como pássaros — e seus ninhos —, rãs, cobras, lagartos, ratos, etc, todos muito importantes e úteis. São indispensáveis até para a manutenção dos ciclos naturais de vida, onde, em cadeia, uns se alimentam dos outros, mantendo o equilíbrio.

A palha — matéria orgânica — é um dos princípios destes ciclos vitais. Serve de alimento e fonte de energia para os microrganismos; desencadeando toda uma "cadeia alimentar", que passa até mesmo pelo homem que também se alimenta de vegetais e de animais. Se queimamos a palha, queimamos este alimento, junto com a própria vida.

A quebra deste equilíbrio, entre outras coisas, contribui para aumentar a incidência de pragas, moléstias e invasoras das culturas. Do mesmo modo que os agrotóxicos — venenos — de amplo espectro (aqueles que matam tudo), também o fogo elimina os seres vivos indistintamente. Logicamente, nesta situação, os primeiros a voltarem após a "matança generalizada", são as pragas, as moléstias e as invasoras das plantas cultivadas. São estas que, imediatamente, terão à sua disposição, o ambiente e a alimentação adequadas, proporcionadas pela cultura.

É dentro deste "equilíbrio" da vida — e no meio ambiente em geral — que se forma o nosso solo agrícola, a partir da rocha "matriz". Sem vida, não há formação de solo.

A natureza leva em média 300 — até 500 em certos casos — anos para produzir — fabricar — uma camada de 1 centímetro de solo a partir da rocha. Isto por si só evidencia que ninguém — nem mesmo o que se diz "proprietário" () — tem direito de maltratar a terra, permitindo a degradação — que em geral inicia pelo uso do fogo e aumenta com a mecanização excessiva, mau manejo do solo, uso de agrotóxico — e conseqüente perda de solo por erosão.*

Perante a natureza e a humanidade, ninguém é dono da terra. Ela é um patrimônio da humanidade e, principalmente, das gerações futuras que terão que sobre-

viver sobre ela. Podemos considerar no máximo que a "escritura" é uma espécie de contrato de arrendamento — empréstimo — que nossos filhos e netos nos concedem, e que temos o dever e compromisso moral de devolver-lhes tão ou mais produtiva que a recebemos.

Uma geração, em média dura de 60 a 70 anos, o que é insignificante em comparação com o tempo de formação de apenas 1 centímetro de solo. Esta, demora pelo menos 5 gerações. Se consideramos como camada arável, mais fértil, os 20-25 centímetros superficiais do solo, concluímos que a natureza trabalhou de 6.000 a 7.500 anos para produzi-la.

Já tivemos em Ijuí, casos — documentados fotograficamente — de perda total da camada arável, em lavouras de soja recém plantadas, em apenas uma noite de chuvas. A palha fora queimada e o solo intensivamente preparado, com várias gradagens, para eliminar os insetos nesta área. O proprietário desta lavoura perdeu numa noite, todo o calcário aplicado ao solo, mais o adubo, a semente, o diesel e o próprio suor. Tudo isto somado, embora normalmente seja o mais lamentado — porque dói no bolso, imediatamente — é insignificante se comparado com o solo perdido — produzido ao longo de mais de 6.000 anos.

O mais interessante é que em outra lavoura, a menos de 300 metros distante da primeira — também documentada fotograficamente — onde a palha fora conservada e realizado o plantio direto, não haviam, sequer, sinais de escoamento de água nos canais dos terraços.

Como pode um homem, que "se diz proprietário" de uma área de terras, e que vive menos de 100 anos, se achar no direito de manejar o solo de forma inconveniente, permitindo que se percam milhares de anos de trabalho da natureza? O agricultor que queima a palha, sem dúvida alguma, é um inimigo de si mesmo e, mais ainda, de seus filhos e netos.

A situação dos nossos solos, embora a produtividade já esteja seriamente comprometida, só não é pior ainda, porque a natureza foi realmente muito pródiga conosco. Colocou-nos sobre solos maravilhosos, muito bons, principalmente nos aspectos físicos. Mesmo assim, se continuarmos insistindo teimosamente em agredí-los, logo, logo, pagaremos muito caro por isto.

Muitos dizem que, quem queima a palha e maltrata o solo, acabará perdendo a terra e que, na verdade, não merece outra coisa. Sou partidário desta idéia e, fatalmente, este será o destino destes produtores. Infelizmente, quem seguramente acabará "pagando o pato" serão os filhos e ou os netos destes produtores.

Ouvem-se com frequência, afirmações como: — "Eu não acredito na palha. Fulano queima a palha e sempre colhe bem!" Evidentemente existem exceções, mas para estes, podemos apresentar um número muito maior de produtores "mais espertos e inteligentes" que não queimam a palha e que colhem muito mais ainda. Se queremos prosperar, não podemos nos "nivelar por baixo".

Rivaldo Dhein é agrônomo e pesquisador do CTC

Prêmio pela diversificação

Fecotri e ATER Cooperativa premiam produtores que se destacam em diversificação de atividades e preservação ambiental

Mais de cinquenta pessoas, entre autoridades, produtores, técnicos e dirigentes cooperativistas estiveram presentes à solenidade de entrega de prêmios aos produtores que participaram da promoção "Sua Propriedade Rural em Destaque", organizada pela Fecotri e ATER, com o patrocínio da Gerda, produtos agropecuários. O ato ocorreu no dia 23 de novembro, na Afucotri de Ajuricaba, e contou com a presença do presidente da Fecotri, Odacir Klein, vice-presidente Rui Polidoro Pinto, do vice-presidente da Cotrijuí, Celso Sperotto, do prefeito municipal Deniz Espedito Serafini e o representante do Comitê Estadual da ATER Cooperativada, João Luiz Pillon.

Erino Porazzi, associado da Cotrijuí em Ajuricaba foi o grande vencedor da região 6ª da Fecotri, da qual integram 12 cooperativas, seguido de Oldemar S. Gehlem da Cotrimaio, e Jaime Barroso da Silva, da Coopatrigo. Os três primeiros colocados foram agraciados com uma placa de prata e três rolos de arame liso, com 500 me-



Premiação: Odacir Klein falou sobre objetivos da promoção, num ato que contou com a participação de João Pillon, da ATER (à esquerda), Deniz Serafini, Celso Sperotto e Rui Polidoro Pinto (à direita).

tros cada, enquanto os produtores como Evaldo Seifert, Ijuí e Jarbas Sperotto, Santo Augusto, também associados da Cotrijuí, receberam prêmios especiais da Cooperativa: passagem de ida e volta para a França, com estadia. A viagem será realizada de 1º de março a 30 de abril, como parte do programa de intercâmbio entre Ijuí e França.

EXEMPLO A SER SEGUIDO — Destacados de uma forma ou de outra, todos os produtores envolvidos na promoção tiveram suas propriedades analisadas de forma integral e baseada em critérios como o de conservação do solo, produção diversificada, preservação e recuperação ambiental, além do grau de relações comunitárias e os índices de produtividade. "Nossa intenção é valorizar a pequena e média proprie-

dade, para que elas sirvam de exemplo a outras entidades e outros produtores", salientou João Luiz Pillon, que também é coordenador da 6ª região da Fecotri.

O presidente da Fecotri Odacir Klein, por sua vez, ressaltou a valorização da pequena e média propriedade, lembrando que o objetivo da promoção é o de apontar a rentabilidade de pequenas áreas, onde ela é registrada não somente pelo custo de produção de um setor e pelos preços alcançados, mas pela sua manutenção como forma de viabilizar outras atividades existentes na propriedade. "Para se alcançar

esta rentabilidade é preciso ter vista não somente da produção, mas da qualidade de vida e da possibilidade de recuperação daquilo que resultou do longo processo predatório da agricultura", finalizou Klein, dizendo ainda que "a entrega dos prêmios é feita pelo cooperativismo gaúcho que, ao contrário de outras entidades, quer que todos os seus associados cresçam e possam ser premiados".



Produtores e técnicos durante o encontro

Destaques na Região Pioneira

Como é de se esperar, todos os produtores premiados e destacados pela promoção "Sua Propriedade Rural em Destaque", da Fecotri e ATER, são unânimes em afirmar a importância da conservação do solo e dos cuidados com o meio ambiente para manter a rentabilidade de suas propriedades. Embora uns dediquem maior espaço a uma determinada atividade, seja da lavoura ou da pecuária, nenhum deles deixa a diversificação em segunda mão, procurando de uma forma ou de outra ampliar a receita em vários setores.

Erino Porazzi, por exemplo, que é proprietário de 67 hectares na Linha 11, Ijuí, mas associado pela unidade da Cotrijuí em Ajuricaba, foi o primeiro ganhador não somente pelo que apresenta em sua propriedade, como também pela preocupação que mantém há vários anos com a conservação do solo. Sem descuidar da rotação de culturas com espécies que possibilitem o maior aproveitamento de material orgânico, Porazzi procura melhorar ainda as condições de solo e obter ao mesmo tempo redução nos custos da lavoura, fazendo plantio de milho e soja, pelo sistema direto, especialmente com semeaduras sobre a palha de aveia. Nesta safra que está sendo cultivada, ele já tem 60 por cento da área em plantio direto, que espera totalizar no próximo ano.

LEITE, SUÍNOS E PEIXES — O que sobra da lavoura que não é ocupada pela soja e milho, Porazzi faz plantio de pastagens de verão, que junto com a silagem de aveia e mais a ração

caseira servem a um rebanho de 10 animais, sendo oito em lactação, e rendendo de 15 a 20 litros diários cada uma. No inverno, estes animais também se alimentam da ervilhaca, que divide a área com a aveia para silagem e semente, com o trigo e com o centeio.

Na suinocultura o produtor também aposta, mantendo atualmente um plantel de cinco criadeiras e 100 porcos, criados em consorciação com os peixes produzidos no açude. Esta é uma das atividades que o produtor mais se orgulha, tanto pela economia e praticidade da produção, como pelos resultados obtidos. "Anualmente tiro uma tonelada e 220 quilos de peixes", diz Porazzi, gabando-se ainda da produção de alevinos, que no ano passado superou a comercialização de espécies, como carpa capim, cabeça grande e espelho.

Premiado também pela manutenção de uma vasta horta caseira, criação de aves para o consumo, pomar, criação de abelhas e um hectare reflorestado, Porazzi já pensa em ampliar as suas atividades, entrando de uma forma organizada na citricultura.

APROVEITAMENTO INTEGRAL — Embora não tenha sido agraciado pelos prêmios da Fecotri, o seu Evaldo Seifert faz jus ao destaque obtido na promoção. Proprietário de 50 hectares na localidade de Alto da União, Ijuí, o produtor costuma dizer que "jogar tudo numa planta só é muito risco", justificando assim o seu empenho em diversificar a propriedade, e aproveitar os subprodutos de cada atividade. Além da soja, que como as outras culturas são todas cultivadas com recurso próprio, Seifert sempre destina uns cinco hectares para o milho, que serve como silagem a um rebanho leiteiro de 30 animais, com nove em lactação produzindo quinze litros cada um.

Este rebanho se alimenta ainda de aveia guardada em dois silos, e que é cultivada no inverno, tanto para esse fim como para semente. O



Porazzi: o primeiro colocado

trigo, segundo ele, ocupa normalmente apenas um terço da área, sendo o restante ocupado por culturas como aveia, ervilhaca, sincho e a alfafa, que é utilizada para o rebanho de suínos e como feno para o gado leiteiro.

A partir dessas duas atividades, especialmente da suinocultura, é que o produtor tem tirado um dos melhores rendimentos, através da coleta integral do esterco usado como adubo para as lavouras de pastagens e forrageiras. Para fazer isso, Seifert construiu uma estrumeira com capacidade de 50 mil litros, a qual já tem acoplada uma caixa receptora de água das chuvas. Retirado através de sucção, este esterco é colocado nas áreas mais fracas em fertilização obtendo com isso até a duplicação da produção.

Com uma boa parte de terra reflorestada, mantendo uma produção de mel de mais de 450 quilos, o produtor que somente não fez plantio direto ainda porque não possui maquinário adequado, também foi destacado pelo desenvolvimento das relações comunitárias. Através de vários grupos mantidos com a vizinhança, ele, junto com demais produtores, se utilizam de uma ensiladeira, do classificador de cereais, capinador de terraço e do espalhador de calcário.

ALIMENTO DE SOBRA — O terceiro produtor destacado na região Pioneira da Cotrijuí é Jarbas Sperotto, que cuida dos 200 hectares da família em Santo Augusto. Adepto do plantio direto e das várias práticas necessárias à conservação do solo, o produtor tem uma dedicação especial à pecuária leiteira, contando atualmente com 30 vacas em lactação, as quais rendem 540 litros por dia.

Para alimentar todos estes animais, Spe-



Porazzi: o primeiro colocado



Sperotto: alimentação em abundância para o gado

rotto mantém no inverno uns 60 hectares de forrageiras como ervilhaca, aveia preta e aveia, além de fazer silagem de milho e aveia. Conta ainda com dois mil e 500 fardos de aveia, 150 fardos de alfafa, a qual foi implantada em abril e mais uns mil e 500 fardos de avevem. Afora este trato que é fornecido em cochos especiais, de a ração é dada ao mesmo tempo, os animais se servem ainda de 40 hectares de campo nativo local em que também estão preservados inúmeros pés de erva-mate nativa.

Com 45 hectares de soja em plantio direto, semeado parte sobre a palha de trigo e parte sobre a palha de aveia, Sperotto também não descuidou da rotação de culturas. O desenvolvimento da planta, no entanto, observado nas duas áreas leva o produtor a refletir sobre as vantagens de reduzir a área de trigo, para em seu lugar aumentar a lavoura de aveia, que serviria tanto para semente, ou para silagem e ainda forneceria a melhor palha para o plantio direto.



Seifert: adubação orgânica é fundamental

Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese

VERMINOSE

CUIDADO! SAIBA COMO ESTES INIMIGOS COSTUMAM ATACAR.

A verminose é uma doença que compromete o desenvolvimento físico e pode se refletir no comportamento das crianças. E também dos adultos. Infelizmente, a verminose ainda apresenta altos índices de incidência em nosso país, podendo se propagar facilmente entre indivíduos de uma mesma comunidade ou de uma família. É que a utilização dos mesmos utensílios, roupas e objetos, facilitam o contágio da doença. Por isso, é muito importante saber como evitá-la. Aprendendo a combater as verminoses, você estará protegendo a sua saúde e a de seus familiares. E também impedindo sua propagação para a população do nosso país.

ASCARIDÍASE

Verme causador

Ascaris lumbricoides, mais conhecido como lombriga. Este verme chega a medir de 15 a 25 cm de comprimento e se aloja no intestino delgado, onde se alimenta de nutrientes ingeridos pelo hospedeiro. Pode eliminar até 200 mil ovos por dia e nos casos

de infestação maciça, uma pessoa pode abrigar até centenas de vermes. Porém, apenas 50 destes vermes são suficientes para roubar de 50 a 90 por cento das proteínas de seu portador.

Sintomas

Cólicas abdominais, enjôo, alterações intestinais, mudança do apetite, falta de disposição, fraqueza, emagrecimento.

Conseqüências

As grandes infestações podem resultar em obstrução intestinal parcial ou total, chegando a provocar até mesmo a morte do paciente.

Nas infestações menores, retardam o desenvolvimento físico e comprometem o comportamento das crianças e dos adultos.

Como ocorre a contaminação

Através de mãos sujas, água contaminada, alimentos mal lavados e poeira.



TENÍASE

Verme causador

Taenia saginata ou Taenia solium, mais conhecidas como solitária. É o maior verme que existe. Chega a medir 9 m de comprimento e eliminar de 30 a 60 mil ovos por dia.

Sintomas

Fraqueza, alteração do apetite, perda de peso e emagrecimento.

Como ocorre a contaminação

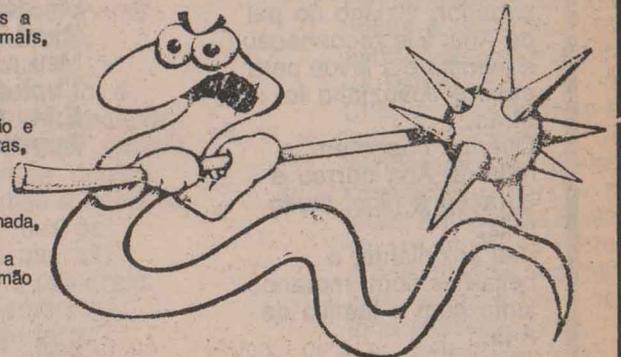
Os ovos da solitária são eliminados pelas fezes da pessoa portadora. No chão, esses ovos se transformam em larvas e infestam inicialmente um animal: o boi ou, principalmente, o porco. Ao comermos a carne crua ou mal passada destes animais, também nos contaminamos.

Sintomas

Muita cocelra na região anal, secreção e outros sintomas como náuseas, tonturas, vômitos, cólicas.

Como ocorre a contaminação

Através de mãos sujas, água contaminada, alimentos mal lavados, poeira e auto-infestação, que acontece quando a criança, depois de se coçar, leva a mão à boca.



OXIURIÍASE OU ENTEROBIÍASE

Verme causador

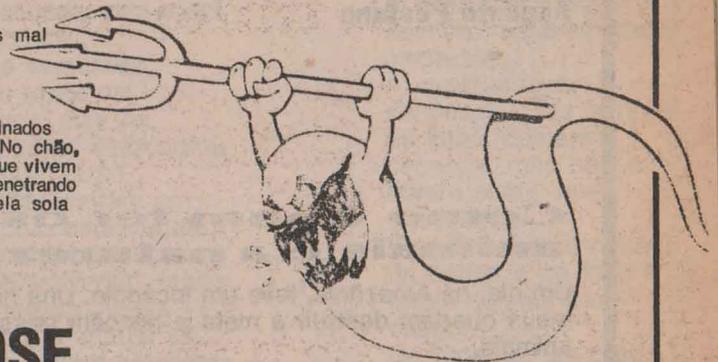
Oxylurus ou Enterobius vermiculares. Este verme tem cerca de 1 cm de comprimento, é fininho como um fio de linha e aparece em quantidade, principalmente em crianças.

Sintomas

Perda de peso, fraqueza, cólicas, diarreia crônica ou aguda, com ou sem perda de sangue.

Como ocorre a contaminação

Através de mãos sujas, alimentos mal lavados e água contaminada.



TRICURIÍASE OU TRICOCEFALÍASE

Verme causador

Trichuris trichiura. Não é rara sua presença. Mede cerca de 4 a 5 cm de comprimento e se aloja no intestino da vítima, sugando seu sangue.

Sintomas

Desânimo, cansaço, fraqueza, pele amarela.

Conseqüência

Anemia cada vez mais grave.

Como ocorre a contaminação

Os ovos desses vermes são eliminados pelas fezes da pessoa portadora. No chão, os ovos se transformam em larvas, que vivem semanas à espera de uma vítima, penetrando através da pele, principalmente pela sola dos pés de quem anda descalço.

ANCILOSTOMÍASE

Verme causador

Ancilostoma duodenalis. Aparecendo em grande número nas infestações — 500 e até 1000 — este verme também é conhecido como amarelo. Aloja-se no intestino e, fixado na mucosa através de pequenos ganchos, fica sugando o sangue da vítima, causando grandes perdas que, geralmente, resultam em anemia.

EVITE OS PERIGOS DA VERMINOSE

- BEBA SOMENTE ÁGUA FILTRADA OU FERVIDA.
- MANTENHA AS MÃOS SEMPRE LIMPAS E AS UNHAS APARADAS.
- COMA SOMENTE CARNES BEM PASSADAS.
- LAVE BEM AS FRUTAS E VERDURAS ANTES DE COMER OU COZINHAR.
- LAVE BEM AS MÃOS ANTES DAS REFEIÇÕES E DEPOIS DE USAR OS SANITÁRIOS.
- PROCURE PERIODICAMENTE UM MÉDICO OU POSTO DE SAÚDE.
- ANDE SEMPRE CALÇADO.

Cilag Farmacêutica Ltda
Campanha Nacional de Combate à Verminose.



Pensando no futuro

Estava sentada na sombra de um Ipê, pensando no meu futuro, de repente surgiu voando um beija-flor e me disse:

- Olá, amiga, no que você está pensando?
- Estou pensando no meu futuro.
- Qual é o seu nome, menina?
- Meu nome é Ana, e o seu?
- O meu é João.
- Que faz menina tão longe de casa?
- Eu fugi de casa e estou procurando um lugar para morar.
- Você pode morar em minha casa, tem duas camas e você pode cozinhar e limpar a casa para mim.
- Está bem, vou morar com você, Joãozinho.

E Joãozinho levou Ana para sua casa. Quando eles chegaram, João mostrou a casa, dentro dela era cheio de mel. De dia, Ana limpava a casa e à noite com Joãozinho procurar mel. Certo dia apareceu um caçador, vizinho do pai de Ana. Ele reconheceu a menina e a levou para casa e Joãozinho foi atrás.

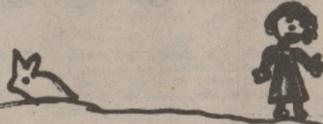
Quando chegaram, a mãe de Ana correu e abraçou a filha, muito feliz.

Dali em diante, o beija-flor ficou morando junto com a família de Ana.
Patrícia Isabel Kenal
- E.E. 1º G. Miguel Couto
Augusto Pestana

O Chefe chileno

O chefe chileno era muito brabo, soltava chispa das vistas, parecia um chupim. Ele morava na chácara e usava um chapéu tapeado na testa. Era um caçador dos bons, matava bode por veado. Fazia churrasco e convidava os vizinhos para dançar chula.

Leandro Olmiro Peyert - 5ª série
E.M. 7 de Setembro.



A formação da chuva

A chuva enche os rios, lagoados e açudes, sangas, molha as plantas e as faz crescer.

Depois da chuva, o sol aparece aquecendo tudo com seu calor. O sol evapora a água dos rios, dos lagoados, das sangas dos açudes e das roupas molhadas, isto é, transforma a água em vapor. Esse vapor vai subindo e se transforma em gotas de água. Essas gotas de água se juntam e formam as nuvens.

Quando essas nuvens estão cheias de gotas, elas ficam muito pesadas e caem em forma de chuva.
2ª série - E.M. 1º G. I.
Coelho Neto

Página do Leitor

O Coelho

Era uma vez uma horta que tinha um canteiro com cebola, um canteiro com alho, um pé de cenoura e um coelho muito sem vergonha que arrancou o pé de cenoura para comer. E o dono do canteiro viu que o pé de cenoura não estava mais lá e percebeu que tinha rastros de coelho. E fez uma armadilha para o coelho. O dono quebrou uma vara para surrar o coelho. Surrou-o até quebrar a vara e foi buscar outra. Enquanto o dono buscava, o coelho conversou com uma raposa. A raposa desamarrou o coelho, fugindo de lá para sempre.

E o dono nunca mais viu o coelho na horta.
Renato José Benmann - 9 anos - 3ª série
E.M. República do Piratini - Ijuí

O jacarezinho e os dois patinhos

Um dia os patinhos estavam tomando banho na lagoa azul. Quando ele viram, apareceu de surpresa um jacarezinho. Os patinhos continuaram felizes a nadar. Depois o jacarezinho expulsou os dois patinhos da lagoa azul. Depois, pegou os dois patinhos e engoliu-os. A mamãe pata ficou muito triste porque o jacarezinho comeu os dois patinhos dela.

Márcia Decker - 2ª série
E.M. R. Piratini - Linha 6 Norte - Ijuí.

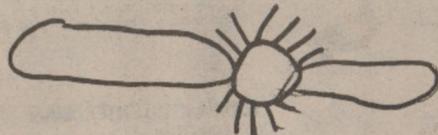


A gata

Eu sou uma gata muito bonita. Eu faço assim: miau, miau. Eu pego rato e também pego pintinho novo.

Tenho medo dos cachorros. Sou fofinha e peludinha. Tenho pintinhas pretinhas. Eu roubo queijo da dona da casa. Um dia a mulher foi passear, e eu fiquei lá dentro e comi todo o queijo. Meu rabo é comprido.

Luci de Fátima dos Santos - E.M. 1º G. I. Ana Nerie
Augusto Pestana.



Cheila Müller - A. Pestana

A girafa e a mutuca

Era uma vez uma girafa chamada Zilda.

Zilda era muito alta e bonita. Certo dia, Zilda saiu para comer algumas folhas. Zilda estava muito distraída comendo folhas, quando de repente, ouviu um barulho, e ficou escutando: Zzzzzzzzzzz...

Ela pensou, pensou e de repente surgiu surgiu uma mutuca, e lhe pregou uma picada na perna. Zilda saiu gritando e correndo.

Mas Zilda não sabia que a mutuca queria apenas falar e ser amiga sua. Zilda era muito burra e não pensava nas coisas.

Certo dia, a mutuca saiu muito triste. Caminhou muito. De repente surgiu uma nova bruxa dizendo:

- Eu posso fazer você falar com gente ou com girafa.
E a mutuca respondeu:
- Zzzzzzzzzzz...

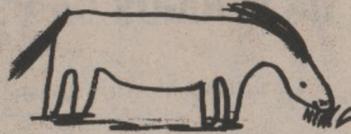
- Sim, eu entendo - disse a bruxa.
- Basta eu estalar os dedos e você estará falando como você quiser.

E a mutuca ligeiro foi à procura de Zilda. Depois de um longo papo, elas ficaram amigas e a mutuca realizou seu sonho de falar com Zilda.
Patrícia Isabel Skenal

A história no futuro

Buscarei um quilo de arroz, no mercado comprarei dois de banana. Levarei meu sapato hoje. Brincaremos de pega-pega, correremos na estrada. Amanhã os amigos trarão meu caderno, irão a escola, calaremos nas pedras e choraremos, porque nos machucaremos.

Amauri Cardoso Rodrigues - 5ª série
E.M. de 1º G. Inc. 7 de Setembro.



Dalvânia de Arruda Odorissi
Augusto Pestana

Meu papagaio

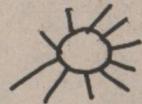
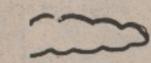


Meu papagaio

Eu ganhei um papagaio do meu padrinho no Natal. Ele tem penas amarelas, vermelhas e azuis, também tem penas verdes. Ele já botou 37 ovinhos. Quando ele bota um ovinho, Ele fica manca de uma perna. Ele fala: gosta de mim, mas

gosto muito dele.
Ele fala:
- Pai vem buscar a cota.
- Mimi, Mimi!
- Toquinho, dá risada.
- Tacl, estou com fome!
Eu adoro meu papagaio!

Daniele Colate - 3ª série



Parábola do Semeador

Jesus estava à beira do mar, dando ensinamentos a uma grande multidão. Um de seus ensinamentos foi a parábola do semeador. O semeador ao semear as sementes, deixou cair algumas à beira do caminho, mas os pássaros que ali passavam, comeram. Outras sementes caíram em terra rochosa, onde as sementes nasceram, mas como o solo não era profundo, veio o sol e matou-as.

Outras sementes, caíram entre os espinhos, mas os espinhos as sufocaram. Algumas outras sementes caíram em terra boa, estas então, germinaram, cresceram e desenvolveram, tendo uma boa produção.

E concluiu Jesus: se alguém quiser entender, entenda!
Janine Zucolotto - 7ª série
E.E. Antônio Mastella - Jóia

As irmãs tartarugas

Num belo dia de sol, três tartarugas, duas velhas e uma mais nova, resolveram fazer um piquinque.

Prepararam os comes e bebes e lá se foram estrada fora, a caminho da floresta.

Chegando lá, tiraram os lanches da cesta e verificaram que haviam esquecido o abrigo de latas; então a mais nova viu um casal de lebres e dois filhotes. Foi para junto deles e falou com toda a delicadeza.

- A senhora poderia emprestar o abrigo de latas, por favor? A lebre como era uma senhora muito educada, emprestou.

Aí o piquinque continuou. Elas abriram as latas, comeram e beberam, mas não se deram conta que anoiteceu.

Elas ficaram com medo da coruja e do lobo e foram quietas para casa.

De repente, um urso veio e elas se esconderam atrás das pedras e ele passou. Finalmente elas conseguiram chegar em casa, sãs e salvas.

- Que felicidade! - disseram elas.
- Felicidade não, maravilha! - disse a mais nova.

Valéria dos Santos Cavaleiro - E.E. 1º G. Miguel Couto
Augusto Pestana.

Como é bom ter os animais e a natureza

Um dia, na Amazônia, teve um incêndio. Uns homens maus queriam destruir a mata e também nossos animais.

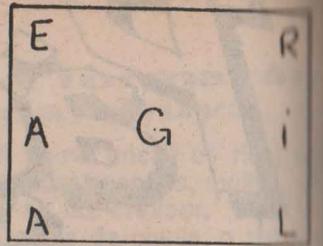
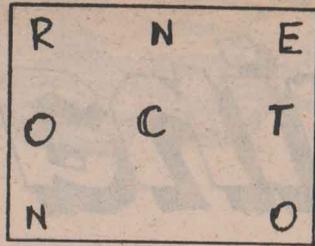
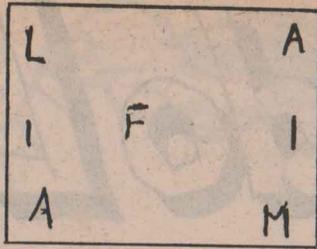
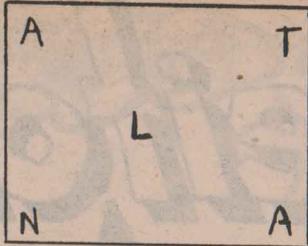
Naquele dia, eles nem tinham visto que estavam colocando milhares de animais em extinção. Naquele mesmo dia, veio a polfica florestal e prendeu os homens. A multa que eles receberam foi replantar tudo o que haviam destruído.

Eles plantaram e depois não fizeram mais queimadas. Em menos de um ano, já tinha bastante árvores e animais. Todas as pessoas gostaram muito da multa que eles tiveram. Mesmo assim, outras pessoas continuam queimando.

Nós precisamos acabar com o desmatamento, isso é muito ruim para o Brasil.

A gente precisa parar com as queimadas, é assim que tem que ser feito.
Adriana Valentini - E.E. Antônio Mastella - Jóia.

Descubra as palavras que estão dentro dos quadros. Depois, usando-as, escreva uma bonita frase.



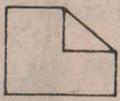
Passatempo

DOBRADURA

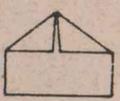
Faça um barquinho igual a este, escreva uma bonita mensagem de Natal e presenteie um amigo. Ele vai adorar! Se quiser, faça muitos barquinhos iguais a este e presenteie muitos amigos.



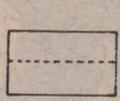
Dobrar ao meio



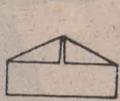
Dobrar uma das pontas até o meio



Dobrar a outra ponta também



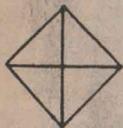
Dobrar uma das pontas para cima



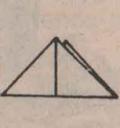
Dobrar a outra aba também



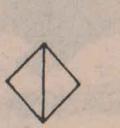
Formar um losango.



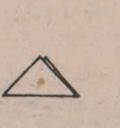
Dobrar as duas pontas para cima



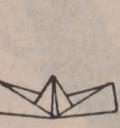
Dobrar a outra ponta também.



Formar outro losango.



Dobrar uma das abas para cima

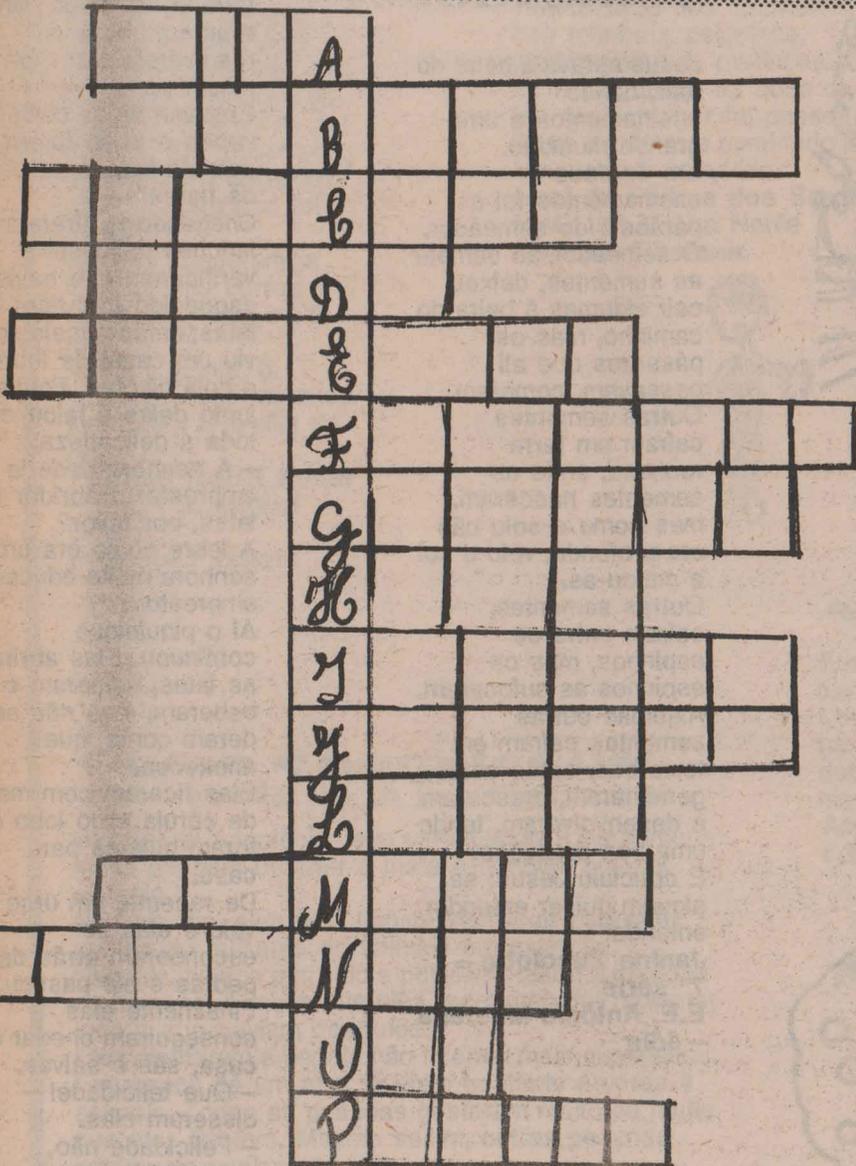
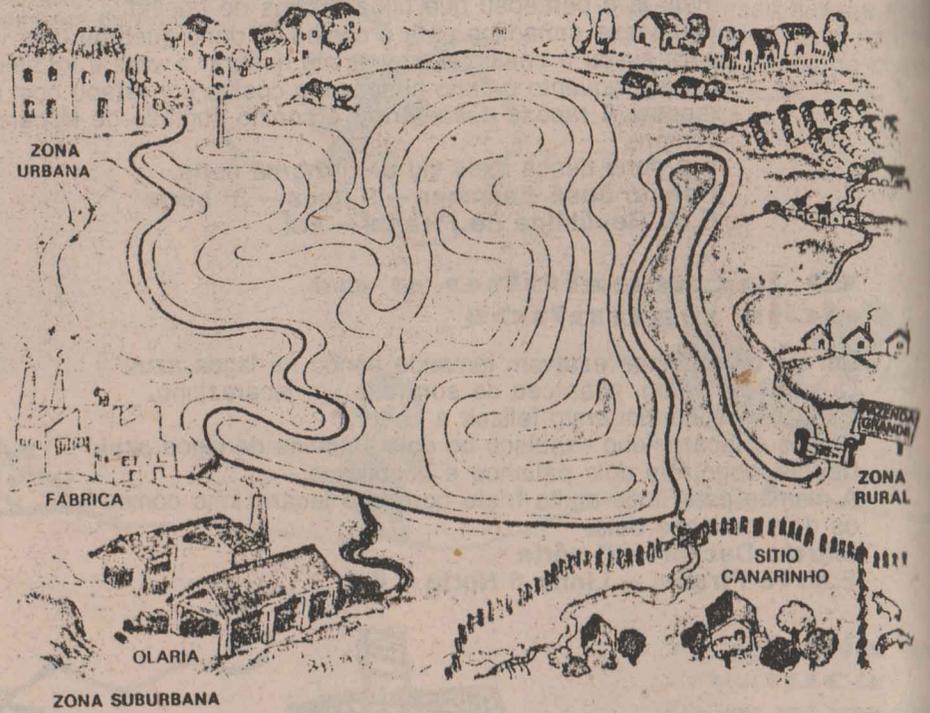


Puxar as duas pontas de dentro



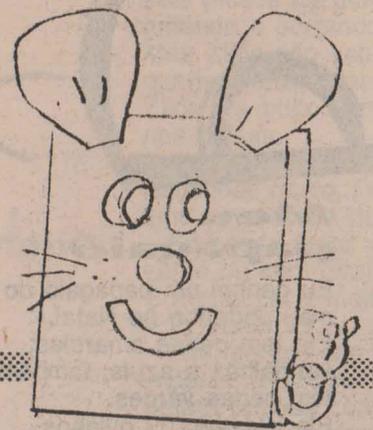
Pronto!

Ajude o ônibus chegar até a cidade:



CRUZADINHAS:

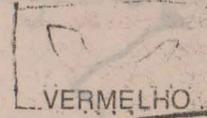
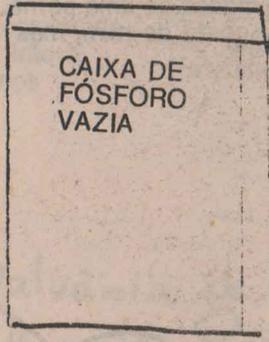
- Nome de menina.
 - Inseto útil
 - Cor da geadá
 - Parte da mão
 - Estação fria do ano
 - Grupo formado pelo pai, mãe, filhos
 - Contrário de pequeno
 - Esse dia
 - Lugar onde se vai rezar
 - Parte dá casa
 - Onde se guarda o melado
 - De onde nasce um vegetal?
 - Hora boa na escola?
 - De onde vem o pinto
 - Animal que dá banha.
- Ana Beatriz Rodriz - Augusto Pestana



Ratinho feito de caixa de fósforo

Material: caixa de fósforo vazia, retalhos de papel nas cores amarelo, preto e vermelho.
 Como fazer: tira-se a parte interna da caixa e coloca-se um papel colorido na parte externa.
 Corta-se uma tira de 18cm de comprimento com meio centímetro de largura.
 Essa tirinha, enrolamos em um lápis e depois soltamos o papel. O papel fica como mola. Cortamos as orelhas amarelas, uma roda preta para o nariz, um semi-círculo vermelho para a boca e duas rodinhas pretas e duas amarelas para os olhos.
 Aí é só colar na caixinha. Está pronto o ratinho!

Adriana Csali Pereira
 E.M.I. São Miguel - Ijuí



RESPOSTAS DAS CHARADAS DA EDIÇÃO PASSADA:
 O futuro, o relógio, o lápis, a bola.